



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MEMÓRIAS GEOGRÁFICAS:**  
**As Cinco Peles do Pai Bitu – São Francisco de Paula/RS**

Janderson Alex de Oliveira Gonçalves  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Dorfman

Porto Alegre, 2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**MEMÓRIAS GEOGRÁFICAS:  
As Cinco Peles do Pai Bitu – São Francisco de Paula/RS**

Janderson Alex de Oliveira Gonçalves  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Dorfman

Banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Coeli Machado e Silva (UNIOESTE)  
Prof. Dr. Nelson Rego (POSGEA-UFRGS)  
Prof. Dr. Luiz Fernando Mazzini Fontoura (POSGEA-UFRGS)

**Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Geografia como requisito para  
obtenção do título de Mestre em  
Geografia.**

Porto Alegre  
Dezembro, 2016.

#### CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves, Janderson Alex de Oliveira  
Memórias Geográficas: As Cinco Peles do Pai Bitu -  
São Francisco de Paula/RS / Janderson Alex de  
Oliveira Gonçalves. -- 2016.  
219 f.

Orientadora: Adriana Dorfman.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,  
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,  
BR-RS, 2016.

1. Paisagem. 2. Memória. 3. Geografia Oral. 4.  
Escalas Geográficas. 5. Hundertwasser. I. Dorfman,  
Adriana, orient. II. Título.

## Agradecimentos

Agradeço, encarecidamente, às minhas tias paternas que, juntas comigo, tornaram este trabalho possível: Almira Gilda, Aura e Armi.

Gostaria de homenagear à minha tia Belinha, que nos deixou quando o projeto já estava em curso. Foi a partir dela, inclusive, que as ideias desenvolvidas aqui se originaram.

À Rosania, outra pessoa que se foi durante o trabalho. Importante não apenas por me levar até o Pai Bitu, mas também por ter sido uma prima tão querida e que deixa muitas saudades.

Sempre se faz necessário o agradecimento à minha mãe, dona Gélia, que, mesmo não estando mais entre nós, eternamente a levarei aqui comigo.

Aos meus irmãos e sobrinhos, pelas alegrias proporcionadas.

À Débora, minha noiva dedicada, pela leitura atenta e críticas sinceras. Obrigado pela companhia ao longo dessa jornada e por tornar essa etapa de minha vida menos penosa.

Aos colegas da EMEF Saint' Hilaire, sobretudo ao Marco Antônio Mello e às irmãs Rita e Anezia Viero, que me auxiliaram a entender como se desenvolve uma pesquisa científica.

À orientadora Adriana Dorfman, pela amizade, compreensão e por todo o auxílio nestes últimos anos.

Aos professores Ruben Oliven e Álvaro Heidrich, pelas recomendações dadas no processo que culminou na qualificação do trabalho.

Aos professores Regina Coeli Machado e Silva, Nelson Rego e Luiz Fernando Mazzini Fontoura, por aceitarem fazer parte da banca de dissertação.

À UFRGS e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, pela oportunidade oferecida.

Gostaria de saudar a todos os pai-bituenses, que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho chegasse ao seu fim.

“Somos nossa memória, somos esse quimérico museu de formas inconstantes, esse montão de espelhos quebrados” (BORGES, 1974, p. 981)

## Resumo

A leitura das dinâmicas socioespaciais que culminaram no atual contexto do Pai Bitu é a temática desta pesquisa. Situado no interior do município de São Francisco de Paula/RS, essa localidade tem apresentado significativas transformações na paisagem, sobretudo depois da chegada da monocultura do pínus, há cerca de uma década. Nesse sentido, a memória teve aqui um papel fundamental para entender essas transformações, porque foi através das entrevistas realizadas com quatro senhoras – todas elas minhas tias paternas – que se constituiu esse entendimento. A história oral de vida foi o procedimento metodológico adotado para cumprir com essa expectativa. Podemos considerar que este trabalho está inscrito na Geografia Oral, porque se preocupa em compreender o tempo e o espaço presentes a partir dos fluxos narrativos desencadeados pela memória em colaboração. Os textos das entrevistas foram estruturados com base na transcrição. Suas análises se deram por meio de um jogo de escalas adaptado das cinco peles da obra do pintor austríaco Hundertwasser. Conclui-se que esse método nos auxilia a ter uma visão mais aprofundada da realidade daquelas que colaboraram com o processo de pesquisa. Assim, ressaltam-se os conflitos que atuam sobre o corpo, com o espaço doméstico, com as diferenças existentes entre a cidade e o campo, com os fluxos migratórios e as concepções de mundo que influenciam os sujeitos que formam a paisagem pai-bituense. Portanto, essa perspectiva enfatiza o modo como o corpo, a instância essencial de nossas experiências, é subordinado pelas outras camadas de nossa vivência espacial.

Palavras-Chave: Paisagem, Memória, Geografia Oral, Escalas Geográficas e Hundertwasser

## **Abstract**

The theme of this research is the reading of sociospatial dynamics which culminated in current context of Pai Bitu. Placed in the countryside of São Francisco de Paula/RS, this location has shown significant changes in its landscape, especially after the arrival of the monoculture of pine, about a decade ago. In this sense, the memory had a key role to understand these changes, because it was through interviews with four women – all of them my paternal aunts – that this understanding was built. The life's oral history was the methodological procedure adopted to meet this expectation. We can consider that this work is inscribed on Oral Geography, because it strives to understand the present time and space from the narrative lines evoked by the collective memory. The texts from the interviews were structured based on transcreation. Their analysis came to be through an interaction of scales adapted from the five skins theory of the Austrian artist Hunderwasser. It is concluded that this method helps us to have a deeper insight into the reality of those who collaborated with the research process. Thus, we emphasize the conflicts that act on the body with the domestic space, with the differences between town and country, with migratory flows, worldviews, which influences the subjects that create Pai Bitu's landscape. Therefore, this perspective emphasizes the way in which the body, the essential instance of our experiences, is dependent on other layers of our spatial experience.

Key-words: Landscape, Memory, Oral geography, Geographic scales e Hundertwasser.

## Lista de Figuras e Tabelas

Figura 1: Campos de Cima da Serra.....	18
Figura 2: UC e Sistema Salto de barragens de São Francisco de Paula.....	19
Figura 3: Distritos de Caxias do Sul e São Francisco de Paula.....	20
Figura 4: Atuais distritos do município de São Francisco de Paula.....	21
Figura 5: A espiral visionária.....	24
Figura 6: Geometrização da paisagem.....	37
Figura 7: Dominação da natureza.....	37
Figura 8: Roteiro de entrevista na proposta de peles.....	70
Figura 9: Armi.....	78
Figura 10: Aura.....	82
Figura 11: Gilda.....	86
Figura 12: Almira.....	101
Figura 13: Esquema da casa, segundo a Almira.....	104
Figura 14: Apresentando as filhas à sociedade.....	119
Figura 15: Tia Aura abrindo as portas do galpão.....	123
Figura 16: Estrada de acesso ao Pai Bitu.....	133
Figura 17: Disputa por espaço entre o pínus e a criação de gado.....	145
Figura 18: Heredograma da família Gonçalves.....	161



## Sumário

Apresentação.....	10
Transfiguração.....	12
A Procura de um Norte.....	14
Cadê o Pai Bitu?.....	16
A Geografia Imita a Arte.....	23
Escalas Hundertwasserianas.....	26
Pai...sagem.....	29
Preciso, Memorioso.....	38
Geografia e Linguagem Literária.....	51
Qualidade ou Quantidade?.....	52
Oralidades.....	55
Entre a Fala e a Escrita.....	60
Por uma Geografia Oral.....	62
Transcriar.....	66
As Desventuras de um Principiante.....	69
As Filhas do Bitu.....	73
Menção a Kafka.....	76
Tia Armi.....	78
Ordem da Vida.....	80
Tia Aura.....	82
Rosca de Milho.....	84
Tia Gilda.....	86
Garganta.....	98
Tia Almira.....	101
O Dia em que Pintor-Rei Aportou no Pai Bitu.....	112
Primeira Pele: A Pele que Elas Habitam.....	113
Segunda Pele: De Volta para Casa.....	120
Terceira Pele: do Rural ao Urbano.....	128
Quarta Pele: Migrando.....	132
Quinta Pele: Ideias de Mundo.....	137
Considerações sobre uma Geografia Oral do Pai Bitu.....	143
Memórias.....	154
Referências.....	156
Anexos.....	161

## Apresentação

O texto apresentado aqui é fruto da curiosidade. Uma de minhas principais fontes de interesse, desde a infância, era o lugar onde passava as férias de verão. As pessoas daquela localidade sempre me intrigaram, apesar de muitas serem meus parentes. Sobretudo as mulheres, porque eram elas que, na maioria das vezes, estavam em casa para nos receber.

Alguém como eu, que foi criado apenas pela mãe, está propenso a desenvolver o costume de observar o cotidiano das mulheres com maior atenção. Foi observando minhas tias paternas, em um dia de festividade e muita comida, que as ideias aqui presentes foram tomando corpo.

Busquei, assim, desenvolver um texto que enfatiza a ala feminina da família. É claro que é o meu olhar masculino sobre o universo das mulheres. Esse exercício de alteridade, aliás, revelou-se demasiado angustiante para mim. A partir dessa perspectiva, pude perceber o quanto podem ser pesadas as relações sociais delineadas em nosso cotidiano.

Sobre a estrutura do trabalho, por entender que não deva haver uma hierarquia que torne uma parte do texto que aparente mais significativa ou superior a outra, optei por organizá-lo de modo contínuo. Assim, todos os seus capítulos recebem o mesmo destaque.

Em termos práticos, os primeiros capítulos, como *Transfiguração* e *A Procura de um Norte*, estão reservados a demonstrar as ideias iniciais que desencadearam a pesquisa. Em *Cadê o Pai Bitu?*, por outro lado, eu me refiro à área e a algumas características territoriais de onde foi realizado o estudo.

No capítulo *A Geografia Imita a Arte*, eu apresento o artista plástico Hundertwasser, cuja obra terá papel fundamental para a articulação de todo o texto. Logo depois, em *Escalas Hundertwasserianas*, eu associo o conceito de escala com a proposta do pintor-rei das cinco peles.

Em *Pai...sagem* e *Preciso, Memorioso*, eu trato dos conceitos de paisagem e memória. Já em *Geografia e Linguagem Literária* e *Qualidade ou Quantidade?*,

acabo defendendo um ponto de vista que aproxima as linguagens literária e geográfica, evidenciando o método qualitativo.

Nas seções *História Oral, Entre a Fala e a Escrita, Por uma Geografia Oral e Transcriar*, por sua vez, eu discuto a oralidade e sua relação com a Geografia. Aqui, inclusive, está localizada no texto a discussão sobre os procedimentos metodológicos que fundamentam a pesquisa.

Os capítulos *As Desventuras de um Principiante, O Dia que o Pintor-Rei Aportou no Pai Bitu e As Filhas do Pai Bitu* são trechos que preparam o leitor para as entrevistas. Depois disso, temos um texto introdutório e uma transcrição de entrevista, respectivamente, para cada uma das quatro tias, que nos compartilharam suas experiências em *Menção a Kafka, Tia Armi, Ordem da Vida, Tia Aura, Rosca de Milho, Tia Gilda, Garganta e Tia Almira*.

Já em *Primeira Pele: A Pele que Elas Habitam, Segunda Pele: De Volta para Casa, Terceira Pele: do Rural ao Urbano, Quarta Pele: Migrando e Quinta Pele: A Ideia de Mundo*, estão as análises das entrevistas, que foram organizadas em cinco níveis escalares que se articulam entre si.

Minhas conclusões podem ser encontradas na seção *Considerações sobre uma Geografia Oral do Pai Bitu*. Para finalizar os elementos textuais desta dissertação, há uma poesia, escrita por mim, que busca sintetizar todo o processo criativo do presente trabalho.

## Transfiguração

"Algunas cosas del pasado desaparecieron,  
pero otras abren una brecha al futuro  
y son las que quiero rescatar".  
Mario Benedetti

Comecei a conceber este trabalho em meados do ano de 2011, quando fui a uma festa na localidade de Pai Bitu, zona rural município de São Francisco de Paula/RS. Na ocasião, comemorávamos o aniversário de uma de minhas tias paternas, Maria Isabel, mais conhecida como Belinha. Fazia uma década que não a via. Passaram-se dez anos desde a última vez que estive por lá.

As recordações de tudo, confusas como costumam ser, iam se reorganizando, aos poucos, à medida que me aproximava daquelas bandas. A própria estrada, uma que outra porteira, davam a sensação de familiaridade, como se fossem um quebra-cabeças e que ia se remontando no trajeto.

Sem dúvida, eu não era o mesmo garoto que visitava os rincões do Pai Bitu. Muito que acontecera durante este período me transformou, não diria em outro, mas em uma pessoa diferente. Era a primeira vez que ia para lá depois de perder minha mãe. O tempo tem essa habilidade de mexer com as pessoas.

Não tinha expectativas de como aquele lugar, que fizera parte de minha infância, poderia estar. Na verdade, esperava encontrá-lo exatamente igual como o deixara. Logo lá, onde eu passava boa parte das férias escolares de verão, entre as casas de tios e primos, numa peregrinação que estreitava os vínculos familiares. Não pensava na possibilidade de que ele também poderia estar diferente. A imagem dos prados verdejantes, que recobriam um relevo de suave ondulado, para mim estava cristalizada. Aquelas paisagens eram absolutas, ao menos em minhas lembranças. Não temos a noção, principalmente quando somos mais novos, de que a paisagem está em constante movimento; ela é uma roda que nunca para. É certo que umas são muito mais suscetíveis a mudanças que outras, mas ela é sempre dinâmica. Mesmo lá, no interior do município de São Francisco de Paula, não poderia ser diferente.

As transformações paisagísticas, no entanto, ocorreram muito mais velozes

do que duram os tempos dos ciclos da natureza. Nesse sentido, a intervenção foi tanta que mal reconheci o Pai Bitu da minha família. O quadro de minhas lembranças armazenaram não era o mesmo a ser pintado agora.

O único que permanecia quase nada alterado era o velho casarão de madeira – com suas frestas da espessura de um dedo, que não eram páreo para barrar as ventanias que costumam zunir em noites do gélido inverno serrano. Iluminada pelas lâmpadas incandescentes, a cozinha daquela casa me fez retornar à tenra idade, quando ardiam os lampiões a gás para alumia-la. A fonte de luz dos quartos com chamas bruxuleantes eram as velas de parafina, que possibilitavam a uma criança um sem-fim de ameaças imaginárias, neutralizadas apenas pela segurança proporcionada pelas cobertas de lã, deixando somente os olhos de fora – a mente humana é capaz de criar os mais fantásticos perigos. Ou quando acordava durante a madrugada e exigia que me deixassem andar a cavalo; mas logo, por volta das 4h da manhã – fica evidente que cavalgar era das minhas atividades de lazer favoritas e era a forma que tinha de explorar o desconhecido, era a verve geográfica aflorando desde muito moço.

Os tios, logo que acordavam, cedinho, dirigiam-se ao galpão, onde a ordenha era realizada. Os dedos nodosos daquelas gentes, consequência de anos a fio de trabalho nas lidas campeiras, comprimiam os tetos daquelas vacas com uma suavidade rítmica e contínua, conjugando a destreza que apenas a prática permite. Isso com o matiz da lua ainda pintando de prateado o breu da noite. Nunca fui muito fã de café, mas aproveitávamos para beber um delicioso camargo – bebida feita com leite recém-ordenhado e café.

Acordado desse devaneio do passado, a festa foi um momento de reencontro em que me deparei com toda a velha guarda da família. Mas me apeguei a observar as cinco senhoras que habitaram os campos boa parte de suas vidas: as gêmeas primogênicas Almira e Armi, Aura, a aniversariante Belinha, e a caçula, chamada Gilda. Exceto a Armi, nenhuma delas mora mais no Pai Bitu.

Muito havia mudado por lá. Primeiramente porque, há cerca de 5 anos, a energia elétrica chegara àquelas casas. Contudo, não eram apenas os postes de luz que circundavam aquelas residências. O que mais havia contribuído para

essas mudanças observadas eram as plantações de pinus, que se disseminou maciçamente sobre o que antes eram pastos destinados ao gado leiteiro.

Quando comecei a pensar sobre o presente trabalho, o questionamento que mais me intrigou foi o seguinte: o que tudo que vem ocorrendo no Pai Bitu acarretou para a vida daquelas cinco mulheres? Se eu fiquei perplexo com as mudanças que pude perceber, qual seriam os sentimentos delas, que vivenciaram ativamente este espaço. Por que apenas agora, depois de uma vida inteira no campo, a maioria delas migrou para a cidade?

A relevância do projeto está, portanto, na abordagem que enaltece as memórias espaciais de mulheres sobre uma localidade que está rapidamente se transformando. Além disso, busco dar o devido valor ao que essas senhoras têm a dizer, compartilhando as experiências de que viveu no Pai Bitu por vários anos.

## **A Procura de um Norte**

A abordagem escolhida leva em consideração o vínculo que essas cinco senhoras têm com a localidade já mencionada. Nesse sentido, elas apresentam algumas características comuns: todas camponesas que trabalharam boa parte da vida com a terra. Idosas, viúvas e, também, minhas tias paternas.

O Pai Bitu apresenta uma paisagem onde se destaca, hoje em dia, a silvicultura. A nova atividade acabou concentrando parte das terras que outrora foram da família. Muito do que antes eram campos encravados entre coxilhas onduladas passou a ser uma vastidão de árvores, monocultura que contribuiu significativamente para apresentação de outro cenário, refletindo direta ou indiretamente na vida de todos pai-bituenses.

Assim, o objetivo principal desta investigação é desenvolver uma **geografia por meio de narrativas orais que desencadeiam memórias a respeito de experiências de vida das colaboradoras, com o intuito de compreender as mudanças no Pai Bitu nos últimos 60 anos**. Para tanto, tomei as seguintes medidas:

- A) Desenvolver a oralidade e, através dela, salientar memórias que enfatizem os aspectos geográficos das vidas das colaboradoras, levando em consideração as questões de gênero, idade e parentesco.
- B) Verificar o que essas memórias e trajetórias de vida têm em comum com as mudanças na paisagem e nas redes presentes no Pai Bitu.
- C) Organizar tais trajetórias espaciais, considerando as múltiplas escalas geográficas delas decorrentes, num trabalho de transcrição.

Os conceitos que me orientaram no processo de elaboração nesse processo foram, primeiramente, a escala. Partindo do conceito de *escala*, associado às intervenções artísticas de Hundertwasser, que concebi uma sistemática que se revelou decisiva para a análise das entrevistas que fizeram parte da pesquisa.

Os dois conceitos que me guiam ao longo de todo texto são *paisagem* e memória. É, sobretudo, na profundidade de reflexão do geógrafo Jean-Marc Besse em que me auxilio para pensar sobre a primeira. Por outro lado, convido o geógrafo David Lowenthal, a psicóloga social Ecléa Bosi e, em especial, o sociólogo Maurice Halbwachs para me ajudarem a entender como funciona a memória e qual o papel dos referenciais espaciais em sua constituição.

Em seguida, apoiado no historiador José Carlos Sebe Bom Meihy e no geógrafo e historiador Alberto Lins Caldas, anuncio o método que dita os rumos desta dissertação. É a partir dos recursos da oralidade, da história oral de vida e da transcrição que proponho a divulgação da Geografia Oral como um procedimento metodológico de grande valia para o fazer geográfico.

O caminho escolhido aqui, inclusive, conferiu-me a necessária autorização para eu me incluir no texto. Como um visitante outrora assíduo do Pai Bitu, entendo que possa contribuir com a discussão. Nesse sentido, minhas memórias também são resgatadas e buscam dialogar com as narrativas concebidas pelas minhas tias paternas.

## **Cadê o Pai Bitu?**

Todo verão era sempre igual: eu, meus irmãos e minha mãe passávamos as férias visitando a parentada. Fugindo à lógica nacional, de procurar o litoral durante essa época do ano, nosso destino era outro. Partíamos de Canoas, onde eu morava até bem pouco, para a casa de minha avó, em que nos estabelecíamos e de onde rumávamos para os outros parentes que também viviam na cidade de Caxias do Sul. A partir de então, íamos para Canela, nosso caminho obrigatório até chegarmos ao Pai Bitu, o ponto alto de nossas férias.

Para aqueles que possuem família bastante grande, sempre há várias opções tanto de visita quanto de estada. De que mais lembro era como nos divertíamos andando a cavalo, colhendo frutas nos pomares, tomando banho de açude, tirando leite das vacas, jogando bola, mesmo que a declividade do terreno das coxilhas pai-bituenses prejudicassem o bom andamento das partidas.

Como esse percurso já era bastante conhecido, desde as minhas mais antigas lembranças, eu sequer estranhava as mudanças de paisagem e modo de vida que envolviam essas viagens. Para mim, era tudo muito natural, como se todas as pessoas fizessem isso frequentemente. Entendia-os como complementares, como se todos meus amigos e colegas tivessem a oportunidade de vivenciar a vida em uma pequena propriedade do interior do Rio Grande do Sul. Além disso, lá me sentia em casa, tal como se onde as tias viviam fosse a extensão do quintal de nossa casa.

O Pai Bitu localiza-se em São Francisco de Paula. Situado a Nordeste do Rio Grande do Sul, como se verifica na figura 1, esse município encontra-se na formação conhecida como Serra Geral. Segundo Boldrini, suas rochas conferem à paisagem um relevo destacado pelos platôs, onde, devido às encostas abruptas, verificamos variadas quedas d'água (2009).

Segundo Almeida, São Francisco de Paula é um dos integrantes dos chamados Campos de Altitude do Planalto das Araucárias ou Campos de Cima da Serra (2009). Sua fisionomia típica é constituída por uma cobertura vegetal



campestre permeada por capões de mata nativa e galerias. Essas matas, que compõem o domínio da Mata Atlântica, caracterizam-se pela umidade e pela existência de araucárias. Por isso, são denominadas Floresta Ombrófila Mista ou simplesmente Mata de Araucárias.

As primeiras serrarias, segundo o Plano Ambiental Municipal, instalaram-se na região na década de 1910 (SÃO FRANCISCO DE PAULA, 2008). Seus maquinários permitiram uma exploração intensiva da madeira, antes serrada a mão. Devido à abundância e à qualidade da madeira, a araucária foi uma das preferidas para extração, fazendo com que hoje seus espécimes estejam cada vez mais dispersos na paisagem serrana.

Num movimento contrário a essa lógica exploratória, não apenas da flora, mas também da fauna, foram criadas as unidades de conservação (UC) do município, conforme apresentadas no mapa abaixo. Elas são elementos que caracterizam e se destacam na paisagem de São Francisco de Paula, assim como as barragens do Sistema Salto. Desenvolvido para o fornecimento de energia elétrica dos municípios da região, esse complexo é composto pelos barramentos da Divisa, do Blang e do Salto, e pelas usinas hidrelétricas (UHE) Toca e Passo do Inferno, como se verifica na figura 2.

Sob um ponto de vista histórico, o município originou-se da emancipação do então Taquara do Mundo Novo, elevado a essa categoria com a denominação de São Francisco de Paula de Cima da Serra, em 1903. A alteração para a toponímia atual ocorreu apenas em 1920 (IBGE, 2016).

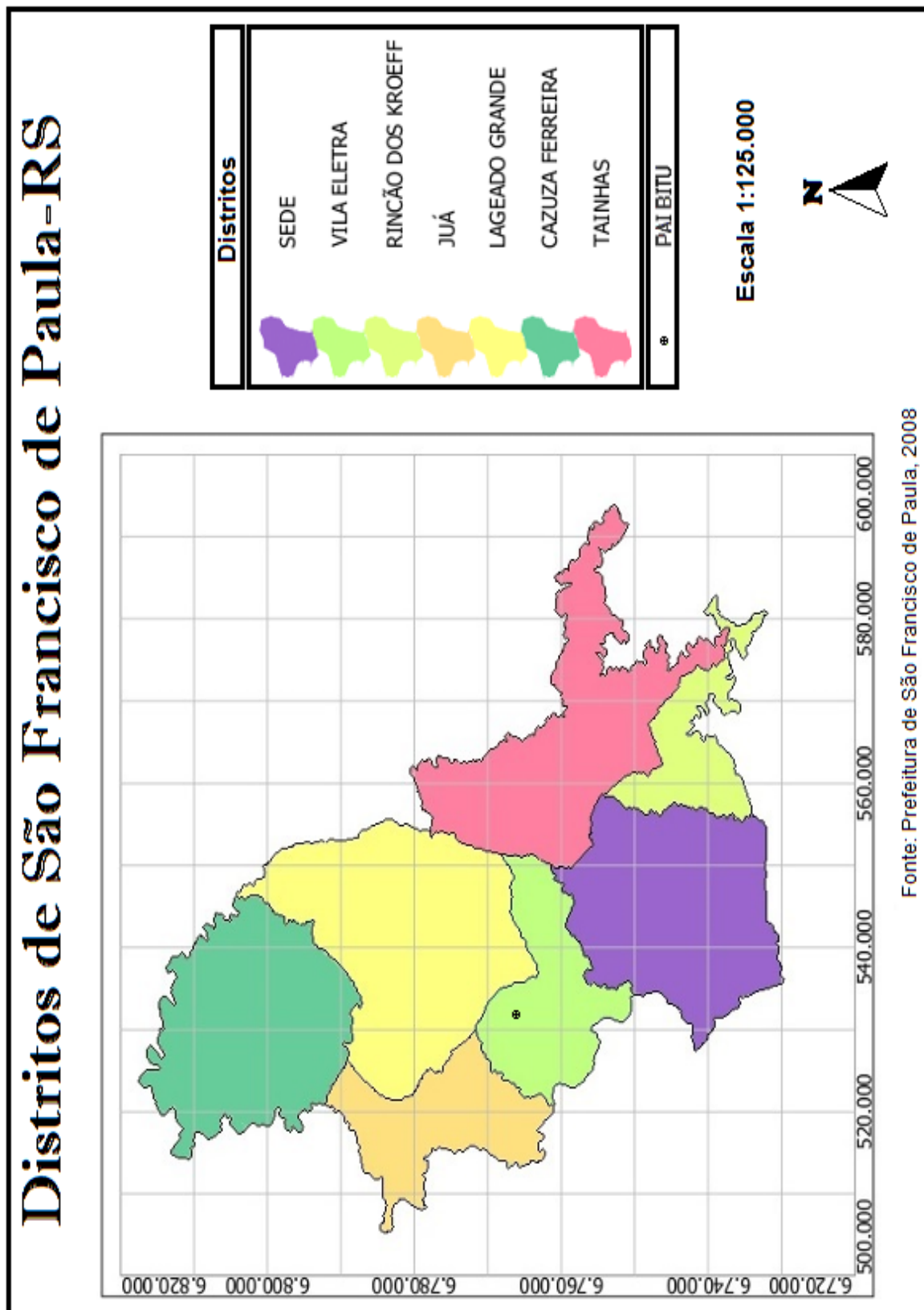
Ao longo do século XX, dois dos distritos de São Francisco de Paula deram origem aos municípios de Jaquirana e Cambará do Sul. Além disso, os atuais distritos de Vila Seca, Vila Oliva, Criúva e Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí, que faziam parte de seu território, hoje pertencem a Caxias do Sul (vide figura 3).

De idas e vindas de nomes e territórios, desde 1990 São Francisco de Paula possui sete distritos. De acordo com o sítio da prefeitura municipal, são conhecidos como: São Francisco de Paula (sede), Cazuzza Ferreira, Juá, Lajeado Grande, Rincão dos Kroeff, Tainhas e Vila Eletra, conforme a figura 4.

**Figura 1:** Campos de Cima da Serra.  
Fonte: Adaptado de SOMMER, 2013, p. 17.

**Figura 2:** UC e Sistema Salto de barragens de São Francisco de Paula.

**Figura 3:** Distritos de Caxias do Sul e São Francisco de Paula.  
Fonte: Elaborado por Isabel Rekowsky.



**Figura 4:** Atuais distritos do município de São Francisco de Paula.  
 Fonte: Adaptado de São Francisco de Paula, 2008, p. 13.

O Pai Bitu é uma das localidades da Vila Eletra, ou apenas Eletra, tal qual consta em alguns documentos oficiais elaborados pela prefeitura do município. A sede do distrito é conhecida por Salto, exatamente por estar situada às margens da represa do Salto. Dados mais precisos sobre o nome da localidade estão prejudicados, porque a biblioteca, onde provisoriamente se encontra o arquivo histórico municipal, sofreu com uma infiltração, acabando por danificar vários documentos históricos serranos.

Como contam os moradores mais antigos, o nome Pai Bitu tem origem indígena. Aliás, de acordo com registros arqueológicos encontrados em vários pontos dos Campos de Cima da Serra (SÃO FRANCISCO DE PAULA, 2008), os primeiros habitantes de São Francisco de Paula foram os índios Caaguaras. A maioria desse povo, no entanto, foi exterminada em batalhas, sobretudo contra os bandeirantes e os Caingangues.

Como a região era rota do comércio de animais de tração, sobretudo mulas, começou-se a exercer a influência portuguesa a partir do século XVII. A ocupação dos Campos de Cima de Serra se deu a partir da fixação desses tropeiros, que receberam as primeiras sesmarias da região (TEIXEIRA, 2002).

A história dos indígenas é, portanto, de interesse de pesquisas em toda região. Os rastros desse povo, praticamente dizimado entre os séculos XVIII e XIV, nos habitantes do Pai Bitu, porém evidenciam sua remota presença, e seu contato com os portugueses, que pode ser verificada tanto no semblante dos habitantes quanto em seus costumes – como a baixa estatura, a pele trigueira e os hábitos de comer pinhão e caçar, por exemplo. Os Gonçalves são apenas mais uma família pai-bituense a reforçar essas heranças.

No próximo capítulo, tratarei das principais ideias que me provocaram a refletir sobre as questões geográficas que pude observar no Pai Bitu. Essas ideias que flertam com as artes, inclusive, deram-me um suporte imprescindível para a elaboração do restante desta dissertação.

## A Geografia Imita a Arte

Utilizarei a obra do artista plástico e arquiteto Friedensreich Hundertwasser (15/12/1928 a 19/02/2000) como fonte de inspiração. Muito influente por seus quadros e construções característicos, passou boa parte da vida peregrinando pelo mundo em busca da sobriedade e a harmonia com a natureza (RESTANY, 2002, p. 8).

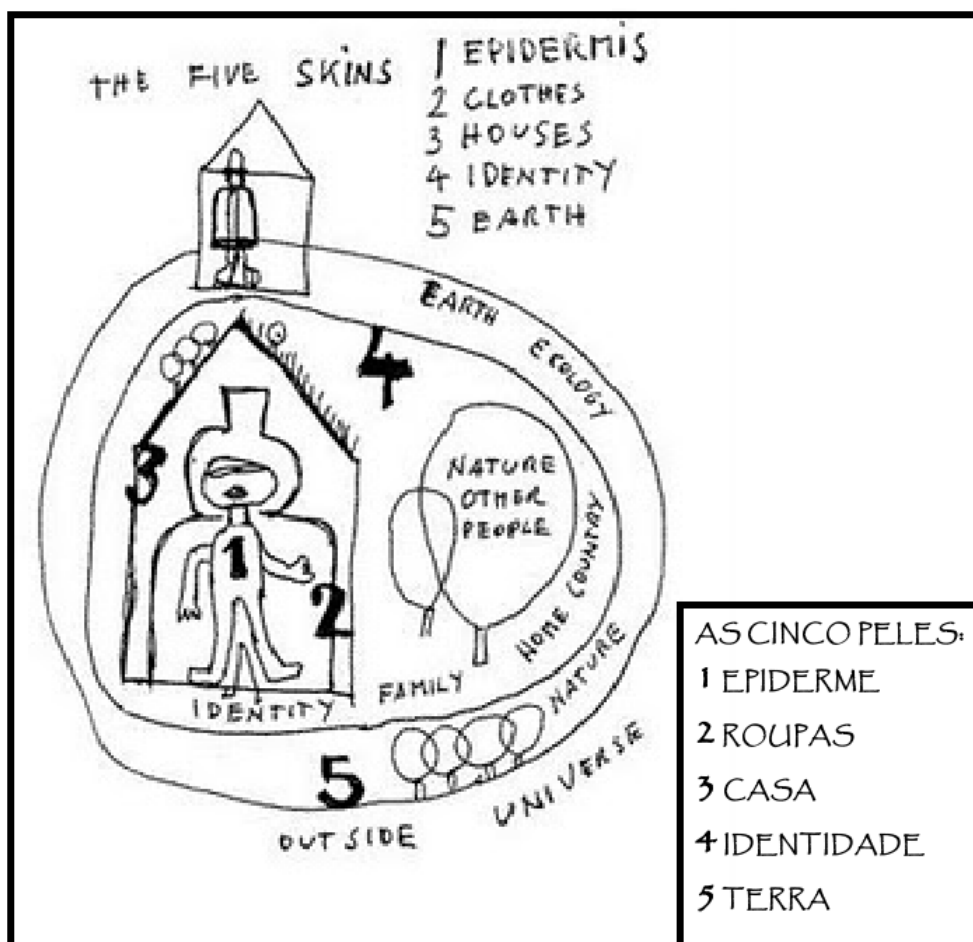
As propostas de Hundertwasser mais importantes para essa pesquisa são aquelas que desenvolvem a “espiral visionária”, que é o símbolo máximo de sua obra, e que compreendem às distintas peles que um ser humano pode assumir. A espiral, inclusive, representa a quebra da monotonia e o regresso ao princípio de sua existência. Interpretação que deu a Hundertwasser o epíteto de “pintor-rei das cinco peles” (*ibidem*, p. 11).

Além disso, ele tinha pavor das linhas retas. Em um dos *slogans* de seu *Manifesto do Bolor Contra a Arquitetura Racionalista*, de 1958, ele declarou que a linha reta conduzia à perda da humanidade. A partir dessa postura política diante do conservadorismo na arquitetura, Hundertwasser assume uma posição naturista, que se apresenta como “uma higiene moral da presença do homem no mundo” (*ibidem*, pp. 17-18).

Essa não era uma simples visão ecológica da “inocência da natureza” contra “o ser humano impuro”. Sua intenção era, justamente, o contrário: propunha uma forma de integração humana com a natureza. Para Hundertwasser, o símbolo do bolor, por exemplo, foi uma tentativa de estabelecer um retorno a uma convivência saudável com os outros e com o mundo, a partir da participação no ciclo orgânico da matéria. Essa metáfora refere-se à espiral expansiva do indivíduo, “a casa que o homem talha segundo seu gosto, é a extensão do vestuário que cobre sua pele biológica” (*ibidem*, pp. 17-18).

Assim, alguns dos trabalhos de Hundertwasser desenvolvem uma concepção das muitas camadas, que ele chamou de *peles*, às quais envolve um ser humano em seu cotidiano. Essas peles, que se articulam de modo que uma está contida na outra, são: a epiderme, as roupas, a casa, a identidade e a Terra.

Esse artista austríaco avançou na construção de si próprio quando definiu como gostaria de ser chamado. Seu nome de registro era Friedrich Stowasser, porém adotou Hundertwasser em 1949. *Sto* significa *cem (Hundert)* em russo e nas línguas eslavas. Dez anos depois, descobre que *Sto* poderia ser derivado de *Steh* ou *Stau* e *Stauwasser* significa *água parada*. Embora tenha perdido esse sentido original, ele gostou do efeito da expressão, que dá destaque para a água, condição essencial à vida (*ibidem*, p. 16).



**Figura 5:** A espiral visionária.  
Fonte: Adaptado de Restany, 2002, p. 15.

Para Hundertwasser, o pintor, o arquiteto e o higienista social compartilham a mesma pele. O repúdio ao individualismo fez com que assumisse uma posição crítica perante a sociedade. Assim, com o intuito de ressaltar a primeira, o artista decide fazer incursões nos espaços onde circulava livrando-se da segunda pele. Os manifestos nus tinham a finalidade de trazer o ser humano



de volta para mais perto da natureza, em detrimento de um pensamento exacerbado consumista, representado pela indústria da moda.

Para se livrar desse fardo que o consumo nos impõe – além de degradar a natureza de modo extensivo – o artista começou a confeccionar suas próprias roupas, que têm em sua beleza de cores e conforto os principais atributos. Nos anos 1980, inclusive, passou a denunciar os infortúnios que a moda nos gera. Para ele, os três males da segunda pele são: “a uniformidade, a simetria da confecção e a tirania da moda” (*ibidem*, p. 16). Essa tríade levaria à perda da individualidade, que é o que caracteriza a primeira e a segunda peles.

É a partir da repulsa aos ângulos retos, inclusive, que ele conjugou toda sua arquitetura. Para chegar a esse denominador comum, as casas do pintor-rei têm janelas irregulares, integração com a vegetação, mistura de cores e linhas ondulantes dos planos urbanísticos, tetos vivos ou cupulares e colunas barrocas. Ele mesmo disse que, “quando deixarmos a natureza repintar as paredes(...), elas tornar-se-ão humanas e nós voltaremos a viver” (*ibidem*, pp. 44-45).

Ser filho único fez com que Hundertwasser demorasse para conceber o quarto nível epidérmico, que equivale ao meio social e à identidade. A família dele se resumia apenas à mãe (ele perdeu ainda quando criança). Ela, judia que era, entendia que apenas o anonimato proporcionava a paz. O jeito de ser do filho a preocupou bastante, sobretudo quando ele ainda estava no início da carreira.

A perda da mãe tornou esse austríaco muito mais sensível aos problemas de identidade ligados a um grupo, comunidade ou nação. A partir disso, ele intensificou o vínculo com outros artistas e com diversas outras pessoas que conheceu em suas andanças mundo afora. Esses contatos se expressaram significativamente em sua arte e em seu modelo existencial de vida.

A nação, como a trama mais densa do tecido social, foi um dos muitos focos do trabalho de Hundertwasser. A força que essa exerce sobre os cidadãos que nela se reconhecem, despertou o interesse do autor. Sobretudo para os “sinais mais imediatos pelos quais se afirma a identidade” (*ibidem*, p. 66), ou seja, os símbolos nacionais. Ele desenvolveu trabalhos com a bandeira de diversos países, mas foram os selos postais que mais o encantaram. A filatelia era um de seus *hobbies*

desde muito moço. Ele, inclusive, chegou a afirmar que “gostava de selos muito antes de ser pintor” (*ibidem*, p. 66).

Por fim, a quinta pele representa o meio global. Desde cedo em sua arte, o pintor-rei buscou transparecer um conteúdo político que manifestava seu apreço pela ecologia. Certa feita, ele declarou que a evolução estaria levando a humanidade à ruína. Para esse artista austríaco, a natureza é a criação suprema, que merece, portanto, ser respeitada e protegida (*ibidem*, p. 79).

Baseado em uma “inteligência empírica, artesanal e orgânica” do vínculo entre os seres humanos com a natureza, o projeto de sociedade que Hundertwasser propõe e vivencia é “um grito de esperança de beleza” (*ibidem*, p. 94), em que os valores éticos e morais estão acima dos valores monetários.

Otimista convicto, o pintor das cinco peles tinha o dom de enxergar a beleza nas sutilezas, aquelas que as pessoas menos atentas têm dificuldade de ver. Seu principal papel foi, portanto, dar destaque – com suas cores vibrantes e formas inusitadas – ao que a humanidade aos poucos está esquecendo.

A proposta artística de Hundertwasser é tão consistente que, através dela, consegui aprimorar minhas leituras geográficas sobre a paisagem hoje encontrada no Pai Bitu. Os processos de construção da paisagem e das memórias das tias também se dão de acordo com os princípios orgânicos sobre os quais o pintor vienense chama a atenção.

Além disso, foi a arte de Hundertwasser que me permitiu construir o método de análise das entrevistas que consta logo mais neste trabalho. Esse método articula as histórias narradas pelas minhas tias através de uma perspectiva de múltiplas escalas geográficas, que se tornam mais compreensíveis com os recursos propostos pelo pintor-rei.

## **Escalas Hundertwasserianas**

Da primeira vez que voltei ao Pai Bitu depois de adulto, muito estava diferente. A casa da tia parecia mais acanhada. No quarto, que antigamente

também era ocupado por minha mãe e pela minha irmã, só coube eu. O criado-mudo, que antes era robusto e me servia de impulso para subir na cama, agora fica à altura de meus joelhos. A cama de casal não representa ser tão ampla como aquela de quando eu era criança. Da janela, as árvores ao longe aparentam ser menores que as plantas que a tia cultivava na varanda. À medida que caminhamos em sua direção, no entanto, o *pinus elliottii* se torna imenso e, raramente, encontramos um único espécime. Como se ele gostasse de ficar em grupo, todos enfileirados, porém imóveis sobre o solo serrano (serrano aqui é o gentílico de São Francisco de Paula).

Minhas lembranças dos tamanhos, das proporções dos objetos, não se comprovavam. A casa era menor do que eu recordava. O cavalo, que de tão velho não lhe sobraram os dentes, parecia ter encolhido. O poço da cachoeira não era mais tão profundo quanto já o fora. Por outro lado, as árvores, que sequer haviam sido plantadas da última feita que por lá estive, destacam-se ao mesmo tempo que obstruem o alcance da vista no horizonte.

Nessas reduções e ampliações cotidianas de minha infância/idade adulta, ainda, ficava difícil de notar que os objetos, como a árvore, apequenavam-se com as grandes distâncias. Como adverte o geógrafo Yi-Fu Tuan:

Os objetos que percebemos são proporcionais ao tamanho de nosso corpo, à acuidade e amplitude do nosso aparelho perceptivo e ao propósito. (...) Embora os tamanhos dos objetos percebidos varie grandemente de cultura para cultura, eles podem ser colocados em uma certa escala. Nem o muito pequeno nem o muito grande, na vida diária, integram nosso campo de visão (1980, pp. 16-17).

O que me faltava era ter noção de que os tamanhos variam conforme nosso ponto de vista e, também, a partir de nossa própria extensão corporal, que sempre nos serve como referência nas medidas comparativas. Sem essas associações, eu tinha dificuldade de compreender os desacordos com os quais me defrontava e que tinham na essência da escala o segredo a ser revelado.

A temática da escala já não é recente em Geografia, mas ainda demanda discussão. Ela não deve ser entendida apenas como uma razão matemática, localizada no canto da folha, que reduz uma imagem até que ela caiba no papel – ou na tela do computador – para elaborarmos um mapa. Ela também é uma relação das extensões e medidas com nosso próprio corpo. Não raro, deixamos de nos dar conta que crescemos e que a comparação dos objetos com nossa estrutura física também muda. Quando comparei a casa, o cavalo ou a profundidade do poço

da cachoeira comigo mesmo, porém na época de menino, não estava levando em consideração as transformações corporais que sofri ao longo dessas décadas.

Nesse sentido, apresento a escala aqui como a maneira que encontramos de organizar e perceber a realidade espacial. Yves Lacoste afirma que “a natureza das observações que podem ser efetuadas, a problemática que pode ser estabelecida, os raciocínios que podem ser construídos são função do tamanho dos espaços considerados e dos critérios de sua seleção” (1976, p. 38).

De acordo com o geógrafo francês, o critério de seleção da escala vai definir como o cientista efetuará sua análise. Essa perspectiva assemelha-se ao pensamento da geógrafa Iná Elias de Castro, professora do Departamento de Geografia da UFRJ, que, no texto *O Problema da Escala*, indica:

Na realidade, todo fenômeno tem uma dimensão de ocorrência, de observação e de análise mais apropriada. A escala é também uma medida, mas não necessariamente do fenômeno, mas aquela escolhida para melhor observá-lo, dimensioná-lo e mensurá-lo (2012, p. 127).

As perspectivas de ambos os autores são um avanço no que se refere ao desenvolvimento da escala como conceito. Porém, essas visões também são passíveis de crítica, pois reforçam a ideia de “manipulação do objeto” pelo cientista através dos recursos que só a abstração conceitual nos viabiliza. Reforça a chamada “visão de sobrevoo”, demonstrada pelo geógrafo Marcelo Lopes de Souza (2007). Segundo ele, a Geografia tem privilegiado esse viés ao longo de sua história, “enxergando e analisando as sociedades e seus espaços quase sempre ‘do alto’ e ‘de longe’, como que em uma perspectiva de ‘voo de pássaro’” (2007, p. 104).

O próprio Souza ressalta que seu propósito não é menosprezar o olhar distante, que é aquele que permite uma noção do todo, mas o infortúnio estaria em sua exclusividade. Ele sugere que a solução:

não consiste em substituir meramente, de maneira absoluta, o “olhar de longe” pelo “olhar de perto”, pelo “mergulho no cotidiano”, mas sim em combinar as escalas (de análise e de ação) de modo a não abrir mão de nenhuma, nem mesmo da dos “nanoterritórios” e dos pequeníssimos lugares cotidianos, tanto quanto combinar os olhares, o de perto e o de longe, aquele que permite “colocar-se de fora” (e à distância) com aquele que exige “estar dentro”. Assim procedendo, o “olhar de longe” será redimido de sua arrogância por meio do entrosamento solidário com o “olhar de perto/de dentro” (2007, p. 111).

Em vez de uma escala vertical, observada do alto e de longe, tenho em vista uma dimensão horizontal das vivências espaciais. Privilegio, assim, uma perspectiva em que

predominem as distâncias junto à superfície. Constitui-se através do alcance das camadas, que correspondem a uma adaptação das experiências de minhas tias às peles propostas no trabalho de Hundertwasser.

Na prática, essas peles são uma alusão à abrangência de nosso espaço vivido, uma síntese de múltiplas escalas que atuam sobre nós e que nos conformam e, ao mesmo tempo, nos modificam. Essas camadas que nos constituem se irradiam através de nossos corpos e vão até o limite de nossa presença e nossa atuação no mundo.

Como estamos, cada vez mais, suscetíveis a experiências espaciais, podemos considerar essa perspectiva multidimensional um constante processo de reformulação. Esse caráter provisório acontece, porque as camadas que nos constituem se modificam, se acomodam às novas demandas, à medida que entramos em contato com experiências que ampliem nossos horizontes.

Neste sentido, a paisagem, que é uma realização sobretudo horizontal, ganha força. Ao mesmo tempo que se mostra aos olhos, a experiência paisagística também delimita as ações socioespaciais. Esta é, justamente, a temática desenvolvida na próxima seção desta pesquisa.

## **Pai...sagem**

Apreciados como neste momento é possível, apenas de relance, os olhos do homem parecem são, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana, As pálpebras arregaladas, a pele crispada da cara, as sobrelanceiras de repente revoltas, tudo isso, qualquer o pode verificar, é que se decompôs pela angústia (...) O cego ergueu a mão diante dos olhos, moveu-as, Nada, é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se estivesse caído num mar de leite, Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, Pois eu vejo tudo branco, Se calhar a mulherzinha tinha razão, pode ser coisa de nervos, os nervos são o diabo, Eu bem sei o que é, uma desgraça, sim, uma desgraça (SARAMAGO, 2016, pp. 12-13).

A expressão paisagem, há muito, submete-me os pensamentos na direção de um quadro. Não apenas naqueles imóveis, que ficam pendurados nas paredes dos museus ou de até mesmo de nossas casas, mas também na moldura da janela,

que é um quadro vivaz, pintado de há muito, retocado a cada amanhecer. O quadro da janela, diferente daquele dos museus, é multissensorial. Desde idos tempos, quando frequentava o Pai Bitu nas férias escolares, tenho essa impressão. Vez que outra voltam à minha retina as cenas da janela do velho rancho da tia Belinha. A madeira antiga, porém livre da praga do cupim, emoldurando a figueira. Até hoje parece que uma nesga de sol de verão vence sua copa e transpassa a veneziana para ofuscar-me a mirada. O aroma dos frutos da árvore arrebatando o recinto. Os mais que maduros se indo ao chão, com o intuito de pintar de um roxo quase negro o jardim. Alguns nutriam as aves, sobretudo os beija-flores – de voos desassossegados, assim mesmo, sincopados e elegantes. Outros porém, descerrados, expondo suas vísceras de semente e polpa, seguiam o contínuo vital, fertilizando o pé de onde provinham. A boca se agita em saliva ao recordar o açúcar da figada, acompanhado pela parceria marcante do queijo, que destacava o sabor do doce, apurado com paciência no tacho de cobre em um ritual antigo e hereditário, que vai se dissipando com os arroubos do vento serrano.

Causava-me espanto a agonia dos bugios, na mata logo, atrás da casa. Aqueles gritos de baixo tom, que repercutiam a léguas, pareciam estar sendo proferidos lá cozinha da casa, ao lado do fogão a lenha talvez. Não se viam nas redondezas, no entanto, seus grupos. A tia dizia que esses macacos de pelos ruivos são bichos bons, afinal de contas, eles chamam a chuva. Quem vive no campo entende bem o real valor da chuva...

No âmbito da ciência, a paisagem auxiliou decisivamente na constituição da Geografia. Sobretudo quando a ciência, de um modo geral, começa a se compartimentar em vários ramos, ela foi uma das bases conceituais de grande valia na caracterização da disciplina, com o intuito de distingui-la das outras ciências que também desenvolviam seus estudos sobre a superfície da Terra.

Isso não significa dizer, no entanto, que a paisagem é exclusividade nossa. Diversas disciplinas trabalham com o termo nas mais distintas abordagens. O geógrafo Jean-Marc Besse, em *O Gosto do Mundo: Exercícios de Paisagem*, colabora na realização de um debate consistente sobre o assunto.

Para Besse, a paisagem pode ser entendida como um complexo sistêmico, fazendo a articulação entre elementos naturais e culturais que constituem uma totalidade objetiva, como se vê em uma perspectiva de cunho mais ecológico (2014). A partir de um ponto de vista histórico e antropológico, ela estaria mais para uma territorialidade como resultado de um processo da sociedade ao longo do tempo, impressão da memória das atividades humanas no espaço. A partir de uma perspectiva arquitetônica e urbanística, a paisagem estaria mais para um projeto, no sentido de que ele conduz à construção de novos espaços, que proporcionam outras experiências e expectativas dos ser humano com os outros e com o mundo a sua volta.

Faz-se necessária, portanto, uma boa argumentação para utilizar o conceito de paisagem com a devida clareza e rigor científicos. Não pretendo fazer, no entanto, uma ode mitificando a ciência. O processo do fazer científico se constitui na resolução dos problemas do mundo a partir da superação de nossas limitações e no refinamento de nossas habilidades individuais.

Mas, afinal, o que é paisagem? O *Míni Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* nos dá a noção do que seria. Na primeira das duas acepções apresentadas, o glossário atribui à paisagem o sentido do “espaço do terreno que se abrange num lance de vista” (FERREIRA, 2010; p. 557).

A paisagem, sem dúvida, está estreitamente ligada ao campo visual. Não seria, no entanto, uma simplificação precipitada reduzi-la apenas a essa dimensão? O escritor português José Saramago questiona essa concepção em uma de suas obras mais clássicas, intitulada *Ensaio sobre a Cegueira* (2016). Nela, uma epidemia de origem desconhecida acomete a população de uma cidade moderna. Um a um, seus habitantes vão ficando cegos. Saramago traz à baila e põe por terra a exclusividade do visível na percepção da paisagem. Toda a trama se desenrola a partir da relação dos personagens com a perda coletiva da visão.

Como seria viver sem podermos contar com a presteza de nossos olhos? Num mundo cada vez mais visual, certamente passaríamos por muitos percalços até nos acostumarmos em nosso dia a dia. Na minha infância quando ia ao Pai Bitu, o que mais eu temia eram os quartos escuros. Casa à luz de lampiões é

assim, precisava me deslocar tateando paredes e, às vezes, até o chão, para não esbarrar em obstáculos, por vezes, banais, como um chinelo à beira da cama ou um travesseiro fora de lugar. À medida que os dias se passavam, no entanto, esse quarto passava a ser, de certo modo, meu quarto. Acostumava-me com os elementos que o compunham. Aos poucos, os caminhos se tornavam familiares, deixava de esbarrar nos bidês e nas quinas das camas. A cegueira momentânea me fazia ter outras atenções com a casa e arredores.

Assim como nos demonstra Saramago em uma de suas obras mais clássicas, a ausência do olhar nos obriga a criar novas estratégias para resistirmos ao cotidiano. A partir delas, desenvolvemos perspectivas que se fundamentam em percepções sonoras, odoríficas ou tácteis para ultrapassarmos os obstáculos que o entorno e as pessoas ao redor nos impõem.

Marilena Chauí apresenta um olhar bastante interessante sobre o olhar:

Porque cremos que a visão se faz em nós pelo fora, e simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janela da alma. (...) Porém, porque estamos igualmente certos de que a visão se origina lá nas coisas, delas depende, nascendo do 'teatro do mundo', as janelas da alma são também espelhos do mundo (1988, p. 59).

Chauí fala do processo de apreensão do real pelo olhar, de como isso não é uma via de mão única. Ver não é apenas um fenômeno óptico ou biológico, também o é social. De acordo com nossa cultura, somos treinados a ver algumas coisas em detrimento de outras, é o modo como cada um de nós interpreta os outros e, sobretudo, o mundo. Mais do que um lance de vista, como apontado pelo dicionário, a paisagem também é um ponto de vista. Seu ato perceptivo, através do olhar, provoca, além de nossos sentidos, pensamentos, reflexões, concepções de mundo e, também, reconsiderações. É um manto semitransparente que nos cobre e nos permite ver, mas, ao mesmo tempo, nos limita essa capacidade.

Circunscrita pelos elementos paisagísticos, nossa ação no mundo será estabelecida a partir da participação nos contornos da linha do horizonte. Besse reflete sobre essa afirmação:



Mas então, se a paisagem corresponde ao nosso envolvimento no mundo, isso quer dizer que ela não está longe de nós, no horizonte, mas que, ao contrário, ela está próxima, que nós estamos em contato com ela, que ela nos envolve, por assim dizer. Poderíamos mesmo dizer que é esse contato, esse conjunto de contatos com o mundo ao redor, enfim, essa experiência física que faz paisagem, que faz a paisagem (2014, p. 247).

A paisagem só tem razão de ser a partir da interpretação que se dá da materialidade que a constitui. É uma realidade produzida na e da manifestação humana como consequência de sua intermediação no espaço. Ainda sobre uma possível dicotomia na leitura da paisagem, Besse ressalta que:

Toda paisagem é cultural, não essencialmente por ser *vista* por uma cultura, mas essencialmente por ter sido produzida dentro de um conjunto de práticas (econômicas, políticas, sociais), e segundo valores que, de certa forma ela *simboliza* (2014, p. 30).

A cultura da paisagem está nos olhos de quem a vê. A partir dessa perspectiva, Besse contrapõe uma visão clássica da paisagem, herança de Carl Sauer, sobretudo em sua obra *Morfologia da Paisagem*, que entendia o conceito como a interação entre elementos físicos e culturais (1998). O resultado dessa interação seriam paisagens naturais ou culturais, que se produziriam de acordo com o predomínio de um dos elementos sobre o outro.

Essa dicotomia tinha sentido para o início do século passado, quando Sauer pensou e formulou sua tese. Porém, num mundo em crescente interação, em paisagens que sofrem cada vez mais alterações, como fazer para separar um elemento do outro, natureza de sociedade? Besse responde esse questionamento:

A análise da paisagem consiste numa análise de categorias, de discursos, de sistemas filosóficos, estéticos, morais, que a paisagem deve pretensamente prolongar e refletir. Não cabe diferenciar, a este respeito, a paisagem real da paisagem representada (em imagem ou em texto). *In situ* ou *in visu*, a natureza da paisagem não muda fundamentalmente. Ela é sempre, por essência, uma expressão humana, um discurso, uma imagem, seja ela individual ou coletiva, seja ela encarnada numa tela, em papel, ou no solo (2014, p. 14).

Cabe ressaltar, ainda, que não devemos entender a paisagem como uma divagação mental ou intelectual. É evidente que ela possui um suporte material. Sua condição de existência, no entanto, está ligada à interação e aos sentidos que

os seres humanos que nela vivem ou que dela se utilizam fazem dessa materialidade. Sobretudo, está subordinada ao suporte cultural que constitui a cada um de nós, que é responsável por essa seletividade no nosso olhar.

O geógrafo Augustin Berque faz uma leitura bastante significativa sobre esse assunto, ao defender a paisagem como marca e também como matriz:

(...) marca porque expressa uma civilização, mas também e matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, os quais canalizam a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza (1998, p. 78).

Essa perspectiva abarca tanto a dimensão concreta da paisagem, ou seja, as marcas que sinalizam a passagem do tempo e a reorganização do espaço, quanto seu caráter simbólico, evidenciado nas concepções individuais ou coletivas de mundo que temos e na interpretação que cada um de nós emprega às experiências que vivemos.

A paisagem pai-bituense não se forma apenas com colinas, campos, gado pastando, minhas tias e tios carpindo, sulcando a terra para depositar os embriões da esperança; tampouco é os significados que damos aos dias de lazer e trabalho, ao cotidiano, às dificuldades e felicidades vividas de sermos e estarmos no mundo. A complexidade da paisagem está na conexão entre esses elementos. Não é apenas um ou outro, mas é tudo isso ao mesmo tempo.

A proposta de análise de Berque também traz a noção do quanto a paisagem está sujeita à passagem do tempo e que a constante transformação que ela apresenta é consequência dessa decorrer. Talvez porque muitos ciclos da natureza sejam longos demais para a duração de nossas vidas, seguidas vezes, não nos damos conta dessa característica temporal.

A pintura, através do modo com o qual o artista representa o momento paisagístico, é uma tentativa de interromper o tempo. Aqui está a segunda e última acepção do termo paisagem no *Míni Dicionário Aurélio*: “pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem” (FERREIRA, 2010; p. 557). A questão do modo como o artista representa a paisagem é muito fascinante, porque uma obra de arte é a expressão máxima da sensibilidade do autor.

Besse enfatiza essa argumentação, ao dizer que:

A invenção histórica da paisagem foi relacionada com a invenção do quadro em pintura, no Renascimento, mas também no próprio quadro, com a invenção da “janela”: a paisagem seria, portanto, o mundo tal como é visto desde uma janela, seja essa janela apenas parte do quadro, ou confundida como o próprio quadro como um todo. A paisagem seria uma vista emoldurada e, em todo caso, uma invenção artística (2014, p. 15).

O artista retrata, a partir de uma perspectiva particular, os elementos da paisagem que mais lhe despertam o interesse. São a expressão das matrizes da paisagem, na concepção de Berque. Esse interesse, que, muitas vezes, dá a impressão à primeira vista de ser puramente estético, é, em sua essência, filosófico e também político.

Hundertwasser é o exemplo que a manifestação artística é o modo como o artista vê o mundo. Também, é o modo como o artista se vê no mundo. O gênio vienense concebeu uma arte engajada que propunha uma vida mais próxima e em comunhão com a natureza. Essa harmonia, segundo ele, iniciaria como uma transformação na forma das construções, pois “os edifícios actuais parecem prisões em que as pessoas não se revelam e onde é imposta a linha recta que 'conduz à perda de humanidade’” (KLICZKOWSKI, 2004, p. 8).

Em seu fotolivro homônimo, consta o que o pintor-rei das cinco peles chamou de “direito de janela”, equivalente à “possibilidade que um habitante deve ter de se debruçar na sua janela e modificar a parede exterior como lhe convém até a distância que o braço alcança” (*ibidem*, pp. 7-8).

Pintura e arquitetura se envolviam no fazer do austríaco. Tanto que, em alguns de seus trabalhos, fica complicado de distinguir a fronteira de onde começa uma e termina a outra. Toda essa bagagem artística lhe deu condições de compreender o papel da paisagem nesse contexto e, também, de propor alternativas criativas para aprimorá-la a partir de novas perspectivas.

Hundertwasser deu, literalmente, novos tons à arquitetura. Ele buscava construir obras que propagassem um humanismo visualmente evidente. Optou, assim, pelas cores quentes e o verde, que se fazia presente pelos telhados e paredes vivas que criava. A partir de suas concepções estéticas, o pintor-rei nos demonstra sua Arte, mas também sua Geografia, na medida em que ele provoca

intervenções na paisagem que pretendem reconduzir os seres humanos e os lugares onde vivem ao encontro das cores e formas da natureza, na busca de um dos caminhos para a felicidade por intermédio da beleza. É claro que este não é um caminho único e que tem vários obstáculos e

Assim, a Arte também é responsável pela criação e difusão de belezas. Ao longo da história, ela sempre teve papel decisivo na criação dos valores estéticos que conferem referenciais a uma sociedade. Como indicou Besse, “a arte não porque representaria a paisagem, mas porque mostra a paisagem, porque a faz chegar como tal à presença e, mais geralmente, porque faz aparecer o mundo enquanto mundo” (2014, p. 53). O ato de mostrar a paisagem é, em certa medida, fascinar a partir dela.

A fascinação é o modo como o artista constrói vínculos com o espectador. Esses vínculos são estéticos, mas se estabelecem através das emoções que suscitam. É a mesma lógica que se expressa entre as pessoas e a paisagem. John B. Jackson, arquiteto que se dedicou aos estudos paisagísticos, tem uma contribuição bastante significativa sobre esse assunto sobre os valores estéticos e a idealização da paisagem:

Uma paisagem deveria estabelecer um laço entre as pessoas, o laço que cria a língua, as maneiras, a prática do mesmo tipo de trabalho ou de lazer, mas sobretudo uma paisagem deveria conter o tipo de organização espacial que favorecesse essas experiências e essas relações: espaços para se reunir, para celebrar, e espaços para a solidão, espaços que não mudam nunca e permanecem sempre tal como a memória os pinta para nós. São estas algumas características que dão a uma paisagem seu lado único, que lhe dão um estilo, e que fazem com que nos lembremos delas com emoção (2005, p. 42).

Aliás, a paisagem é a memória do espaço. A herança que recebemos de nossos antepassados e que, muitas vezes tensionada a partir de conflitos, flui por nossos dedos. O decorrer do tempo através da paisagem não ocorre de maneira uniforme. Segundo Milton Santos:

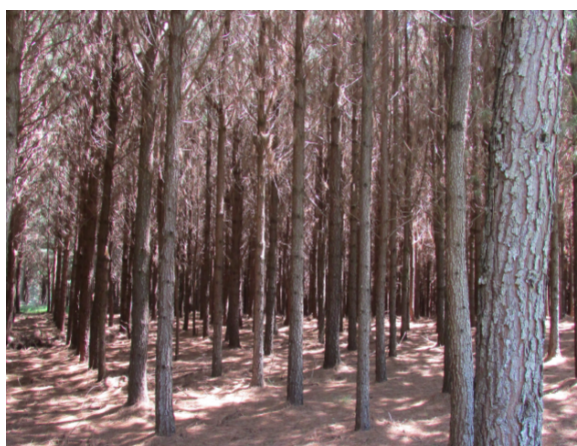
A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos e substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades

diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos (1994, p. 66).

O geógrafo baiano nos revela a razão pela qual a paisagem possui esse caráter multidimensional e fragmentário: ela está subordinada à produção e ao modo como o espaço é organizado no instante de sua conformação. Besse reflete sobre essa conformação da paisagem e as marcas por ela deixadas:

A paisagem seria como um tipo de geografia objetiva, uma escrita na superfície da Terra, produto nem sempre consciente nem intencional (mas também pode ser) das atividades humanas. Escrita, agricultura: os dois termos parecem dialogar numa alusão comum ao ato de cavar, gravar, talhar, sulcar, e traçar formas de modo durável num suporte mais ou menos macio, mais ou menos resistente. A consideração dessa “escrita paisagística” implica, afinal de contas, certo afrouxamento da distinção entre a esfera artística propriamente dita e as esferas sociais e culturais (2014, pp. 27-28).

A paisagem de geografia objetiva de Besse muito se assemelha à paisagem-marca de Berque. No caso atual do Pai Bitu, a escrita na superfície terrestre é produzida a partir de régua e esquadro, porque se caracteriza numa paisagem geometrizada. Essa geometrização, que, diga-se de passagem, era tudo o que Hundertwasser mais abominava, configura-se através da lógica que o capital impõe, traduzida na monocultura do pínus na região.



**Figura 6:** Geometrização da paisagem.

**Figura 7:** Dominação da natureza.

Fonte: GOOGLE Earth e (GONÇALVES, 2015).

## Preciso, Memorioso

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:  
 “Navegar é preciso; viver não é preciso”.  
 Fernando Pessoa: excerto do poema *Navegar é Preciso*

Parafraseando o trecho de poesia acima, numa das frases mais célebres do poeta português Fernando Pessoa, chego à seguinte condição: *lembrar é preciso*. Independente de classe social ou situação econômica, ninguém, em sã consciência, vive sem lembranças. Elas são a expressão da humanidade existente em cada um de nós, que nos distinguem das muitas outras espécies. Essa máxima, inclusive, foi uma das primeiras motivações desta dissertação.

Em contrapartida, *lembrar não é preciso*. Embora necessárias, as lembranças têm um tanto de indecisão. Elas ficam mais turvas com o passar dos anos. Muitas acabam ficando abandonadas durante esse caminho. Perfeitas em suas imperfeições, as lembranças podem ser indefinidas, incertas, até mesmo inexatas no resgate da realidade.

Certa feita, numa disciplina que cursei ainda na graduação, o professor Nelson Rego contou uma história – muito bem contada, aliás, como é de se esperar de um escritor renomado como ele. Logo depois de concluí-la, ele fez a seguinte provocação: “perceberam que não faz diferença alguma se essa história que eu acabei de narrar aconteceu ou não?”. As lembranças são como essa história. Pelo menos, aquelas com as quais trabalho nesta pesquisa: não me interessa muito se aconteceram exatamente como foram relatadas, muito menos busquei apurar a veracidade de cada relato.

Nesse caso, duas perguntas clamam por serem feitas: “por que essas lembranças e não outras?” e “o que faz delas mais importantes que outras?”. Afinal, *a realidade não é, também, mais uma das tantas versões possíveis do que ocorre hoje, ou ocorreu no passado?* Passado esse que, devido ao distanciamento, tanto temporal quanto espacial, em maior ou menor medida, persiste como uma imagem cristalizada que não pode ser reconstruída em sua totalidade.

Numa fisicamente impossível – até que nos demonstrem o contrário –, mas – no plano da inventividade – provável viagem, que rompesse as barreiras do

*continuum* espaço-tempo, as sensações percebidas sobre os campos serranos seriam completamente diferentes se as terras arborescidas de hoje fossem contempladas pelo mesmo menino que outrora fui?

Essa cristalização não se dá, no entanto, de uma forma isolada. A memória, devido ao seu conteúdo fragmentário, nem sempre é precisa – quase nunca, diria. A memória é incompleta. Nessa incompletude, suas lacunas estão sempre sendo preenchidas. Um fato, banal por vezes, pode modificar completamente uma lembrança primeira, ou até mesmo contrariá-la.

Para o geógrafo David Lowenthal “o passado nos cerca e nos preenche; cada cenário, cada declaração, cada ação conserva um conteúdo residual de tempos pretéritos. Toda consciência atual se funda em percepções e atitudes do passado” (1998, p. 64). Somos formados por imagens e ideias que nos seguem. Esse é o legado que, de modo gradativo, compomos ao longo da vida.

Embora as escolhas nem sempre sejam conscientes, toda lembrança é seletiva. Esta afirmação se justifica e se consolida, na medida em que, estamos expostos, cada vez mais, à interação de um oceano de informações. Exceto para Funes, o memorioso, protagonista de um conto homônimo de Jorge Luis Borges que a tudo recordava, esquecer é nossa sina (1999). Ninguém, em sã consciência, quereria viver como Funes. Seria muito duro! Se não esquecêssemos, o presente seria sempre nossa tônica e, em consequência, não haveria passado. Em sua essência, o passado, obviamente, passa. Caso não se sucedesse, ficaríamos nos remoendo, aprisionados às amarguras que nos atormentam. Sem digeri-las, dificilmente, seríamos capazes de seguir em frente. A vida só se torna suportável pela propriedade que temos de esquecer.

O personagem do escritor argentino nos desvela uma dimensão política da memória: ela é determinante para o domínio de um grupo sobre o outro, o controle sobre aquilo que se deve lembrar e – tão importante quanto – o que pode ser esquecido. A partir de um passado fragmentado, que nos constitui e nos edifica, elegemos o que recordar pelo que fica mais conveniente para nós.

Essa argumentação é uma das principais contestações às muito significativas transformações espaciais, como aquelas ocorridas no Pai Bitu. A

preservação da memória que constitui nossa identidade manifesta-se desde o cuidado que temos e o esforço que fazemos para recordar. Essa é, inclusive, uma forma de tomar conta do que é significativo para nós. Lowenthal faz a seguinte consideração sobre o assunto:

Uma consciência do passado mais completa envolve familiaridade com processos concebidos e finalizados, com recordações daquilo que foi dito e feito, com histórias sobre pessoas e acontecimentos – coisas comuns da memória e da história (1998, p. 65).

Assim, as lembranças, como sugere o professor do departamento de Geografia da University College London, são mediadas por nossos precedentes históricos de emoção. Jean-Paul Sartre já alertava para o papel da emoção como intermediária da percepção do mundo. Para ele, “o sujeito emocionado e o objeto emocionante estão unidos em uma síntese indissociável”, sendo a emoção “uma certa maneira de apreender o mundo, desta forma, “o modo como o transformamos” (2009, p. 57).

Assim, toda consciência do passado está fundamentada na prerrogativa e na manifestação da memória. Lowenthal diz que é pelas lembranças que “recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado” (1998, p. 75). Aliás, acontecimentos passados necessitam da comparação com o presente para se manifestarem, assim como comparamos as paisagens atuais com aquelas de nossa recordação. Faz-se necessário ao presente, portanto, as referências do passado para que se consolide como o aqui e agora.

O conceito de memória, assim, é indispensável para o entendimento desta pesquisa, já que ele a conduz ao longo de todo trabalho. Seu estudo se estende a uma vasta gama de ciências, que vão desde a psicologia até a computação. Aliás, haveria ciência que, na teoria ou na prática, não o utilize em alguma medida? Dedico-me, portanto, à memória inscrita no campo das humanidades.

Neste sentido, autor que trouxe uma importante contribuição para a evolução da abordagem sobre memória é a psicóloga social Ecléa Bosi. Em seu livro clássico *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*, ao refletir sobre a obra *Matéria e Memória*, de Henri Bergson, chega à seguinte premissa:



A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou, a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida (2012, p. 47).

Recordar é repetir. Toda recordação, no entanto, é um fragmento pretérito. Logo, cabe ao recordante grudar esses estilhaços e reconstituir o vitral do passado, na clara intenção de presentificar esse mosaico socioespacial. O preenchimento das brechas que dificultam nossa realização se dá pelo empenho intelectual, solucionado através do processo narrativo.

Sobre esse assunto, Alberto Lins Caldas propõe:

Para nós a memória é uma *composição*, é um *momento narrativo*, é *momento textual*; determinada ordem “escolhida”, certa maneira de ler e dizer a experiência com e no vivido: é a experiência singular do sujeito ao dizer-se em movimento e relação; é a *ficção segunda* de uma vivência entre as ficcionalidades do mundo social: é a maneira singular de dizer e ordenar essas ficcionalidades; a memória é relação; como momento textual não é nem o passado nem uma narrativa definitiva; é um momento do sujeito que se traduz em ordem narrativa, em ordem de palavras e sentidos (CALDAS, 2006, p. 1).

Entender a memória, assim, como um pote – tal qual aqueles de vidro que temos em casa para abrigar os mantimentos – onde armazenamos os recados que escrevemos na forma de lembrança, é uma ideia ultrapassada. Tal como o recipiente, nossa memória também tem uma restrição física, porém essa delimitação não é uma borda fixa. Nossa capacidade mnemônica se expressa na medida em que selecionamos o que recordar. Essa seleção não ocorre como uma escolha simples por certos bilhetes do “pote-memória”, eliminando aqueles que julgamos desnecessários ou de menor relevância em comparação a outros.

A analogia com um pote, que soa até mesmo ingênua, serve para ilustrar o fato de que a memória humana tem a sua medida. No entanto, ela ainda não pode ser definida – tampouco mensurada –, porque a constituição da memória se dá de uma forma muito mais complexa do que apenas “um colocar de mãos na moringa”. Nada impede que nos utilizemos de mecanismos preexistentes – feito a

leitura e o estudo de línguas estrangeiras, por exemplo – ou criados por nós mesmos ou por terceiros – como técnicas de memorização que nos ajudem a recordar o que necessitamos no nosso dia a dia – e que expandam nossa capacidade acumular recordações.

Portanto, a memória está mais para um entrecruzar de lembranças, que nos fazem ancorar para a posteridade o que de fato é significativo para nós, do que um arquivo-morto onde jogamos ao acaso nossos resquícios recordativos. Estabelecida entre a conexão de sentimentos, sensações e o processo narrativo, as lembranças são o legado com o qual a vida nos presenteia e que juntas formam nossa substância. Essa herança, de tão multidirecional, é ao mesmo tempo generalizada e particular. Sua síntese é a minha, a nossa, a síntese de minhas tias; constitui a narrativa vivaz que nos corporifica.

Ao analisar a obra de Bergson, Bosi indica a existência de duas tipologias mnemônicas, no que se refere ao modo como conservamos o passado e como ele se manifesta no presente. A *memória-trabalho* seria aquela da assimilação de esquemas de comportamento, voltados aos esforços mentais e às repetições de gestos e palavras. Por sua vez, a que evoca as lembranças isoladas, espontâneas e o processo criativo é chamada de *memória-sonho* (2012, pp. 47-48).

A lógica dessa classificação fica mais evidente quando exemplificamos com o caso feminino. Minhas tias revelam os esquemas familiares aos quais estão submetidas. Essa manifestação da memória-trabalho emoldura o pensar de cada uma delas. Afinal, homens e mulheres são, via de regra, o fruto de suas circunstâncias. No entanto, é muito mais improvável para elas, na condição de mulheres, com valores instituídos nos idos tempos, se desvencilharem de imposições feitas às mulheres do que para as moças da nova geração.

(Improvável, porém não impossível: quando a Almira se atreveu a casar novamente, depois de mais de 15 anos de viuvez, a ala antiga da família reprovou. Ao longo dos seguintes anos, ao repararem que ela estava mais feliz do que quando sozinha, outras viúvas da família – inclusive aquelas que eram, a princípio, contrárias a esse tipo de união – tomaram coragem de também encontrar um companheiro, para que a vida fosse menos solitária).

Em contrapartida, a memória-sonho se revela restrita à condição delas como mulheres e, como agravante, velhas. A capacidade imaginativa dessas senhoras, via de regra, limita-se a determinados espaços. Então, o poder de criação se manifesta mais nos afazeres domésticos do que em outras situações. Além disso, essas delimitações sociais e espaciais impostas às mulheres fizeram com que elas não se permitissem seguir a vida sem a sombra do marido, inclusive aqueles que não estão mais entre nós. Isso as coibia, até mesmo cerceava o direito de sonhar, seguir suas as próprias vidas sem o controle do marido.

Há uma analogia que se pode fazer aqui entre os valores, atribuídos às tias, e a paisagem do Pai Bitu. Ambos se estabeleciam de modo mais duradouro, quando elas eram mais moças. À medida que o tempo passou, as transformações foram se intensificando, fluidificando-se. Se o mundo é confuso para os jovens, imaginemos como é para elas, que se estabeleceram num tempo em que as referências comportamentais e espaciais eram mais rígidas. Em vez de líquidas como hoje, formavam-se sólidas.

Seguindo na discussão, como indica Bosi, um dos grandes achados de Bergson em seus estudos sobre memória foi entender que a articulação entre passado e presente – ou melhor, entre presente e passado, já que é desde hoje que nos apropriamos de ontem – faz-se através da “confluência da memória e da percepção” (2012, p. 49). Como o próprio andamento da narrativa já sugere, as percepções são as referências que norteiam a todos nós na organização, no armazenamento e, do mesmo modo, no resgate de lembranças.

Como percepção entende-se, à maneira de Milton Santos e em consenso com a afirmativa anterior de Sartre, “um processo seletivo de apreensão da realidade” (1997, p. 62). Eis a resposta para a questão anterior sobre a realidade como uma versão de passado, do presente ou um híbrido de ambos: “se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada” (*ibidem*, p. 62).

Certamente, o que mais me faz recordar as cavalgadas no Pai Bitu – através de minha “visão deformada”, como sugere Santos – eram as sensações de liberdade, a curiosidade de explorar os lugares desconhecidos e o frio na barriga

que o perigo de estar sobre o cavalo me produziam. Além disso, eram férias, não havia grandes preocupações com os compromissos do decorrer do ano, apenas o desejo de aproveitar ao máximo os dias em que lá permanencia. Sem esses componentes, meus passeios ficariam tão esmaecidos quanto quaisquer outras atividades do cotidiano, desenvolvidas durante minha estada naquelas terras.

Aliás, as tias que viveram boa parte da vida no Pai Bitu têm mais razões para ficarem pasmadas do que qualquer outro quando observam os plantios de *pinus elliottii*, ou “eliotte”, como preferem os locais. Afinal, essas árvores exóticas ocupam o que também é parte da vida delas, substituem os campos em que elas criaram os filhos e onde viram crescer os netos.

O sociólogo Maurice Halbwachs, em *Memória Coletiva*, importante referência para os estudos que tratam da temática, adverte para o papel dos sentidos e sentimentos na mediação e na constituição de nossas lembranças:

Diferente das reflexões, ou das ideias, as percepções – enquanto percepções – limitam-se a reproduzir os objetos exteriores, não contêm nada mais do que esses objetos e não podem nos conduzir além deles. Daí a convicção (temos de admitir) de que elas serviram unicamente para nos deixar em determinada disposição física e sensível, favorável ao reaparecimento da lembrança. Pressupomos então que não tendo sido reconstruída, mas evocada, a lembrança teria sido guardada assim mesmo em nosso espírito. No entanto, o certo é que o único meio de preencher essa lacuna da nossa memória seria retornar a esse local, abrir os olhos (2003, pp. 53-54).

A ligação estreita entre sentimento, paisagem e memória define porque nos recordamos de determinados detalhes e outras pessoas se recordam de outros detalhes do mesmo acontecimento. Quanto mais próximo de nós, maior é a chance de termos lembranças similares, justamente porque há o maior número de sentimentos – também paisagens – em comum entre essas pessoas.

As impressões que eu tinha do Pai Bitu não eram apenas minhas. Levava em consideração tudo que minha mãe contava de lá, muito próximo de onde ela nasceu. Acatava também as recordações de todas outras pessoas à minha volta: meus irmãos maiores, e de meus tios e tias, primos e primas, que vivenciavam o lugar a mais tempo ou mais intensamente que eu.

Assim, o que faz com que as pessoas de um grupo se identifiquem umas com as outras é a quantidade de lembranças em comum que elas compartilham. Quanto maior for esse número de recordações, desencadeada pelo contato entre essas pessoas, maior será o vínculo que as aproximam. Tempo e espaço são imprescindíveis para o resgate de lembranças e, também, para a convivência – que cintila as lembranças de hoje e que as produzirá mais ainda no futuro.

Estas recordações estão situadas num tempo, porque ocorreram em uma fase de nossas vidas: tomar banho na cachoeira da fazenda da tia Aura, por exemplo, acontecia repetidas vezes quando menino. Hoje eu não teria a mesma desenvoltura para me molhar na queda-d'água como acontecia. Mas também acontecem as lembranças num determinado espaço: tinha prévia autorização – daquelas não pronunciada, que se expedem com um aceno de cabeça – para me banhar na ducha da cascatinha; já, se tentasse me atrever às profundezas da lâmina d'água adjacente à cachoeira, seria repreendido de imediato.

Halbwachs salienta a ligação entre os indivíduos e os grupos aos quais eles pertencem na produção da memória:

O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso. Quando dizemos: “não acredito no que vejo”, a pessoa sente que nela coexistem dois seres – um, o ser sensível, é uma espécie de testemunha que vem depor sobre o que viu, e o *eu* que realmente não viu, mas que talvez tenha visto outrora e talvez tenha formado uma opinião com base no testemunho de outros. Assim, quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a formar um quadro de que muitas partes foram esquecidas (*ibidem*, p. 29).

O discípulo de Durkheim aponta para a participação do indivíduo em duas distintas memórias: uma onde as “lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade e de sua vida pessoal” (*ibidem*, p. 71). Por outro lado, esse tipo de memória seria capaz, em certos momentos, “de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo” (*ibidem*, p. 71).

Embora julguemos que muitas de nossas recordações, em sua essência, sejam individuais, elas só têm razão de ser e recebem a devida importância porque são, acima de tudo, coletivas. De modo geral, dificilmente há memória que

seja completamente pessoal. Não existe memória que seja perfeitamente pessoal e que não esteja inscrita numa coletividade. Para Halbwachs, essas recordações de cunho mais individual estão estrategicamente posicionadas no que ele chama de “encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos” (*ibidem*, p. 12).

Apesar disso, nem toda memória de terceiros consideramos como nossa. Não é suficiente que os outros nos demonstrem seus testemunhos. Carecemos adotá-los como confiáveis para nós, onde se encontram pontos de contato que nos instigam a concordar com o que se está recordando. Assim:

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estarão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e se continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (*ibidem*, p. 39).

Tanto memória individual quanto memória coletiva são elaboradas pela contínua negociação. No entanto, há de se convir que ambas são uma, formam um todo inseparável, como as duas faces de uma mesma moeda. Enquanto uma se manifesta, a outra se dissipa. Mesmo assim, em maior ou menor medida, ambas estão expressas, só acontecendo a primeira na existência de sua correspondente.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória (já que, pelo menos em parte, ocorreram em seus limites), passam para o segundo plano (*ibidem*, p. 51).

Minha mais tenra lembrança do Pai Bitu aconteceu na casa da tia Maria Isabel, quando eu tinha por volta dos meus 4 ou 5 anos de idade. Eu acordava de madrugada, lá pelas 4h da manhã, e exigia que me deixassem andar a cavalo, dizendo: “Quero andar ‘de a’ cavalo. E é de agora... É de agora!”. Certamente essa lembrança tenha ficado mais vívida, porque, todas as vezes que visitávamos a tia,

ela a reforçava. Era uma história que ela sempre fazia questão de recordar, constituindo tanto a minha, quanto a memória de nosso grupo familiar.

Não só as pessoas – como minha mãe, meus irmãos e a própria tia – são centrais para a propagação dessa anedota familiar, como a paisagem também o é. Isso aconteceu num Pai Bitu de outrora: numa casa específica e era naqueles campos em volta dela que eu queria correr a cavalo, visitando cada ponto que eu tinha deixado de explorar no dia anterior. Sem os atores e a paisagem, certamente o enredo desse filme teria sido completamente diferente. Essa recordação não teria sentido algum para ser armazenada e se perderia meio a tantas outras recordações mais marcantes.

Halbwachs indica que as lembranças ocorrem tanto por um conjunto de reflexões, “uma aproximação de percepções determinada pela ordem em que se apresentam determinados objetos sensíveis, ordem essa resultante de sua posição no espaço”, quanto ativadas pela própria vontade, ao dizer que “sabemos muito bem que seríamos capazes de evocar esses mesmos objetos e esse mesmo lugar sem revê-los e até sem rever os que os circundam” (*ibidem*, pp. 53-54). No entanto, ele destaca o que nos dificultou não os termos lembrado anteriormente nem foi a nossa falta de capacidade de pensar sobre esses objetos e lugares, mas sim nossa falha de pensá-los “com intensidade suficiente para recordarmos de todos os detalhes” (*ibidem*, p. 54).

Halbwachs ressalta que ambas as memórias têm restrições distintas (2003). Para acessarmos nosso próprio passado, seguidas vezes, necessitamos nos valer das lembranças daqueles que estão à nossa volta e que nos conduzem a pontos externos de referência. A memória individual não é concebível sem uso de ideias traduzidas em palavras, que, aliás, não inventamos, e são tomadas de empréstimo do lugar. Ela é, assim, delimitada a um tempo e, também, pelo espaço que a caracteriza.

Cabe fazermos um adendo aqui, a partir de uma leitura geográfica, para reforçar e, até mesmo, avançar na discussão: o espaço é condição para o desenrolar do tempo. A memória, assim, é determinada tanto pelo espaço quanto pelo tempo em igualdade de circunstâncias. Como argumenta a geógrafa Doreen

Massey, ao “considerar a temporalidade/história como genuinamente aberta é que a espacialidade tem que ser integrada como uma parte essencial deste processo da ‘contínua criação de novidade’” (1999, p. 274).

A memória coletiva, por outro lado, também tem suas limitações espaço-temporais. Mesmo não tendo presenciado muitos dos acontecimentos pesquisados nesta dissertação, as informações sobre eles puderam ser obtidas pelas recordações de outras pessoas. Por exemplo, as histórias que minhas tias contam sobre como as pessoas agiam e sobre como era a disposição dos objetos – de quando elas eram bem pequenas ou ainda nem eram nascidas – foram transmitidas a elas pelas pessoas com quem elas se conviveram nesse ínterim. Muito do que elas conhecem hoje sobre as plantações de pinus, sabem-no com base no que familiares, amigos e vizinhos contaram a elas. Aqui, estabelecemos uma correspondência entre proximidade e convívio na disseminação de memórias.

Além de pessoas, objetos e lugares são elementos principais da conformação de nosso corpo de memórias. A grandíssima maioria de nossas lembranças – se não todas – estão vinculadas a uma imagem. Sobretudo na atualidade, devido à onipresença dessa. Inclusive, nas vezes em que nos lembramos de alguma abstração, em muitas ocasiões, pensamos primeiramente na palavra escrita que a corresponde. Essa legenda nos confere uma referência, algo o que recordar.

Nesse sentido, a fotografia, como o enquadramento de uma visão pessoal, vem assumir uma funcionalidade importante no auxílio à recordação. Essa prática é necessária justamente porque, estamos expostos a um sem-fim de informações. Assim, elegemos quais são as mais significativas pelas quais passamos e as registramos de alguma forma, quer seja pela escrita ou, ainda mais usual hoje em dia, através da imagem.

Não que essas escolhas deixassem de acontecer na época em que as tias eram jovens. O que mudou foi a frequência. Talvez, muitas pessoas de hoje tirem mais fotos em um dia do que minhas tias tiraram durante toda a vida. As fotografias que elas tiravam, por exemplo, eram os momentos sublimes da vida: do casamento ao nascimento dos filhos. “Bater um retrato”, não era acessível.



Constituía-se em um ritual familiar. Tanto que as fotos mais comuns encontradas eram o registro que se tinha disponível de sua composição, todos perfilados em frente à casa, apresentando a família à sociedade.

Na atualidade, à maneira de Zygmunt Bauman, a fluidez do tempo e a compressão do espaço se dão pela velocidade das informações e da automação do cotidiano. Essa vida líquida, no entanto, não é absoluta. Tão importante quanto o que passa é aquilo que fica, ou, como preferia Milton Santos, os fluxos e os fixos. Estes, “fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar” (2006, p. 38). Já, “os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam” (*ibidem*, p. 38).

Nesse sentido, a fotografia tem o papel fundamental de amparar a memória na atualidade. O desenvolvimento tecnológico apresentado pelas câmeras fotográficas e assessórios permite que a fotografia atue como nossa memória auxiliar, arrefecendo esse processo de liquefação e, conseqüentemente, destruição de lembranças aos quais estamos sujeitos.

Minhas tias têm outra relação com o recordar, principalmente, porque quando elas eram jovens, pelo menor acesso, elas concentravam a atenção nas informações que dispunham. Isso faz com que elas lembrem de detalhes pormenorizados do passado que eu ou outra pessoa de minha geração, no lugar delas, a grosso modo, teríamos dificuldades de guardar. Essas são memórias vivas, memórias da transformação da paisagem, que serão perdidas quando elas nos deixarem, configuram-se na herança geográfica mais preciosa com que elas poderiam nos presentear.

A oralidade, aliás, não é a única forma de propagação de memórias. O diálogo não é incondicional nessa produção. As leituras que fazemos sobre determinado assunto são, sem dúvida, meios de alcance das lembranças de outrem. Toda escrita de não ficção é um acesso a memórias terceiras. A fotografia, que, de certo modo, é um tipo de leitura, nada mais é do que uma maneira que encontramos de engavetarmos lembranças.

Além de guardar um recorte da paisagem, uma foto traz consigo todo um contexto que nos faz lembrar não apenas do espaço, mas também do tempo e dos sentimentos que lá pairavam. Ela é o ponto de entrecruzamento de variados elementos que, embora não possam ser vistos, a conformam e são tão importantes quanto a imagem para sua constituição. A partir seu caráter visual, como uma reação em cadeia, todo o contexto é resgatado.

Doreen Massey, embora de modo breve, contribui para essa discussão quando ela apresenta o conceito de *contexto* (2008). Em *Pelo Espaço*, ao analisar o debate que teóricos, como a filósofa Isabelle Stengers, multiplicam sobre a teoria da complexidade e a ciência, ela sublinha a supervalorização da associação entre contexto e memória com suas referências históricas.

Realçar a espacialidade de nossos passados e geografia de nossas histórias – a dispersão de nossos próprios *selves* – inclui uma interpretação com mentalidade mais aberta, na qual todas essas coisas são, necessariamente, por e através de contatos, relações e interconexões com outros (2008, p. 189).

Não que esses referenciais sejam equivocados. Contudo, eles se expressam de modo inacabado, já que “memórias e contextos são também espaciais”, portanto, devendo-se acrescentar a essas ideias de “passados e histórias”, as noções de “alhores” e, além do mais, “geografias” (*ibidem*, pp. 188-189).

A memória, através de seu contexto, se faz em conjunto: acumulação de tempos em sobreposição a espaços. Defrontamo-nos, portanto, com passados remotos e tempos recentes em lugares contíguos e distintos. A conjugação desses componentes nem sempre se dá de maneira amigável. Muito pelo contrário. Variadas vezes, isso se estabelece pelo conflito.

O plantio de pinus, por exemplo, foi uma das consequências dos vários conflitos que fizeram com que as pessoas do Pai Bitu se vissem frente a frente com novas problemáticas. Exemplo disso é que, como negócio, essa monocultura fracassou na região. Tanto que não houve saída da madeira, então há muitos hectares abandonados, com aquele vasto número de árvores. Os donos oferecem para os locais explorarem as madeiras, porém raros se atrevem, porque o lucro é tão pequeno que não compensa tamanho esforço.

## Geografia e Linguagem Literária

Sempre me encantaram as boas histórias. Enredos que instigam a reflexão são sempre apreciados e muito bem-vindos. As melhores histórias, aliás, são aquelas que se fundamentam no processo narrativo, mas que têm na importância do conteúdo seu contraponto e, de modo concomitante, seu complemento. A excelência narrativa não se faz suficiente para um texto ser aclamado como grandioso. Necessária seria uma habilidade de Borges, Dostoiévski, Cortázar ou outros poucos para transformar as passagens mais enfadonhas de nossas vidas em histórias repletas de expressividade e excitação. Essa é, inclusive, a razão pela qual estes são consagrados como extraordinários, pela arte, que praticavam com maestria, de prender o leitor à narrativa.

Nunca vi com bons olhos a “frieza” com que muitos pesquisadores constroem seus textos. Dá-me impressão que procuram sinalizar que esses são fruto exclusivo da razão, como se isso fosse possível. Então, busquei incorporar aos meus escritos linguagens que me expandissem os horizontes geográficos, que me permitissem outras interpretações e que me dessem mais satisfação ao longo da construção deste trabalho.

Escrevo de um modo menos “cientificamente” formatado, no intuito de conferir leveza à narrativa. É a partir de um texto que flerta, por vezes, com a Literatura que a elaboro. Há inúmeros trabalhos que associam Geografia e Literatura, como aqueles realizados por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002), ou Adriana Dorfman (2009). Diferente destes, que apresentam uma análise geográfica aprofundada de obras literárias, procurei uma aproximação da Literatura como linguagem. Em alguns momentos, uso trechos de obras literárias que me servem como mote para refletir sobre o trabalho que desenvolvo. A análise de textos literários, no entanto, não é meu objetivo principal.

Aliás, acercar-me da linguagem literária não significa que me preocupe menos com o conhecimento científico, sobretudo o geográfico, do que me preocuparia se assim não o tivesse feito. Como justifica Julio Cortázar:

Toda narração comporta o uso de uma linguagem científica, nominativa, com a qual se alterna, imbricando-se inextricavelmente, uma linguagem poética, simbólica, produto intuitivo em que a palavra, a frase, a pausa e o silêncio transcendem a sua significação idiomática direta. O estilo de um romancista (ainda considerando-o desse ponto de vista exclusivamente verbal) resulta da dosagem que ele concede a ambos os usos da linguagem, a alternância entre sentido direto e indireto que dá às estruturas verbais no curso de sua narração (1998, p. 63).

Tal qual o romancista, já se permite ao geógrafo, na qualidade de cientista, pairar entre distintos planos de linguagem. Como Denis Cosgrove, que a partir da descrição de um dia de compras com a família, constrói uma narrativa de apresentação do assunto, que lembra muito uma crônica do cotidiano (1998).

Cosgrove demonstra que não cabe mais à linguagem científica ser excludente ao ponto de se isolar da articulação com outras linguagens, como a literária, por exemplo. Essa articulação, inclusive, traz a ela substância interpretativa para novos desafios. A comodidade da palavra é, inclusive, uma forma de dominação, como sugere Foucault:

É essa liberação obscura e central da palavra no coração dela própria, sua fuga incontrolável para uma moradia sempre sem luz, que nenhuma cultura pode aceitar imediatamente. Não é em seu sentido, não em sua matéria verbal, mas em seu jogo é que uma tal palavra é transgressiva (1999, p. 194).

É através da linguagem, no sentido amplo e como costura da narrativa, que somos capazes de preencher as lacunas deixadas no decurso do tempo. Através dela que almejo transgredir o discurso oficial, no diálogo com minhas tias, assim como se abre a possibilidade de trabalhar com os casos de tantos outros que habitam o Pai Bitu ou que se encontram circunscritos em outras paisagens.

## Qualidade ou Quantidade?

Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a canseira da existência humana.

E se os cientistas,  
intimidados pela prepotência dos poderosos,  
acham que basta amontoar saber,  
por amor do saber,

a ciência pode ser transformada em aleijão,  
 e as suas novas máquinas serão novas aflições,  
 nada mais.  
 Com o tempo,  
 é possível que vocês descubram  
 tudo o que haja por descobrir,  
 e ainda assim o seu avanço  
 há de ser apenas um avanço  
 para longe da humanidade.  
*A Finalidade da Ciência* (BRECHT, 1977, pp. 223-224)

Quando decidi me inscrever no mestrado, já tinha em mente qual projeto gostaria de desenvolver. O que me motivou a levá-lo à frente foi a expectativa de escrever sobre pessoas. Não seria sobre pessoas conhecidas do grande público, mas sim sobre mulheres vindas do interior do interior do Rio Grande do Sul, cujos feitos mais heroicos eram acordar antes do cantar do galo, ordenhar as vacas, fazer o queijo, cuidar dos filhos, do marido, da casa e da lavoura. Logo após o sol se pôr, iam para a cama e, no outro dia, tudo se reiniciava.

Intrigou-me investigar como elas perceberam as transformações da paisagem da localidade onde nasceram. Para isso, não bastaria partir à procura de documentação ou algo que o valha, já que eu pretendia trazer à tona questões relacionadas ao cotidiano e às experiências pessoais dessas senhoras.

A melhor forma de saber o que elas pensam é perguntando a elas. No entanto, esbarrei em empecilhos, que me foram advertidos diversas vezes: *o pesquisador tem de observar os fenômenos de fora, para não “contaminar-se” com subjetividades; o texto acadêmico tem que ser na terceira pessoa do singular; o documento escrito é imprescindível e inquestionável na ciência.*

Apoio-me em Jean-Paul Sartre, que entende que “nenhuma regra de uma moral genérica pode indicar o que devemos fazer, não existem sinais outorgados no mundo” (2013, p. 38). Livre das outorgas mundanas, temos a capacidade de seguir o caminho que melhor nos convier, pois “admitamos, sou eu mesmo, em todo caso, que escolho o significado que esses sinais devem ter” (*ibidem*, p. 38).

Elegi elaborar, assim, uma pesquisa pautada pelo contato e pelo diálogo, em que a entrevista será o ponto de encontro que conduz o texto que desenvolvo. Uso os verbos na primeira pessoa, porque é o modo com o qual mais me sinto à

vontade para escrever e, principalmente, porque é uma das formas efetivas de me posicionar, preencher de humanidade, em conjunto com minhas colaboradoras, o decurso da narrativa.

Eu me coloco no texto justamente para trazer a minha leitura dos acontecimentos. Afinal, a ânsia pela objetividade absoluta é uma busca perdida. Conforme o linguista Sírio Possenti, “o próprio trabalho de eliminação da subjetividade é um trabalho dos sujeitos.” (2004, p. 240).

As abordagens, tanto quantitativa quanto qualitativa, apresentam fragilidades. O filósofo Maurice Merleau-Ponty critica a objetificação científica excessiva e como isso, inclusive, pode criar barreiras que nos distanciem da realidade. Pois, a ciência:

manipula as coisas e renuncia habitá-las. Estabelece modelos internos delas e, operando sobre esses índices ou variáveis, as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se confronta com o mundo real (2004, p. 13).

Cabe ao pesquisador analisar, portanto, o que é mais adequado ao seu problema e que melhor responderá as perguntas surgidas ao longo do processo de construção do trabalho que se está realizando. Como propõe o psicólogo Robert Stake, apesar de uma ou outra prevalecer, ambas coexistem:

Cada uma das divisões da ciência também possui um lado qualitativo em que a experiência pessoal, a intuição, e o ceticismo trabalham juntos para ajudar a aperfeiçoar as teorias e os experimentos. *Qualitativa* significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana (2011, p. 21 – grifo dele).

A relevância do fazer científico está mais nos processos de concepção e execução do que no resultado propriamente dito. Como ressalta Possenti, “o critério de cientificidade de um enunciado não é a verdade da proposição que ele veicula, mas seu sistema de produção” (2004, p. 238).

Essas reflexões devolvem a humanidade ao ato de pesquisar e, por conseguinte, ao cientista que a elabora. Definitivamente, não existe neutralidade na ciência. Essa ideia a despersonaliza. Afinal, ela é feita de escolhas, que são a realização de alguém. Logo, é esse alguém, que num universo de possibilidades,

decide o que escolher e como desenvolver essas escolhas.

De acordo com Edgar Morin, as ciências, sobretudo das áreas de humanas, pecam porque:

ocultam ou dissolvem os caracteres existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seus envolvimento, seus delírios suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade (2003, pp. 43-44).

O fazer científico é obviamente fruto da razão, porém ele surge e se estabelece pela sensibilidade do pesquisador. Uma ciência oca de paixões é uma ciência fraca, afinal de contas, razão e emoção andam juntas, constituem-se numa totalidade que não se pode dissociar. Somente a serviço da razão, o cientista transforma-se em autômato, como se fosse apenas máquina. A cargo exclusivo da emoção, a consequência é poesia.

Vera Lúcia Salazar Pessôa, ao tratar das renovações teórico-metodológicas ocorridas na Geografia nas últimas décadas apontou que, tanto da perspectiva do conteúdo quanto de novas técnicas, “a essência da realidade passou a ter um outro viés interpretativo à luz de posicionamentos filosóficos e políticos do pesquisador” (2012, p. 15).

A permissão de se posicionar e, indo mais além, até colocar-se no texto, como ocorre neste trabalho, provocou-me a buscar outras alternativas de compreensão dos porquês surgidos em virtude dessas predileções. Ao longo desse processo, certamente o que mais me instigou foi a possibilidade de me acercar das novas propostas teórico-metodológicas que a história oral nos proporciona.

## **Oralidades**

A história oral é uma lição de humanidade às ciências humanas. Ela é um compromisso social firmado entre pesquisado e pesquisador, porque promove uma transformação nesse vínculo entre ambos. Ambos, embora com atribuições diferenciadas, são parte de um mesmo processo, atuam para a mesma finalidade.

Esse realizar, aliás, nunca deve ser entendido como definitivo ou acabado.

Desde o princípio, faz-se necessário assumir as limitações da produção do conhecimento e ponderar que a verdade não é preconcebida, muito menos se conforma de uma irreduzibilidade. Não devemos cair na tentação de consagrar a ciência como um dogma, que tem de ser seguido de olhos vendados.

Há muita discussão no seio da comunidade acadêmica quanto ao caráter científico da história oral. Atribui-se a esse procedimento metodológico uma demasiada carga subjetiva, que o saber científico não poderia suportar. O que muitos veem como o pecado da história oral, para mim e para muitos outros pesquisadores, é a sua principal virtude.

De acordo com Meihy, “a objetividade reclamada da história oral é a mesma que deve ser cobrada de qualquer outro documento escrito, pois limitações idênticas permeiam a produção de documentos oficiais” (2002, pp. 47-48). Lembremos que o adjetivo *escrito* não é, e nunca foi, sinônimo de *fidedigno*. Justamente a partir dessa infeliz analogia, que muitas atrocidades foram cometidas ao longo da história.

Além disso, toda documentação oficial é um tipo de discurso e, de maneira nenhuma, há discursos imparciais, como ressalta a professora de Psicologia na Universidade de Paris V, Laurence Bardin:

O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma languageira. O discurso não é um produto acabado mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições (1997, p. 170).

Certamente, há falhas na história oral, assim como em todos os outros procedimentos metodológicos adotados pelos mais variados cientistas. A ciência é feita de falhas, porque ela é feita por seres humanos. A ciência é a superação do erro em processo contínuo. O erro faz parte de nossas vidas e temos de aprender a viver com isso. Ele é, aliás, uma oportunidade de crescimento.

Na prática, entende-se história oral, de acordo com Meihy, como “um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos” (2002, p. 13). Pressupõe, segundo Meihy e Ribeiro, um conjunto de procedimentos que vão desde a escolha



dos entrevistados, marcação e realização de entrevistas, a passagem das gravações do código oral para o escrito, até o arquivamento do material gravado e exibição do resultado dessa sistemática (2011).

Como procedimento metodológico, a história oral não deve ser considerada como de uso exclusivo do historiador. Ela se ajusta perfeitamente ao propósito da Geografia, assim como ao de diversas outras ciências que buscam abordar os seres humanos a partir de seus próprios pontos de vista. Como disserta Vera Lúcia Salazar Pessôa, a “integração entre diferentes conhecimentos possibilita criar saberes diferenciados e importantes para a construção do conhecimento” (2012, p. 4).

Conforme discorrem Meihy e Ribeiro, há basicamente quatro gêneros narrativos distintos em história oral, cada um variando conforme os objetivos que o pesquisador pretende alcançar com a elaboração do trabalho (2011). A *história oral de vida* corresponde à narrativa mais duradoura – como o próprio nome já indica –, valendo-se da continuidade de experiências e dos processos no decorrer da vida das pessoas. Apesar de, em sua origem, ter sido inspiração, história oral de vida não é o mesmo que uma biografia, porque as lembranças e circunstâncias da narrativa não obedecem a um sequenciamento lógico e cronológico, por vezes, aproximando-se de uma criação poética ou literária. Além disso, como afirmam eles, sua motivação não é a busca da verdade, mas sim de uma “versão sobre a moral existencial” (2011, p. 83).

A *história oral testemunhal*, por sua vez, ocupa-se das vivências de repercussões traumáticas. Sendo assim, sua utilização dedica-se à reparação social e política de pessoas que sofreram com agressões físicas ou morais, ataques, exclusões ao longo da história. É um compromisso político e social que se centra no drama dessas pessoas e sua narrativa não deve fugir desse foco.

Já, a *história oral temática* baseia-se na construção narrativa, através de entrevistas programadas, na tentativa de explicar um tema central. É o gênero que mais abre espaço para a articulação entre diálogos e documentos, porque nele “o entrevistador pode e deve apresentar outras opiniões contrárias e discuti-las com o narrador, mas com a finalidade de elucidar uma versão que é constatada,

nunca para contrapor ao colaborador” (*ibidem*, p. 89).

Por fim, a *tradição oral* tem origem no contato com grupos em que as tradições, mitos e “demais valores de explicação não racional” são fundamentais para a elaboração do processo narrativo. No entanto, esse gênero narrativo ainda é “visto como algo menos aceito na comunidade acadêmica, sendo preferencialmente de interesse de antropólogos” (*ibidem*, p. 91).

Inicialmente, havia pensado em trabalhar com a história oral temática, como o mote da transformação da paisagem desde a chegada da monocultura do pínus no Pai Bitu. No entanto, ao longo do trabalho, alterei esse foco para a história oral de vida, porque a perplexidade com a metamorfose paisagística da localidade era minha, nem tanto delas.

Notei, também, que estava perdendo a oportunidade de compartilhar vivências anteriores a isso. Ao longo da vida delas, bem provável, houve outras transformações também significativas, mas isso somente elas teriam condições de me dizer. Além disso, eu deveria aproveitar o que elas me diziam e, estabelecendo uma temática na condução do diálogo, poderia limitá-las no resgate de memória e, sobretudo, no fluxo narrativo durante as entrevistas.

Considero entrevista como um convite ao diálogo, onde o encontro entre pessoas e concepções de mundo se realizam. É a partir desses encontros que as diferenças se salientam. Cabe ao condutor desse momento, da maneira mais respeitosa, dar luz às riquezas dessa experiência. Como ressalta Caldas:

O sujeito da minha atenção não está em mim; ele, em nosso diálogo, opõe-se a mim em sua existência autônoma, e o meu melhor interesse não consiste em *apropriar-me dele*, mas em deixá-lo afirmar todas as suas redes vivenciais, todas as suas determinações, seus caminhos e tecidos particulares, todas as suas diferenças, mentiras/verdades/ilusões, todos os seus devaneios (1999, p. 100).

A troca de experiências, por meio de entrevistas, tem papel fundamental em uma pesquisa que faz uso da oralidade. A história oral, no entanto, não deve ser confundida apenas com a entrevista. Meihy e Ribeiro salientam que “não cabe chamar entrevistas comuns de *história oral*, pois em muitos casos elas se orientam por procedimentos e práticas diferentes, respeitáveis e legítimas, mas em ou-

tras chaves explicativas ou outras necessidades” (2011, p. 13). É claro que a entrevista é a fase que dará substância a este trabalho e que conduzirá as etapas subsequentes, porém não devemos reduzi-lo apenas a isso.

É importante ressaltar que o referido procedimento metodológico não será a finalidade da presente pesquisa. Estaria mais para o meio que me permitiu amplificar os horizontes na busca de um caminho próprio. Proponho, portanto, um trabalho de maior abrangência, uma história oral híbrida, em que a análise das entrevistas me deem o fio condutor para a construção narrativa.

Meihy resalta o ponto que é fundamental e que confere à pesquisa o tom de um trabalho em/com história oral: “é preciso um projeto que guie as escolhas, que especifique as condutas e qualifique os procedimentos desde o começo até o fim” (2002, p. 162). Meu projeto, aliás, ganhou corpo após as primeiras entrevistas. Foi só depois disso que eu consegui entender, e delimitar, o que de fato faria dali para frente.

Os recursos da oralidade, além disso, não convêm apenas na ausência de documentação para o embasamento de um trabalho. Ela também oferece uma nova perspectiva, que é revelada por aqueles que nunca tiveram voz, ou seja, a história oral se configura em outra versão para o discurso oficial.

Como frisa Meihy:

Em todos os quadrantes da vida individual ou coletiva, despontam investidas que se completam com registros de experiências familiares, institucionais, de pessoas comuns ou ilustres. Fatos notáveis e acontecimentos corriqueiros mostram que a noção de vida social apreendida pela história oral é relevante em sua plenitude. Como que garantindo que “tudo é história”, decorrem da vontade de registrar, guardar e propor análises fundadas em um conceito de conhecimento que se dobra ao *continuum* da vida (*ibidem*, pp. 20-21).

A ideia acima de que “tudo é história” deve ser complementada com a proposta de Denis Cosgrove, em que “a Geografia está em toda parte” (1998, p. 92). Esse estado onipresente revela o quanto devemos considerar as características comuns das duas, na medida em que ambas, qualitativamente, se complementam: a Geografia requer a História para se realizar, assim como esta reivindica a primeira para materializar-se.

## Entre a Fala e a Escrita

Os textos sobre História Oral me fizeram ponderar sobre algo que anseio avaliar no flutuar desta nau que parte e vai se estabelecendo no curso deste texto: a diferença entre língua falada e escrita. Em primeiro lugar, aprendemos a falar antes de escrever. Mesmo nas crianças mais geniais, de um modo geral, o ato de falar precede o de escrever.

Ademais, a fala é mais solta no que se refere à utilização das regras do bom português, ou do idioma que for. A escrita, em contrapartida, demanda prudência em sua utilização, já que o texto, mais do que ser a expressão das ideias, traduz a credibilidade que seu escritor terá perante a sociedade da qual ele faz parte. Além do mais, ela tem outras questões que a fala não possui, como a grafia de pontuação e acento, por exemplo, que se transformam em barreiras que complicam muito o ato de escrever.

Não se deve estabelecer, no entanto, uma preponderância de uma sobre a outra. Luís Antônio Marcuschi e Ângela Paiva Dionísio entendem que não há porquê propagar “uma divisão dicotômica entre fala e escrita nem se justifica o privilégio da escrita sobre a oralidade” (2007, p. 14).

Fugir de maniqueísmos que simplificam a análise não significa que possamos considerar fala e escrita como linguisticamente idênticas. A principal distinção está na sua natureza constituinte: “a fala, na medida em que é som, tem presença fugaz, e a escrita, na medida em que é grafia, tem presença duradoura” (*ibidem*, p. 21).

A durabilidade da escrita está em sua constância, na medida em que a fala – caso não haja gravação ou algo que o valha – vai-se como o vento. A maneira mais assídua de permanecer da oralidade está em sua inscrição na memória. No entanto, assim como a própria fala, como indicam os linguistas, e já advertido anteriormente, a memória também tem um quê de fugacidade.

A partir dessas particularidades, Marcuschi e Dionísio estabelecem:

Fala e escrita distinguem-se quanto ao meio utilizado. Em certo sentido, essa é a única distinção dicotômica entre a fala e a escrita e com repercussões significativas, na medida em que se funda na forma de representação (*ibidem*, p. 21).

Não quero cair aqui na cilada de tentar provar que uma é melhor ou mais importante que a outra. Essa tentativa seria enfadonha e sem propósito, uma batalha onde apenas restariam derrotados – como é o habitual de todas as efetivas batalhas. A oralidade vem, aliás, para complementar a escrita quando está não se faz presente. Essa medida é um artifício social e político que está para preencher as lacunas legadas aos grupos para os quais a “História deu de ombros”.

Por meio de história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, principalmente de mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de imigrantes, exilados, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias (MEIHY, 2002, p. 39).

A presente abordagem proporciona uma expansão dos horizontes da investigação, trazendo à baila gente como minhas tias, pessoas simples, que jamais imaginariam ser motivo de interesse do “povo da cidade”, quanto mais serem protagonistas em uma pesquisa realizada na universidade da capital.

Essa perspectiva, então, implica a produção de uma narrativa construída na vigência do diálogo entre pesquisador e colaboradoras, promovendo o compartilhar de experiências vivenciadas. Essa narrativa feita a várias mãos, também, valoriza o pesquisador em sua qualidade autoral, porque o desvencilha dos grilhões normativos, concede a ele o direito de criar a partir da descrição de tudo que envolve o trabalho e, também, o envolve ao longo do trabalho.

Aliás, o binômio linguístico fala e escrita é um aspecto capital na aproximação entre memória e História. A primeira, como reconstrução psíquica do passado, vai desvanecendo com o galgar dos anos. Já a segunda, uma vez que é conhecimento produzido, fundamenta-se na (re)construção intelectual do passado com base em um método científico, que busca uma leitura crítica, com base na análise ou na produção de documentação, e no registro do passado. A linha com que amarramos memória e História, Geografia e paisagem chama-se narrativa.

Não significa dizer que apenas os velhos sabem contar histórias, mas, à

medida que os cabelos agrisalam, aprimoramos a faculdade de narrar. Nada melhor que as vivências, que se prestam de suporte, para nos aperfeiçoarmos na contação de histórias. Como avisou Bosi:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela sua voz. (...) A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador, sua matéria, a vida humana (2012, p. 90).

Compartilhar lembranças é uma atividade, ao mesmo tempo, encantadora e delicada. Contar histórias é uma prática, no entanto, que nem todos dominam. A mais hábil contadora de histórias dentre as tias é, sem sombra de dúvidas, a Almira – por acaso, a mais longeva da família. Com uma voz retumbante e inconfundível, que preenche todos os cômodos da casa, é daquelas narradoras que admiramos porque tem a habilidade de trancafiar olhares e jogar a chave fora. O que me chama mais atenção em suas histórias são o humor sutil, mas refinado, e a desenvoltura. Essa fluidez narrativa tem enorme capacidade de fascínio, sobretudo nas crianças.

## Por uma Geografia Oral

Uma das primeiras perguntas que a professora Adriana Dorfman me fez, ao longo da construção deste texto, foi: *onde está a Geografia no que escreve?* A partir dessa dúvida hamletiana do “ser ou não ser” (Geografia), reformulei diversas vezes o questionamento até chegar ao: *onde está a minha Geografia?*

A polarização clássica da Geografia, e das outras ciências de um modo geral, em Física ou Humana sempre me deu a entender que ambas se opõem, com fronteiras bem definidas, e que uma deve evitar de invadir o território da outra. Porém, não compartilho dessas ideias fragmentárias do fazer geográfico nas gavetas do mundo, cada uma com a sua respectiva chave. Como diz Edgar Morin:

Não me encaixo em nenhuma rubrica, em nenhum compartimento. Sofro o ódio renovado dos que rotulam as pessoas e as encaixam em disciplinas. É certo que minhas ideias se disseminam, mas vejo e não vejo suas germinações (1997, p. 186).

A busca do que fazer culmina com um encontro comigo mesmo e com o que acredito ser o conhecimento geográfico. Certamente, essa tão procurada *Geografia* se posiciona ao lado do adjetivo *Humana*. Uma *Geografia (mais) Humana* é aquela que se preocupa mais com vidas do que com teorias, com as pessoas do que com as instituições. Não que teorias e instituições sejam irrelevantes, bem pelo contrário, mas suas forças estão na vivacidade das pessoas que as constituem como tal.

Falar do ser humano não é uma prática recente na disciplina. É importante deixar claro, no entanto, sobre quem e com quem se desejou falar até agora. Como afirma Paul Claval, “os geógrafos do início do século XX de bom grado falavam do homem. Na verdade, tratavam dos adultos masculinos do grupo social dominante” (2001, p. 61).

Caldas, um dos críticos dessa perspectiva de Geografia Humana distante, dá pistas de como fugir da cilada da desumanização da Geografia:

Se um dos exercícios essenciais do conhecimento que se diz geográfico é pensar o espaço, é preciso entender que esse espaço é, antes de tudo, “coisa humana”, produção duplamente humana e que esse pensar só pode advir de relações vivas, fluxos básicos, atividades de “presença” (produções, vivências, sociabilidades) (2011, p. 176).

O professor da Universidade Federal de Alagoas interpreta que o espaço que se quer geográfico é construído pelo humano e, de modo simultâneo, a partir do humano. São as vivências que conferem materialidade a esse espaço e, afinal de contas, é o próprio ser humano que faz a leitura dessa produção. Portanto, o desafio que se apresenta à Geografia é entender a segunda “produção humana” de Caldas e ir ao encontro de sua “presença”, trazer as pessoas para perto de si e ouvir o que elas têm a dizer. Essa procura abre passagem para outras possibilidades teóricas e de procedimentos metodológicos que respondam aos nossos anseios de pesquisador de uma forma mais conveniente aos propósitos socioespaciais que almejamos.

Uma das questões da Geografia Oral é estabelecer conexões, aprender a ouvir as ressonâncias, abrir as redes, os fluíres entre domínios de saberes, domínios de vida, campos de práticas. Daí

porque certa História Oral (Caldas, 2009) enquanto tensor livre para o pensar geográfico para uma Geografia Oral (*ibidem*, pp. 176-177).

Assim, a História Oral é uma boa tentativa de trazer o substantivo *Geografia* para mais perto do adjetivo *Humana*, dando vazão às interrogações anteriormente reveladas. Dessa combinação, resultaria uma certa Geografia Oral, a fim de equacionar as dúvidas existenciais que nos afligem. Sobre essa questão, Caldas alerta:

Com essa conexão não se pretende legitimar, fundar, justificar um “novo saber”, mas arejar um lócus antigo de práticas, exercícios, costumes acadêmicos, escolares, estatais, e com esse arejamento expor certas práticas viciadas e deformadoras (*ibidem*, p.177).

A Geografia Oral não é apenas um limiar, mas também a face espacial da História Oral. A partir dela, discutimos concepções de espaço, reconstituímos as paisagens que de modo contínuo se transformam e aos poucos vão deixando de existir, permanecendo vivas apenas na memória daqueles que a saborearam.

Devido a História Oral ser relativamente recente, sua aproximação com a Geografia ainda está na fase embrionária. Existem poucos registros de trabalhos que as aproximem. Textos que abordem a Geografia Oral em língua portuguesa são bastante raros. Para se ter ideia, vasculhei os periódicos Qualis do ano de 2014, na plataforma Sucupira da CAPES (área de avaliação Geografia), com o intuito de selecionar as revistas brasileiras dos estratos A1, A2 e B1 que contivessem, em seu texto, a expressão “Geografia Oral”. Em um universo de 26 revistas do Brasil, não encontrei a locução em nenhuma delas. No portal de periódicos da CAPES tampouco há resultados sobre o tema.

Dentre as propostas existentes, destacam-se as produções do grupo *Geografia da Oralidade*, vinculado à Universidade de São Paulo, iniciado no ano de 2008 e liderado pelo professor Júlio César Suzuki. O projeto desenvolvido pelo grupo visa, como diz o próprio coordenador, ao “aprimoramento de técnicas de história oral na recuperação de histórias de populações caiçaras e quilombolas do estado de São Paulo, corroborando com a manutenção das suas práticas espaciais” (2011, p. 58). Embora a proposta não faça referência direta, sua



aplicação traduz muito do que se tem pensado sobre a Geografia Oral.

Alberto Lins Caldas, por sua vez, redigiu um texto que consta na revista *Oralidades*, organizada pelo Núcleo de Estudos em História Oral da USP, cujo título é *Geografia Oral* (2011). Encontrado graças ao Google Acadêmico, esse artigo foi crucial para o andamento do presente trabalho, porque foi meu primeiro contato efetivo com a temática. Foi ele, inclusive, que me abriu o horizonte para as leituras sobre História e Geografia Oraís.

Caldas, aliás, foi um dos responsáveis pela condução do Centro de Hermenêutica do Presente da (UNIR). A partir do CENHPRE, tanto no Departamento de História quanto no Departamento e no Mestrado de Geografia, vários trabalhos foram concebidos. Dentre aqueles que se aventuraram pelo campo da Geografia Oral, destacam-se SANTOS (2002), GUSMÃO (2008), PINHEIRO (2008), SOUZA (2008), SANTOS (2012).

Talvez a referência mais importante, uma das precursoras brasileiras da temática, é a tese na Geografia Humana da USP, defendida por Caldas (2000). Resultado de entrevistas com oito ribeirinhos de uma pequena comunidade às margens do rio Madeira, em um distrito da capital de Rondônia chamado Calama, o trabalho de Caldas põe frente a frente Bachelard, Barthes e Foucault em diálogo com dona Cristina, dona Joana, seu Roberval, Morena, Gama, Bico, Cícero e Alipão (estes últimos, os colaboradores da pesquisa).

Segundo Caldas, a principal contribuição da tese:

Não é o “quadro teórico-metodológico”, trazer a História Oral para o centro da Geografia Humana, a inclusão de novos autores na discussão geográfica ou a nossa interpretação e visão de mundo, mas os *textos vivos* dos entrevistados. A estrutura acadêmica passa muito depressa e não deixa rastros. Mas as falas textualizadas em colaboração (MEIHY, 1990) ficam como marcas de um mundo que já vai desaparecendo. Vozes, experiências e visões de mundo que não tiveram outra oportunidade de se dizerem (2000, p. 8).

Uma Geografia da oralidade, então, apresenta as posições sociais e políticas que o pesquisador e seus colaboradores pretendem revelar. Ela almeja dialogar com aqueles que são ofuscados pelo descaso. É onde as pessoas, por condições sociais e políticas silenciadas, ganham voz, reconstituindo seus

espaços e presentificando em narrativas suas experiências vividas.

Diferentemente de um simples uso da oralidade, a Geografia Oral procura compreender o tempo e o espaço presentes a partir do fluxo narrativo desencadeado pela memória em colaboração. Embora tenha como suporte, ela se diferencia de História Oral porque enfatiza as interações espaciais nas experiências de vida produtoras da memória.

Sua marca característica é a técnica da *transcrição*, dando uma importância ao ato da entrevista que confere outra qualidade ao entrevistado. A razão de existir da Geografia Oral é, portanto, tornar o humano em igualdade de condições (com o próprio humano e) com o geográfico.

## Transcriar

Em nossas lembranças já um passado fictício ocupa o lugar de outro, do qual nada sabemos com certeza – nem, ao menos, que é falso.  
*Tlön, Uqbar, Orbi Tertius (BORGES,*

Se aspiramos a conferir destaque a histórias de vidas, devemos propagar o que dizem os próprios viventes. A melhor maneira de cumprir com essa expectativa é transcrevê-las como são ditas, valorizando as entrevistadas na qualidade de colaboradoras da pesquisa.

Essa transcrição, no entanto, não se estabelece à revelia. Não seria suficiente apenas escrever os diálogos para a elaboração deste trabalho. Esse procedimento carece de uma teoria que abarque o rigor metodológico desejado. Para tanto, valho-me da ideia de *transcrição*, adaptada por Meihy das teorias de tradução dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos “que adotam o pressuposto da transcrição como o mais viável para os processos de tradução de textos de uma língua para outra”, em que não ocorre uma tradução pura e simples do original, mas sim uma recriação que preserva os significados do texto (2002, p. 232).

Em termos práticos, segundo Meihy, para a transcrição de uma entrevista, há três etapas básicas: a transcrição, a textualização e a transcrição propriamente dita (2002). A primeira fase é o produto bruto, a transposição do

que foi dito para o papel. Elegi aquela que Meihy chama de *transcrição absoluta*, que é “a passagem completa, com todos os detalhes sonoros, da entrevista gravada para a escrita” (2002, p. 194). Julgo necessário não apenas o registro das entrevistas, mas também uma recuperação escrita de tudo que envolveu esse momento tão significativo da pesquisa.

A segunda fase, que é uma preparação para a transcrição, é uma transposição da oralidade para o formato texto. Conhecida como textualização, dá-se a partir da reorganização do discurso e da “articulação da entrevista de maneira a fazê-la compreensível, literariamente agradável” (*idem*, 1991, p. 30). Na prática, ela consiste na eliminação da voz do entrevistador e na retirada dos erros gramaticais e das perguntas, que, quando necessário, são incorporadas à fala das colaboradoras. Além disso, sons e ruídos desnecessários para o transcorrer da narrativa também são suprimidos, com o intuito de dar maior fluência e clareza à produção final.

Caldas, refletindo sobre as contribuições de Meihy ao assunto, diz que:

A “anulação da voz do entrevistador” não é anulação completa ou gratuita, mas inclusão na dialogicidade do texto, quando isso for pertinente e exigido por essa mesma dialogicidade, pelo tema ou pela narratividade (...) para se recriar a narração viva do colaborador é preciso que uma das vozes em diálogo seja devorada hermenêuticamente pela outra, realçando-a, trazendo-lhe a força original, a força virtual de sua existência (1999, pp. 105-106).

A imagem da “voz devorada” do pesquisador, aliás, traduz o sentimento que me motivou a levar este projeto a diante. Esse ato fágico e hermenêutico dá outra dimensão às minhas entrevistadas, alçando-as à condição de colaboradoras do processo de criação do texto. O brilho da Geografia Oral está justamente nesta característica de trabalho feito a várias mãos.

Esse exercício de alteridade, aliás, exige certa cautela. Recriar o contexto da entrevista não é uma tarefa simples, já que ela não se estabelece apenas pelo encadeamento de palavras, mas também pelas circunstâncias emocionais envolvidas: as expressões do rosto, os gestos de mão, os embargos da voz e o silêncio, que muitas vezes dizem mais do que as próprias palavras.

O passo derradeiro, mas não menos importante, é a *transcrição*, o momento de depurar a entrevista já textualizada, conferindo-lhe refinamento narrativo. Nessa fase, cabe ao oralista articular o texto e o atribuir coesão e coerência, com o intuito de lhe dar fluência, torná-lo agradável aos olhos do leitor.

O texto transcrito é, para o interlocutor, sua vida no papel, aquela vida escolhida por ele para ser a sua vida, para ser o representante, para ele, do vivido (o que não quer dizer que seja o realmente vivido, o que seria voltar às metafísicas das Histórias) (CALDAS, 1999, p. 109).

No trecho acima, Caldas trata do conteúdo narrativo da transcrição, destacando o caráter ficcional da técnica. Essa ficção, inclusive, aceita conter fragmentos imaginados que conferem a ela uma ligação lógica entre os fatos. A paisagem, como uma narrativa espacial, seria recriada: como ela foi; como as colaboradoras entendem que foi; ou, até mesmo, como gostariam que tivesse sido. São as colaboradoras que definem qual paisagem elas querem reconstituir e, acima de tudo, qual versão paisagística querem revelar.

Meihsy, por sua vez, entende a transcrição como:

A fase final do trabalho dos discursos. (...) Teatralizando o que foi dito, recriando-se a atmosfera da entrevista, procura-se trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato, e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito, palavra por palavra (1991, p. 30).

Essa recriação de atmosfera, aliás, vem ao encontro da concepção de *geração de ambiências*, proposta pelo geógrafo Nelson Rego. Embora estabelecida em e para outras circunstâncias – mais precisamente, no ambiente escolar –, a geração de ambiência tem uma raiz em comum com a transcrição, na medida em que ambas se estabelecem com base na produção das condições necessárias, tanto na sala de aula quanto na academia, para a inventividade. Essa perspectiva nos autoriza operar tanto com “as relações materiais e simbólicas que contextualizam a existência humana”, quanto com “os diversos tipos de mediações que situam indivíduos e/ou coletivos perante uns e outros” (2010, p. 47) nas mais variadas possibilidades de interações pessoais cotidianas.

O conceito transcrição, portanto, não deixa de ser científico – tampouco menos relevante – por não estar embasado em documentação escrita, mas sim na

oralidade. Como sublinha Meihy, “autores mais atentos ao moderno uso das narrativas como fonte garantem que o objetivo central da coleta de depoimentos não se esgota na busca da verdade e sim na da experiência” (2002, p. 49).

Assim, relativo à estruturação, o texto transcrito é o ponto que me orienta ao longo do trabalho. Consta, inclusive, em posição de destaque, constituindo-se no fundamento da pesquisa. Já, a transcrição absoluta da entrevista aparece apenas nos anexos. E, com o intuito de evitar repetições e monotonias de leitura, a etapa da textualização não está na versão final desta dissertação.

## **As Desventuras de um Principiante**

Todo aprendizado é processo em que as ideias envolvidas são como frutos, que precisam amadurecer para serem colhidos. O ato de pesquisar segue essa mesma regra. Durante a graduação, devido às atribulações entre trabalho e estudo, não tive essa oportunidade.

Estreio na pesquisa acadêmica, sem estágios, direto em uma dissertação. Sem dúvida, uma ousadia. Desde o princípio, sabia das dificuldades, mas aceitei o desafio. Escolhi o mesmo tema de pesquisa, que havia começado a desenvolver na disciplina de Metodologia da Pesquisa, ministradas pela professora Cláudia Pires e pelo professor Nelson Gruber, ainda na graduação. Como já havia um caminho, trilhado ao longo de um semestre, resolvi segui-lo.

Elegi a história de vida como procedimento metodológico da pesquisa. Angustiadamente, parti em busca de literatura que me ensinasse sobre a temática. Fiz uma busca no Google e selecionei alguns trabalhos que tinham essa base metodológica. Dentre as referências bibliográficas dos textos em que li, procurei as mais frequentes. Não me dei conta, no entanto, que essas referências, apesar de relativamente recentes, escritas no início dos anos 1990, constituíam-se na pré-história da história oral e que, assim, já poderiam estar desatualizadas.

A professora Adriana Dorfman, minha orientadora, provocou-me a buscar fontes que desenvolvessem a Geografia Oral. Além disso, ela me apresentou

Hundertwasser – artista o qual não conhecia – e me recomendou que utilizá-lo como referencial, já que meu trabalho tinha muitas afinidades com a arte dele.

Precisava de referências que me dessem segurança para começar. Tal como muitos principiantes, saí em busca de livros que me dessem receitas. Nessa peregrinação culinária, cheguei àquela que me parecia a mais adequada para minha realidade – diga-se de passagem, a que julguei mais prática de aplicação.

A partir disso, elaborei um roteiro de entrevista, de acordo com a figura 8, com cerca de 20 perguntas e o encaminhei à orientação, que fez algumas sugestões de alteração. Havia questões que continham minhas adaptações às cinco peles de Hundertwasser.

<b>PERGUNTAS DO ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>	
<b>Primeira Pele: O Corpo</b>	Diga seu nome, onde e quando você nasceu. Onde você estudou? Onde ia para consultar médicos? De que vocês se alimentavam? Você teve filhos? Quantos? Onde eles nasceram e estudaram? Para você, o que é ser mulher? Como eram as roupas que vocês utilizavam?
<b>Segunda Pele: O Espaço Doméstico</b>	Você teve quantos irmãos? Como se chamavam seus pais? Como era a relação entre eles, de que você mais lembra deles e qual o papel de cada um dentro de casa? Como se chamava seu marido? Como era a casa? Você se mudou muitas vezes? Por quê? Qual era o seu papel na divisão das tarefas de dentro de casa? Você trabalha ou trabalhava fora de casa? Por quê? Onde? Quem eram seus vizinhos e como era a sua relação com eles? Vocês se visitavam frequentemente? Como era seu dia?
<b>Terceira Pele: O Campo e a Cidade</b>	Onde ia para atividades religiosas? Frequentava que tipos de festas? Onde fazia compras? Morou no Pai Bitu até que idade? Como vocês se deslocavam campo afora naquela época, que tipo de meio de transporte utilizavam, tanto nas curtas quanto nas longas distâncias? Para onde, de um modo geral, vocês iam? Quais eram os lugares que mais frequentavam? Para você, o que era morar no campo e quais principais diferenças da vida na cidade?
<b>Quarta Pele: A Identidade e a Paisagem</b>	Quando você decidiu ir embora do Pai Bitu? Quais as razões que a motivaram procurar um outro lugar para viver? O que você fez com as terras que tinha lá? Que modificações a paisagem Pai Bitu sofreu a partir da chegada dessa cultura? Que modificações as pessoas do Pai Bitu experimentaram a partir da chegada dessa nova cultura? De que você sente mais saudade de antes dessas transformações todos do Pai Bitu? De que você sente mais saudade do Pai Bitu na sua infância ou juventude?
<b>Quinta Pele: A Esfera Global</b>	Quando o plantio de eucalipto e pinus chegou ao Pai Bitu? Quem iniciou esse cultivo? Esse tipo de plantação trouxe muitas alterações para a vida das pessoas de lá? Quais os benefícios e prejuízos às pessoas causados por esse tipo de cultivo? Houve alguma pressão daqueles que plantam eucalipto ou pinus para adquirirem suas antigas terras?

**Figura 8:** Roteiro de entrevista na proposta de peles.

Fonte: GONÇALVES, 2016.

Estabeleci meus contatos, organizei a logística, pus minha câmera na mochila e me fui, literalmente, ao campo. Um fato ocorreu logo que lá cheguei. Meus primos da cidade, que me acompanharam, ficaram muito orgulhosos quando viram um mapa digital da região, onde constava o Pai Bitu. Agora, eles poderiam mostrar em Caxias do Sul onde passam as férias todos os anos, já que alguns vizinhos e amigos dizem que o lugar é invenção da parte deles. Enfim, o Pai Bitu estava no mapa.

Quatro meses depois, chegou o dia da qualificação do mestrado. Em sua arguição, o professor Ruben Oliven me questionou o porquê de ter elaborado um roteiro de entrevista tão hermeticamente fechado, se as pessoas de lá precisavam apenas serem ouvidas. Ele até contou a história de um militar da reserva, que, para ser entrevistado, colocou seu melhor terno, e falou por horas a fio; no outro dia, ele ligou para o entrevistador, dizendo que tinha se lembrado de mais coisas que precisavam ser ditas. Perspicaz: os velhos precisam ser ouvidos...

Apesar de ser professor – fazia pouco tempo, é bem verdade –, eu não sabia fazer perguntas. Está certo que a condução de uma entrevista possui outro tipo de abordagem. É um contato direto e íntimo de cumplicidade que, muitas vezes, não ocorre numa sala de aula. Mesmo assim, percebi os erros que cometi: não valorizei as questões, procurando mais a fundo o que, realmente, elas queriam me dizer; não valorizei as respostas, pois logo que concluídas, já passava para a seguinte, sem dar tempo para as lembranças virem à tona; concluía as frases pelas colaboradoras. Enfim, precisava evoluir muito nessa questão.

Talvez, o mais estarrecedor de tudo tenha sido me dar conta que estava perdendo o “controle” sobre meu trabalho. Ele estava deixando de ser apenas meu. Minha própria criação. As minhas tias não respondiam exatamente como eu gostaria. Pensei em jogar tudo fora e iniciar do zero. Elaborar outro roteiro que, a meu juízo, seria “melhor respondido” por elas, de acordo com aquilo que eu esperava que elas me dissessem.

Paralelo a isso, desenvolvíamos uma pesquisa socioantropológica que subsidiará a reformulação do projeto político-pedagógico da escola onde trabalho. Ela se constituiu em amplo trabalho de pesquisa com todos os segmentos da

escola, com iniciativas junto aos alunos e alunas, familiares e lideranças da comunidade. Meu primeiro contato efetivo com entrevistas foi quando iniciamos a etapa prática com as famílias.

Fizemos várias saídas, em duplas ou trios, para conhecermos a realidade e o cotidiano de nossos alunos e alunas e de seus familiares. Numa dessas incursões a campo, fiz parceria com o historiador Marco Antônio Mello. De larga experiência junto aos movimentos sociais e governos de Frente Popular, foi a oportunidade prática que necessitava para aprender. Apenas observá-lo na condução de uma entrevista já valeu a participação no projeto. E não era tão difícil quanto parecia: bastava usar as expressões interrogativas mais adequadas, tais quais “quando?, por quê?, onde?, como?...”. Entrevistar é aproveitar cada oportunidade de desvendar o que o outro nos quer transmitir, seja tanto com o que se diz quanto com o que se deixa de dizer.

Na saída da casa que visitamos, ele sacou a máquina e bateu fotos de tudo que a circundava. Fotografou, inclusive, um esgoto a céu aberto. Isso me deixou intrigado: por quê? Só quando pensei como se lá vivesse que entendi o porquê: nos dias de chuva intensa, aquele esgoto poderia transbordar e invadir as casas dos moradores da comunidade. Ironicamente, aprendi com um colega historiador a perceber criticamente o espaço habitado e a aguçar o olhar para alguns detalhes que, muitas vezes, nos passam despercebidos.

Assim, foi quando entrei em contato com as obras de José Carlos Sebe Bom Meihy, sobretudo a partir dos seus *Manual de História Oral* (2002) e *Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida* (1991), e de Alberto Lins Caldas, em seu *Oralidade, Texto e História: Para Ler a História Oral* (1999), que encontrei o que nem eu mesmo sabia que procurava. Foram eles que me deram o suporte teórico necessário para conter minhas ânsias metodológicas e para as transformar em motivação no fazer científico.

A partir das leituras sobre o tema, ficou suficientemente claro para mim que este trabalho não é apenas meu. Foi quando compreendi que quando estamos à frente de uma pesquisa, não podemos ser tão indutivos a ponto de considerar uma boa entrevista aquela onde o entrevistado nos diz exatamente aquilo que



gostaríamos que dissesse. Aliás, isso quase nunca acontece.

No entanto, em busca de uma ciência ética, devemos respeitar ao máximo o ponto de vista daquelas pessoas que participam desse processo. Seja a partir das entrevistas ou de outros procedimentos ou etapas do trabalho, uma pesquisa nunca é feita por uma só pessoa, porque necessitamos das falas ou escritas de outros para consolidarmos nossas ideias. Compreendi que uma boa entrevista é aquela em que a surpresa nos sacode, por vezes, até nos faz mudar de rumos, na busca de uma nova forma de pensar, de estar no mundo, ou até mesmo de ser.

## **As Filhas do Bitu**

No Pai Bitu, como no inverno da Serra de um modo geral, o diálogo se constrói ao redor do fogão a lenha. Sobre a chapa, um pinhão bem roliço pulula na tentativa de evitar que o queimaço denigra apenas um flanco. O chimarrão, essa bebida amarga que eu dispenso, vai passando de mãos em mãos, ao mesmo tempo em que circulam os causos que contam de fulano ou beltrano.

Agrada-me o calor humano que o fogão a lenha propaga. Embora seja aceso sobretudo no inverno, o espaço de convivência das casas pai-bituenses se dá ao entorno dele, mesmo nos verões mais quentes. Histórias desenvolvidas a partir dele nos envolvem. Sempre fui um melhor ouvinte do que orador. Através deste trabalho, procurei aperfeiçoar essa habilidade de “dar ouvidos”. Ao longo desse processo, uma centelha de inspiração fez com isto se transformasse no meu intento mais profundo: propagar boas histórias.

Como ideia, o trabalho foi concebido lá no interior de São Francisco de Paula, durante o aniversário da tia Belinha. Quando fiquei perplexo de como o Pai Bitu estava, logo me surgiu o dilema: como as senhoras, que estão aqui nesta festa interpretam tudo isso que vem ocorrendo aqui?

Escolhi aquelas que viveram mais tempo por lá, que quando lembro delas, essas recordações estavam sempre associadas aos campos, circunscritas à paisagem do Pai Bitu. Eram cinco, todas irmãs de meu pai. Chamavam-se

Almira, Armi, Maria Isabel (carinhosamente apelidada de Belinha), Aura e Gilda. Infelizmente, a Belinha não fez parte do projeto, porque nos deixou em meados de 2014, vítima de enfisema pulmonar. Para a substituir, escalaria uma de suas cunhadas, a Iraci. Porém não consegui o contato a tempo de incluí-la na pesquisa.

Ecléa Bosi sugere ser necessária a “formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores” (2012, p. 37). Assim, busquei me fazer valer do parentesco para estabelecer esse elo. Porém, isso não foi tão simples quanto parece. Parte, pela minha inabilidade no ato das entrevistas; mas também houve momentos que me deu a impressão de brotarem pensamentos como: “o que esse guri quer saber da minha vida” ou “que guri bisbilhoteiro!”.

A primeira semelhança que as constituía como grupo a ser pesquisado era que todas são mulheres, que ainda hoje têm suas dores reduzidas aos olhos masculinos, ou melhor, aos olhos de uma sociedade machista, tendo suas opiniões relegadas a um segundo plano. Meu interesse sobre o que elas tinham a dizer se deu mais pela busca de uma versão feminina dos acontecimentos.

Outra característica importante do grupo é a faixa etária. Para se ter ideia, a caçula delas, a Gilda, já passa dos setenta e sete anos. Almira e Armi, gêmeas primogênicas, completam 87 anos em janeiro de 2017. Enquanto que, de genros e filhos, restam apenas dois homens dentre os descendentes de meus avós paternos. Ainda há nove representantes da ala feminina dessa geração. A força das mulheres da família Gonçalves está na constância, em que a longevidade é uma das grandes características.

Mais um ponto em comum das cinco senhoras, que foi o critério de escolha mais significativo daquelas que comigo trabalhariam em colaboração durante a pesquisa, é que todas moraram muitos anos lá na localidade. Para cumprir essas expectativas, foram realizadas saídas de campo na localidade e nos municípios vizinhos de São Francisco de Paula, onde as tias residem na atualidade. As primeiras incursões aconteceram ainda em fevereiro de 2015, quando permaneci quatro dias por aquelas bandas. Realizei outras saídas de campo em junho de 2015 e fevereiro, julho e agosto do ano de 2016.

Assim, alguns esclarecimentos se fazem necessários para termos uma

melhor compreensão das entrevistas a seguir. Em primeiro lugar, elaborei um pequeno texto de apresentação, lembrando de alguns detalhes que, sob meu ponto de vista, representam as tias. A partir disso, busquei descrever o ambiente que envolveu cada contexto das entrevistas. A vantagem de registrá-las em vídeo, é que podemos revê-las quantas vezes forem necessárias, permitindo-nos aguçar o olhar para as minúcias que passaram despercebidas durante o diálogo.

A disposição das entrevistas obedece à cronologia de suas realizações. Essa sequência, por acaso, atende àquilo que julguei a evolução do processo, tanto da elaboração desta pesquisa quanto do meu desenvolvimento como pesquisador. Cabe salientar que, nesta seção, encontram-se apenas as quatro transcrições das entrevistas. Os diálogos que deram origem a elas, por sua vez, transcritos na íntegra e de maneira absoluta, constam nos anexos.

Em várias passagens, além disso, as tias fazem referência aos meus pais, chamados Gélia e Roni, que também era chamado de Negrinho. Ambos já faleceram, faz cinco e 33 anos, respectivamente. Elas também citam meus irmãos, sobretudo, a Márcia e o Jerri, os mais velhos dos sete filhos do casal.

As minhas senhoras mencionam, seguidas vezes, um ramo dos Gonçalves que se emaranhou com outro da família Ricardo dos Reis. Apenas para ilustrar, a tia Gilda casou com o Nelson, irmão do falecido Ary, que era esposo da tia Odila. Já o Algenor, casado com a tia Belinha, era primo de ambos. Por sua vez, a Iraci, viúva do tio Wilson, era prima dos três. Por fim, o Mário, além de casado com a Armi, era tio de todos eles.

Com relação a essas pessoas mencionadas, até eu mesmo tive dificuldade de entender quem são em algumas passagens. Para tornar essa trama um pouco menos confusa, elaborei um heredograma, localizado nos anexos, que tem a intenção de representar a família no papel.

Uma ressalva importante a se fazer é que, como as tias não tinham acesso a métodos mais eficazes de contagem do tempo – como relógio de pulso, jornais e os próprios meios de comunicação, que nos relembram constantemente os dias de hoje e de outrora que julgamos relevantes – elas acabam tendo o cuidado, até mesmo o receio, de não mencionar as datas dos acontecimentos. Para elas, o

controle do tempo é fugidio. Além do que, passados mais de 60 ou 70 anos, é de se esperar que as lembranças se tornem distantes e de cronologia imprecisas.

Nunca é demais ressaltar que a Geografia Oral se ocupa do fluxo narrativo assegurado pelas entrevistas em colaboração. Diferente de uma biografia, ela não se estabelece através de uma ordem cronológica dos acontecimentos. O ontem e o hoje podem conviver na mesma história. Não é que a Geografia Oral desconsidere a História, mas aceita que as colaboradoras possam decidir o que contar e, através do ir e vir nas próprias linhas de tempo, em suas próprias histórias interferir. Como a Geografia Oral tem a finalidade de refletir sobre geografias pessoais, sua essência está no estudo das espacialidades identificadas no contexto das narrativas.

## **Menção a Kafka**

Durante a infância, não me agradava muito ficar na casa da tia Armi. Não era nada contra ela. O desconforto era causado pelo colchão feito de palha de milho e com travesseiro de pena de ganso, onde dormíamos. Minha mãe, para evitar conflitos com a parentada, distribuía nossos dias de permanência pelo Pai Bitu entre todos. Assim, passávamos um pouco de nossa estada em cada casa.

Lembro que o falecido Mário, primeiro esposo da tia Armi, sabia que viriam visitas antes mesmo de avistá-las, apenas pelos ruídos que produziam. No galpão que dava acesso à casa, sentado em um banquinho de toco de árvore, esperava os visitantes com o mate cevado e os cães de caça ao lado. A tia nos dava as boas-vindas à soleira da porta da casa. Sempre mulher de poucas palavras, misto de introspectiva e desconfiada. Essas características hoje ainda a acompanham. Comunicar-me com a tia Armi foi meu primeiro desafio de campo.

Ganhei status de celebridade entre os familiares. Criou-se todo um frisson de quando começaria a tal pesquisa. Essa expectativa, no entanto, deixou a mim e as tias bastante apreensivos. Por isso, adiei as entrevistas, protelando ao máximo esse momento tão tenso. Chegada a hora, instalei a câmera sobre a mesa da sala,

ao lado do sofá, e chamei a dona da casa que me hospedava, tia Armi, para iniciarmos. Ela não chegou a se recusar a participar, mas disse “eu não tenho nada para dizer, fío”. Quando não temos o hábito do diálogo, sempre achamos que não temos nada a dizer. Além disso, pela condição feminina, a voz delas no seio da família nunca foi muito considerada, ainda menos a ponto de ser estudada pelas pessoas da cidade.

Iniciamos e a tia mantinha os braços cruzados. Acuada, mais se preocupava com as panelas no fogo. Dava a impressão que respondia o mais rápido possível para que terminasse logo. Algumas das perguntas não faziam sentido para ela. Eis que surgiu a Aura na porta da sala. Ela, então, suplicou a ajuda da irmã mais nova, que vive na cidade já há algum tempo.

Ficou tão inibida em dizer que havia se casado novamente que, de modo até deselegante, insisti para saber o nome do atual marido. Disse que não era marido, mas um companheiro. Mesmo morando na casa do João de Deus, a Armi o considera assim, porque, segundo ela, estão casados apenas no religioso.

Outra passagem importante foi quando questionei sobre as roupas que usavam. As duas acharam muita graça da pergunta. Que pergunta descabida. Era tão óbvio para elas que, às gargalhadas, responderam: vestido, ora! Nove minutos depois, estava terminado o tormento.

O que mais me chamou a atenção na gravação, que eu só percebi alguns dias depois, quando a assisti na íntegra pela primeira vez. Uma barata desfilando sobre a toalha da mesa da sala, logo ao lado do sofá onde se assentou a tia. O inseto, apesar de repugnante, atrai todas as atenções de quem assiste ao vídeo. Foi por pouco que consegui transcrever, tamanha era interação que desenvolvi com o pequeno ser. Necessitei de muita concentração para fugir àquela hipnose entômica. Momento kafkiano no Pai Bitu.

Devido à tensão que a entrevista provocou, resolvi não repeti-la, como acabou acontecendo com a Gilda, por exemplo. Evitei de fazer a Armi passar por outra sessão, que se mostrou uma experiência de intenso nervosismo. Mesmo assim, reproduzo a transcrição da entrevista que não deu certo logo a seguir.

## Tia Armi



**Figura 9:** Armi.

Fonte: Extraída do vídeo feito durante a entrevista, (GONÇALVES, 2016).

Entrevista realizada no dia 08/02/2015. Era uma segunda-feira de sol no Pai Bitu e a casa onde a tia mora com o companheiro estava cheia de visitas. As gravações ocorreram logo antes do almoço. Esse foi um dos motivos pelos quais a tia queria que terminasse logo a entrevista: para servir o almoço aos convidados.

*Meu nome é Maria Armi Gonçalves dos Reis. Nasci no dia 18 de janeiro de 1930, no Pai Bitu. Sempre morei aqui, mas morei uns três anos no Paraná e em Caxias um ano e meio.*

*Nem sei mais quantos irmãos eu tive... é que uns morreram quando pequenos. Acho que foram doze. Eu estudei em Santa Lúcia do Piaí. Três anos lá. Quando preciso, ia ao médico em Canela, mas a gente quase nem ia.*

*Naquela época, não havia igrejas por aqui. Eles vinham rezar nas casas. Era teu tio Mário Batista (tio da minha mãe) quem vinha. Naquele tempo, era o pai dele que rezava, o João Batista. Nós quase não íamos a festa, baile, só lá uma vez por ano quase.*

*Nós íamos a Canela ou Caxias para fazer compras. Nós nos alimentávamos... Tem que dizer tudo?... de feijão, arroz, carne... De 15 em 15 dias, meu falecido pai carneava uma ovelha.*

*Nossos pais se chamavam João José Gonçalves e Maria Izabel... de Brito Gonçalves. Tenho uma impressão boa da relação entre eles. A mulher só trabalhava dentro de casa e o homem, só na rua.*

*Meu marido Mário se chamava Ricardo dos Reis. Tivemos dois filhos, o José Marival dos Reis e o Francisco Divalso. Eles nasceram aqui também e moramos lá no Paraná também, em Francisco Beltrão. Fiquei viúva e agora sou casada só pelo religioso, mas o nome dele é João de Deus Ferreira.*

*Nunca trabalhei fora de casa. Só aí na roça. Nossa casa era simples, as coisas eram simples, mas tínhamos tudo. Naquele tempo, não tinha luz, não tinha frigidaire, então não tinha essas coisadas como hoje em dia. Eu fazia tudo de dentro de casa. Fazia queijo. Tirava leite. Essas coisas todas.*

*Nossos vizinhos eram bons. Nós nos visitávamos seguido. As roupas que utilizávamos era quase só vestido. Não se usava bombacha, só quando saíamos a*

*cavalo. Quem fazia era a costureira aqui mesmo. A falecida Vivila, a mãe do Armando Machado, que era nossa vizinha.*

*Nós nos deslocávamos campo afora só a cavalo. Não se usava outro tipo de transporte aqui não. Só, assim, carreta, para ir buscar lenha no mato, essas coisas. Nós fomos embora do Pai Bitu para morar no Paraná, para botar os guris no colégio. Nós saímos de Caxias e fomos para lá, onde ficamos três anos. No Paraná, nós plantávamos. Essas coisas...*

*Nossas terras daqui estão hoje, como diz o outro, de herança dos netos, porque o José Marival já morreu. O Divalso mora na outra parte. Mas nós não saíamos muito. Ficávamos por aqui mesmo. Quando mais jovens, nós íamos para o Juá e para o Canela.*

*O plantio do pínus chegou aqui faz muitos anos. Faz mais de dez anos. O Adelar morava aí. Só agora depois dali de fechar tudo... É faz mais ou menos dez anos. As plantações mudaram os campos. E as plantações de macieira também. Mas as macieiras já eram mais antigas. Essas, sim.*

*Nós não achamos fundamento essa plantação. Quase não tem saída, acho quase... O pínus estraga tudo. Secou os campos. Eles achavam que ia ter saída. Disseram que ia dar muito dinheiro, essas coisas e tudo, mas não está sendo. Ninguém quer mais esses pínus. Agora estão até proibindo. Ele terminou com a criação de gado.*

*Sinto muita saudade de antigamente. É, como diz o outro, era tudo diferente... Fomos criados todos juntos, éramos numa porção. Nem sei do que sinto mais falta. Sinto saudade dos pais e dos irmãos, porque estávamos sempre juntos e brincando.*

## **Ordem da Vida**

Sempre que íamos à casa da Aura, tínhamos que ir até a cachoeirinha. Era o ponto turístico de suas terras. A cascata era reconhecida para além do Pai Bitu. Tanto que os netos da tia costumavam levar os amigos para acampar à beira da lâmina d'água, ao abrigo da mata que circunda o arroio que a viabiliza.



Eram sempre momentos de diversão, de reunião com os primos, para caminharmos até a cascata. Da última vez que lá estive, no entanto, a paisagem do percurso havia mudado muito. Como pegamos atalhos entre as terras dos vizinhos, tivemos de passar entre uma lavoura de pinus, o que tornou o caminho muito menos agradável do que já fora.

Com relação à entrevista, concluída a gravação com a Armi, logo iniciamos uma nova seção. Essa foi a entrevista mais curta de todas. Como havia auxiliado a Armi, a Aura já conhecia as questões. Então, a tia abreviava suas respostas, até mesmo para não ser repetitiva, se comparada com a irmã mais velha, que recém havia deixado a sala. Seis minutos depois, estava tudo acabado.

A responsável pelos contatos e que planejou toda a logística para que eu chegasse até o Pai Bitu foi Rosania. Filha da Aura, era a única prima que nos procurava em Canoas. Como um de seus dois filhos mora na mesma cidade, ela sempre procurava ir até minha casa, para uma visita rápida. Algumas vezes, a tia Aura a acompanhava na visitação.

Poucos dias depois de meu retorno para casa, em junho de 2015, reencontrei a tia Aura numa situação nada agradável. A Rosania teve um infarto fulminante no meio do salão de uma festa em que estava. Contava apenas 55 anos. Essa perda foi um grande revés para a família, que também teve repercussão no meu trabalho. Sem ela, ficou bem mais difícil de ir ao Pai Bitu.

Certamente, o maior infortúnio acometeu a mãe, os dois filhos e os dois netos da Rosania, à época. No caso da Aura, além de ter perdido a única filha, ela perdeu também a companheira, já que fazia cerca de 15 anos que a tia tinha ido embora do Pai Bitu, para morar na casa da filha. Essa perda deixou a tia desamparada. É sempre muito triste perder alguém que se quer bem. Pensando sob um ponto de vista materno, deve ser mais triste ainda perder um filho.

Quando lembra da filha, a tia ainda se desespera. Em respeito a essa dor, desisti de refazer a entrevista com a Aura. Ao revirar suas memórias, certamente falaríamos da filha e de outros assuntos que a tia, neste momento, não estaria preparada para relembrar.

## Tia Aura



**Figura 10:** Aura.

Fonte: Imagem extraída do vídeo produzido durante a entrevista, (GONÇALVES, 2016).

Entrevista ocorreu no dia 08/02/2015, quando a Aura e a Rosania me acompanharam na ida ao Pai Bitu, para visitarmos a Armi. Enquanto a irmã mais velha gravava comigo, a Aura assumiu o comando da cozinha, coordenando as outras mulheres nos preparativos para o almoço. Os homens estavam na rua, ao redor da churrasqueira, apreciando a carne e contando causos.

*Eu nasci no Pai Bitu, município de São Francisco de Paula. Meu nome é Aura Gonçalves Gil. Morei no Pai Bitu a vida inteira. Saí daqui faz uns catorze anos. Tive doze irmãos. Eu estudei com uma professora que vinha em casa. Estudei muito pouquinho. Consultávamos médico no Canela e íamos à capela do Lava-Pé para a missa. Frequentávamos as festas de igreja uma vez por ano.*

*Fazíamos compras no Canela. Nosso alimento era bom... tínhamos carne, tinha massa e verdura que nós mesmos plantávamos. Nós só comprávamos a farinha e o arroz. O resto, nós plantávamos tudo. E outras coisinhas que nós também comprávamos.*

*Meu pai se chamava João José Gonçalves e minha mãe, Maria Izabel de Brito Gonçalves. Pra mim, eu tenho uma lembrança boa da relação entre eles. Meu marido se chamava Pedro Algeu Gil. Tive uma filha. Ela nasceu em Canela e estudou em Caixas. Nunca trabalhei fora, só o serviço de casa, que já é uma trabalhadeira. A minha casa era uma casa boa. Graças a Deus, não precisei me mudar muitas vezes.*

*Na divisão de tarefas, eu trabalhava tanto dentro de casa quanto na rua, ajudando na roça. Acordava às cinco da manhã, de meio-dia dava uma sesteadinha, e de tarde ia até as dez. Eu costurava, lavava roupas, essas coisinhas chatas para fazer. Também frequentava bastante a casa dos vizinhos. Se ficava meio triste, eu saía.*

*De roupa, eu usava mais vestido, que a gente mesmo fazia. Eu era boa na costura. Para nos deslocar campo fora só tinha o cavalo. Daí, nas longas distâncias, tinha o ônibus aqui no Lava-Pé. A gente pegava o ônibus e deixava as malas lá. Nós passeávamos bastante. Íamos para Caxias e para a praia.*

*Para mim, a vida no campo é melhor. Na cidade, a gente fica mais descansado, mas no campo é mais silêncio, mais calmo. Na cidade é muito barulhento. Eu gosto de morar na cidade agora, mas eu não queria ir. Decidi ir embora do Pai Bitu quando perdi meu marido. Já faz catorze anos.*

*Minhas terras tão ali. Só o que não tem elioté é meu. Nem sei quando esse plantio começou aqui. Não se enxerga mais para lado nenhum. No começo nós enxergávamos longe, agora é só mato. Eu tenho saudade de enxergar longe, agora a gente só enxerga elioté. Da minha infância, eu lembro dos meus colegas, dos meus pais, meus irmãos que estavam sempre todo mundo junto.*

## **Rosca de Milho**

É impossível lembrar da tia Gilda, pelo menos para mim, sem associá-la ao marido, de nome Nelson (também chamado de Reis, ou, mais carinhosamente, Baixinho). Mais impossível ainda é esquecer das guloseimas que só ela faz. Sua especialidade são as roscas de milho, que de tão torradas, precisam ser molhadas no café para propiciar sua mastigação.

É muito recomendável, quando ao redor da mesa para as refeições, ficar no canto oposto ao tio Baixinho. Como bom pedreiro que é, ele vai constantemente repondo a comida no nosso prato, com a habilidade de quem trabalha a massa de uma parede em construção.

Realizei duas entrevistas com a tia Gilda. Na primeira feita, fiquei muito apegado ao roteiro de entrevista. Nessa oportunidade, o que mais me chamou atenção foi que a minha prima, filha mais nova da tia, sugeriu-lhe que trocasse de roupa, para aparecer no vídeo. Ela foi para o quarto e só retornou quando trajava seu vestido de ir à missa aos domingos.

Na segunda entrevista, em compensação, fiquei conhecendo melhor aquela que é – dentre todos os meus tios, tanto da parte paterna quanto materna – a mais próxima, a que mais visitamos. Quando posicionei a câmera sobre uma lata de rosca e a liguei, ela ainda não havia concluído uma longa repreensão. Segundo a tia, minha irmã só a visita quando algum dos irmãos vai à Caxias do Sul,

mesmo as duas morando a poucos quilômetros uma da outra.

Iniciadas as gravações, o tio Baixinho, que estava sentado fora do alcance da câmera, começou a contar suas histórias, mesmo que não estivesse sendo registrado no vídeo. Então, convidei-o para se sentar ao lado da tia, para dar asas à necessidade e deixar fluir o anseio que ele demonstrava de contar sua própria história. Ficou o tempo todo ao lado da esposa. Só se afastava para picar o fumo e enrolar seu cigarro com a palha de milho seca.

Seguem transcriadas as duas entrevistas, separadas uma da outra, que realizei com a tia Gilda. Preferi assim proceder com o intuito de marcar o processo de pesquisa deste mestrado. Dessa forma, busco enfatizar o percurso do trabalho ao longo do último ano e meio e, também, demonstrar como se deu minha evolução como pesquisador.

Aliás, a transcrição da segunda entrevista que consta aqui é a única em que se faz presente a voz de outro que não a de uma das colaboradoras. Abri essa exceção, porque os acordos, entre concordâncias e discordâncias, firmados pelo casal foram de extrema importância na construção da narrativa.

## **Tia Gilda**

**Figura 11:** Gilda.

Fonte: Fotografia produzida a partir do vídeo da entrevista (GONÇALVES, 2016).

Essa primeira entrevista aconteceu em 21/06/2015 por volta das 17h, logo depois do café da tarde, na cidade Caxias do Sul. Enquanto os outros familiares permaneceram na cozinha, nós fomos para a sala. O único que nos acompanhou foi o Pingo, o cachorrinho da tia.

*Me chamo Gilda Gonçalves dos Reis. Nasci no Pai Bitu, dia vinte cinco de agosto... agora eu não sei que ano... de 38. É, foi 38. Eu morei no Pai Bitu até os 18 anos. Depois dos 18, vim embora para Caxias com minha mãe e meus quatro irmãos. Tive 12 irmãos ao total. Lá no Pai Bitu eu não estudei em lugar nenhum.*

*Fazia as consultas médicas lá em Canela. Tinha que ir para Canela para consultar. Ia à missa ali no Lageado Grande, eram três horas a cavalo. De três em três meses tinha missa lá. Não ia toda a família junto. iam só uns três ou quatro, porque não tinha cavalo suficiente para todos. Quando tinha festa, era no Lava-Pé. Então ali a gente ia.*

*A gente fazia compras no Canela e no Joca. Comprava negócio que nem farinha de trigo, farinha de milho, arroz e açúcar. O resto tinha na lavoura. Tinha batata-doce, aipim, feijão, tinha carne. Bastante carne. Naquela época, nós nunca passamos fome. Graças a Deus! Nunca, nunca.*

*Meus pais se chamavam João José Gonçalves e Maria Izabel de Brito Gonçalves. A relação dos dois era boa. O meu pai era mais assim no campo, mas, que eu me lembre, eles eram bem unidos, os dois. Na verdade, eu perdi o pai eu não tinha nem onze anos. Então, eu não tenho muitas lembranças assim dele. Mas eu sei que se davam bem e tudo. O meu marido se chama Nelson Mendes dos Reis. Nós tivemos dois filhos. Todos eles nasceram aqui em Caxias. Eles também estudaram por aqui.*

*Quando morava lá no Pai Bitu, eu tinha onze anos, a gente levantava às quatro horas da madrugada para ir tirar leite para fazer queijo. Nós fazíamos isso. Ao meio-dia, a mãe sempre tinha o almoço pronto para nós. A gente ia capinar na lavoura e tudo. E depois na tarde voltava a trabalhar na lavoura também. Então, a gente ia dormir cedo. Nós tínhamos a dona Lucinda de vizinha. A relação era muito boa com a Dona Lucinda. Também tinha o seu Franklin. E*

*tinha a Dona Seledonha, a Dona Antônia. A dona Antônia a gente visitava seguido. A dona Lucinda, nós também íamos visitar.*

*Nossas roupas eram, às vezes, calças compridas, porque lá eram essas coisas que se usava. Ou senão saia ou vestido, assim longo. Quem fazia nossas roupas era... como é que é o nome mesmo?... Irema Batista. Era costureira. E tudo que a gente tinha era ela que fazia, as roupas nossas.*

*A gente se deslocava campo à fora naquela época a cavalo. Tanto nas curtas quanto nas longas distâncias. Era sempre a cavalo. Nós frequentávamos, ali, o Lava-Pé, o Lageado Grande. O Passo do Inferno, também, mas não era muito. Nós íamos passear lá, comer nas festas que tinham.*

*Viver no campo era meio difícil, sabe? Mas eu tenho saudades do campo. Era mais porque a gente tinha dinheiro só quando vendia uma vaca, uma coisa assim. Aqui na cidade a gente trabalhava, então a gente tinha. Foi a minha mãe que decidiu ir embora do Pai Bitu. Ela decidiu vir porque ela viu que lá não tinha mais condições. Não tinha serviço para ninguém. Então, ela decidiu vir para cá para gente estudar e trabalhar.*

*Nem sei quando começou o plantio de pinus lá no Pai Bitu. Mas sei modificou muito lá. Secou as águas lá tudo. Eu acho que tem mais prejuízo do que benefício isso aí. Acho que deve ter tido uma pressão para plantarem lá. Para ser bem sincera, eu não tenho saudades do Pai Bitu. Não tenho nenhuma! E também não gosto muito de lá. Não sei explicar. Só sinto saudade da minha juventude e infância, isso sim. Porque a gente depois que veio para cá para Caxias, a gente sofreu muito, sabe. Não tinha emprego, não tinha nada. A gente sofreu bastante.*

A segunda entrevista, ocorrida em 30/06/2016, foi bem mais interativa. Foi uma grande roda de conversa que, além da Gilda, do Nelson e de mim, participaram também a minha irmã, Magda, e minha noiva, Débora.

*A principal diferença do Pai Bitu da minha época para hoje é que lá não tinha carro, era só carreta. Ali onde nós morávamos, não que nem agora. Agora entra carro e tudo. Mas naquela época, não tinha. Era só cavalo e carreta. A gente*



*levava pra vir mais que umas duas horas, eu acho, até o Lava-Pé. Até o Lageado Grande, nós levávamos três horas. Três horas a cavalo.*

**Nelson:** *Não, eram duas horas.*

**Gilda:** *A cavalo, nos levávamos três horas até o Lageado Grande.*

**Nelson:** *Não eram duas?*

**Gilda:** *(Aceno negativo de cabeça). Era onde a gente ia à missa. Mas era de três em três meses. Tinha uma capela lá.*

**Gilda:** *Nossa lenha, a gente tirava do mato. De carreta. Agora, a Almira vai te explicar bastante, porque ela é a mais velha da família. Ela sabe mais.*

**Nelson:** *Eu vim de Gravataí até São Francisco de carreta. Eu era pequenininho, tinha três anos. Faz 50 anos, mais ou menos.*

**Gilda:** *Ora, Nelson, 50 anos? Se tu tem 78?*

**Nelson:** *Faz 50 anos, mais ou menos, não é? Vim de carreta. Tinha uma peticinha preta. Eu andava nessa peticinha preta, tinham uns dois ou três na garupa. Nós vínhamos de lá e tinha até galinha na carreta. Setenta e cinco faz?*

**Gilda:** *Sim, tu tem setenta e... ele é de 37, do dia 20 de dezembro. Então, vai fazer setenta e nove. E eu sou de 38, do dia 25 de agosto.*

**Nelson:** *Eu vim de carreta de Gravataí. Nasci lá. Minha mãe era de lá e meu pai, aqui do Juá. Meu pai, naquela época, levava boizinho, terneiro pra vender lá. O nome dele era Joaquim Ricardo dos Reis... das moças.*

**Gilda:** *A mãe dele era Mendes ali de Gravataí.*

**Nelson:** *Tenho um irmão que mora lá ainda. Quero ir lá. Nesse verão quero dar uma hora lá. Ele é mais velho. Tem uns 80 e poucos anos.*

**Gilda:** *O Ary era o mais velho. O mais novo dos homens era o Antônio. O Antônio mora aqui no Bela Vista, ali pra cima. E a Júlia mora aqui no Sagrada Família.*

**Nelson:** *Tenho duas irmãs no Sagrada Família. Três. Tem o Orides, meu irmão que também mora Sagrada Família.*

**Gilda:** *Nós nos conhecemos no Juá, era todo mundo conhecido por ali. Tudo vizinho, ali pelo Apanhador, Juá.*

**Nelson:** *O Ary era casado com a irmã dela, meu tio Mário era casado com a irmã dela. Misturamos as famílias. Viu como é que é?*

**Gilda:** *O Algenor também era primo dele.*

**Nelson:** *O Algenor era meu primo e o tio Mário era tio.*

**Gilda:** *De vez em quando a gente se visitava, mas era muito difícil da gente sair. Por causa da distância e era uma família muito grande. Não tinha transporte para todo mundo. Levava um pouco por vez. Se saísse esse final de semana, no domingo saíam três. No outro domingo saíam mais os outros três. E primeiro, toda a vida, saíam os homens. Eu era a última. As outras todas saíam, eu não, porque eu era a mais nova. Era a Almira e a Armi, que eram gêmeas. Daí vinha a Belinha. Depois era a Odila, o Wilson e Aura. Só então que era eu. Depois de mim era o Nelson (um irmão que tinha o mesmo nome do marido dela) e o Roni. Depois era o Juca e o último era o Lauri. Tinha o Joãozinho, que era o mais novo, que é aquele que faleceu. Ele caiu do cavalo. Tinha outra era gêmea da Belinha, que também faleceu. Era uma menina também. A mãe ganhou quatro filho assim...*

**Nelson:** *Aumentou que é uma beleza. Dobrou!*

**Gilda:** *Foram duas vezes gêmeas. A Almira e a Armi, depois a Belinha e a falecidinha. A gente ficava trabalhando na lavoura e essas coisas. A gente tirava leite, fazia queijo. Era muito difícil sair de longe assim. A gente cortava pasto para o gado, para as vacas. Era esse o serviço nosso.*

**Nelson:** *Lavar roupa... tinha umas 15 pessoas para se fazer boia.*

**Gilda:** *E era panelão. A Almira era muito para a costura. Quem fazia lã era mais a Belinha. Ela fazia bacheiro, essas coisas. A gente tinha uma horta. Plantava*

*batata, milho, feijão. Eram as coisas para a casa.*

**Nelson:** *O velho, então, a cada 15 dias matava uma ovelha.*

**Gilda:** *Em oito dias, a gente matava ovelha. Oito dias! Era uma por final de semana. Imagina, doze, treze filhos. O que tu quer?*

**Nelson:** *Porco no chiqueiro.*

**Gilda:** *Isso aí a gente tinha tudo. Mas não era fácil. Estudar... eu nunca fui ao colégio. Nunca, nunca. Aprendi a ler, assim, em casa. Sei ler tudo. Gosto muito de ler o jornal O Pioneiro. Adoro o jornal! De manhã cedo, é a primeira coisa. Às vezes, nem tomo banho. Primeiro vou ler, pra depois tomar banho. Eu gosto da seção dos mortos, para ver se não tem ninguém conhecido.*

**Nelson:** *De manhã, a primeira coisa dela é o jornal.*

**Gilda:** *E gosto de ver os jogos. Gosto de ver futebol. Os resultados, eu gosto muito de ver. Eu não sou de nada, mas se fosse era para ser Caxias e colorado. Mas eu não sou de nada.*

**Nelson:** *O irmão dela é colorado, o Juca. Doente.*

**Gilda:** *É, aquele é doente do Caxias.*

**Nelson:** *Ela puxa o saco do irmão.*

**Gilda:** *Não é isso. Mas se eu fosse, seria Caxias e colorado. Naquele tempo de infância, a gente só trabalhava. O que nós mais íamos fazer? A gente tinha que fazer essas coisas, porque não tinha outra. Às vezes tinha terço lá no cemitério, daí nós íamos tudo a pé, porque era pertinho. Iam tudo lá no cemitério para rezar o terço. E era costume ir no cemitério botar flor e essas coisas. Nós íamos, porque era perto. Daí a filharada ia tudo. Mas não era fácil. Não tinha nada para fazer além de trabalhar. E a gente não tinha condições assim, de carro. Cavalo não tinha pra tudo. E como é que tu faz para doze? Cavalo até que tinha, mas encilha, não. Então, não era fácil. Pra gente ir, era quase sempre a pé. E era uma turma.*

**Nelson:** *Teu pai não ia a pé. Pegava a mulinha dele, a Curruíta. Tinha o mair*

*cuidado da mulinha dele.*

**Gilda:** *Quando iam para o mato, eles iam serrar a lenha. Não tinha motosserra, essas coisas. Era com serrote. Um pegava daqui e o outro dali. Até as mulheres pegavam e faziam. Depois traziam lá para casa. Lá em casa que eles rachavam tudo. Mas o falecido pai quase sempre tinha os homens para fazer esse serviço.*

**Nelson:** *A mulinha Curruíra do teu pai.*

**Gilda:** *Era fogão a lenha, naquela época.*

**Nelson:** *Fogão a gás não tinha naquele tempo.*

**Gilda:** *Eu disse barro, Nelson. Não, era mais o fogão a lenha mesmo. A gente fazia feijão, arroz... carne, não é!? Fazia galinha às vezes. O gado, o pai só matava em maio. Então, a gente comia galinha e ovelha. Eles tinham o tempo de matar e era maio. Nós plantávamos repolho, couve-flor. Essas coisas a gente tinha tudo. Tinha batata. Batata tinha sempre. Além do Lava-Pé, às vezes, a gente ia no Canela. Outras vezes, ia passear no Passo-do-Inferno. Tinha festa, a gente ia nas festas. Ali no Lava-Pé às vezes tinha a missa, tinha as crisma. Tudo eles tinham. No Lageado Grande sempre tinha missa, de três em três meses.*

**Nelson:** *Quando ia no mercado, ia de cargueiro. Dois cargueiros, um de cada lado no cavalo. Levava queijo, comprava de tudo. O salva-vidas era o queijo. Negociava os queijos lá. Levava queijo grande, bastante.*

**Gilda:** *O falecido pai comprava farinha de trigo, farinha de milho, arroz, açúcar. Era o falecido pai que vendia os queijos.*

**Nelson:** *Sim, levava os cargueiros cheio de queijo.*

**Gilda:** *E naquela época, o campo não estava tão modificado quanto hoje. Ele não era assim que nem agora. Era muito melhor tudo.*

**Nelson:** *Não era repartido, era um campo só. Repartiram depois que começou a entrar os genros, os filhos. Repartindo um pedaço pra cada um. Mas era um campo só.*

**Gilda:** O pai tinha os pinheiros que ele vendia. E aí o falecido pai comprava os boizinhos para invernar, depois ele vendia.

**Nelson:** Tinha uma invernadinha só de boi.

**Gilda:** Depois ele vendia os pinheiros para a serraria. Ali em casa tinha uma serraria, do João Cândido.

**Nelson:** O teu avô estava se ajeitando pra vender os pinheiros para comprar tudo em campo. O negócio dele era campo e vaca, não era outra coisa.

**Gilda:** Daí ele faleceu.

**Nelson:** E nisso aí, ele ficou doente e morreu.

**Gilda:** Ele morreu com 62 anos.

**Nelson:** Venderam os pinheiros e se foi o dinheiro.

**Gilda:** Imagina, o Joãozinho ficou com um ano.

**Nelson:** Naquele tempo não tinha pensão, não tinha nada. Isso aí ia deixar tudo os filhos bem de vida. Mais de cem hectares ia ficar com cada um. Cem para a Gilda, cem para o Negrinho, com aquela compra que ele ia fazer.

**Gilda:** Depois ele adoeceu e morreu. Deixou doze filhos para a mãe criar sozinha. Não era fácil.

**Nelson:** Não tinha pensão naquele tempo, não tinha nada. Doente do coração, consumiram com o dinheiro.

**Gilda:** Não era fácil assim.

**Nelson:** O que eu senti era que meu sogro morreu novo. Não conseguiu vender os pinheiros para a comprar o campo. Deixou para a turma. Era a ideia dele. Mas não deu tempo.

**Gilda:** E a mãe também morreu cedo, com 58. E o pai com 62. A mãe foi do coração. O pai não. Acho que ele teve três vezes a pontada e ele não se cuidou

*direito. Daí, então...*

**Nelson:** *Não se cuidava. Tinha as vacas e os terneirinhos. Não vou no médico, deixar essa gurizada aí, decerto ele pensou. Deixar as vacas com os terneirinhos e a gurizada pequena e sair para o médico. Não ia. Foi o que aconteceu. Não se cuidou. A pneumonia se tu não tiver curado, na terceira vez tu morre.*

**Gilda:** *Três vezes.*

**Nelson:** *Morreu para a não deixar as vacas e a gurizada sozinhas.*

**Gilda:** *É, não adianta... Nós viemos para Caxias bem depois que ele morreu. Bem depois. Acho que eu tinha onze anos. Mas naquele tempo, onze anos era uma criança. Não foi muito fácil sustentá a casa sem ele. Mas não foi pior porque a mãe tinha guardado bastante. Então foi indo. Mas não era fácil, para sustentar doze crianças. Ela tirava de onde? Era do leite e, quando tinham, os boizinhos que se vendia. E assim era. Não era fácil! Doze crianças. Claro que a gente tinha alguma verdura, alguma coisa. Mas assim mesmo. E vestir? Acho que o pai comprava as peças de tecido e depois a Almira cortava e fazia nossas roupas. Ela fazia mais vestidos. E calça, que naquele tempo era slack. Fazia as blusinhas, tudo assim. O frio no inverno, não era fácil. Só com uma roupinha, umas calcinhas de pelúcia. Às vezes nem tinham os tamanquinhos para ir pra lavoura. E a gente ia com frio cortar pasto para dar para as vacas, para a gente tirar o leite. Era bem sofrido. Com 18 anos, eu vim para Caxias. Viemos morar nesta casa aqui. Só que não tinha luz, não tinha água. Aqui ficávamos o dia e, durante a noite, nós íamos lá para minha madrinha Maria. Os guris pousavam aqui. Só tinha esta casa nas redondezas. E a do compadre Oliveira e a da dona Naira. Eram três casas com a nossa no morro todo... Ah, Nelson. Sai daqui com esse teu cigarro.*

**Nelson:** *Tá fedido?*

**Gilda:** *Não, não está fedido. Está cheiroso.*

**Nelson:** *Está aberta a porta.*

**Gilda:** *E nós viemos embora pra cá, depois foi muito difícil. Não se arrumava serviço. Aqui só tinha metalúrgica. Tinha o Gazolla. Tinha o Eberle.*

**Nelson:** *Tinha o Michellão também.*

**Gilda:** *Tinha o Michellão.*

**Nelson:** *Cantina de vinho. Tinha uns 400 empregados ali.*

**Gilda:** *Mas não era fácil para gente para pegar. Tinha a Madezatti, que o seu Domingo aqui arrumou para o Roni e o Juca. Iam lá na Madezatti amarrar uns pauzinhos. Sei lá o que era. As mulheres iam fazer o que se não tinha serviço? Até tinha, mas, que nem eu, não tinha jeito de arrumar serviço. Tinha um coitadinho de um velho aqui que me levava sempre no Michellão para tentar. Acho que era por aquela queimadura que eu tinha no rosto. Chegava na hora assim e estavam precisando. Eu cheguei lá e pedi. O seu Antônio disse vai lá que tem, mas chegou na hora e disseram, não, nós não temo mais. No outro dia, começaram a pegar tudo de novo. Naquela época fazia diferença disso. No meu primeiro emprego, eu fui trabalhar aqui na Maria Alice, costurar e bordar. Eu aprendi e daí pegaram. Eu já tinha uns 30 e poucos anos. Eu não conseguia serviço. Daí eu peguei aqui na Maria Alice, para bordar e costurar. Fiquei dois anos e meio com ela. Depois eu peguei aqui no Nelson Bianchini. Ali eu fiquei treze anos costurando. Então o Nelson Bianchini foi à falência. Daí eu fui no seu Pedro. Aí no seu Pedro eu fiquei 17 anos até me aposentar. Trabalhei mais dez anos aposentada.*

**Nelson:** *A vida é boa, mas tem que lutar muito. Não dá para amolecer muito o corpo.*

**Gilda:** *Não era fácil. Lá no Pai Bitu, o único jeito de viver, dos vizinhos também, era de vender queijo. Criavam as ovelhas, o gado e faziam o queijo. Não tinha plantação assim para venda. Era só para comer.*

**Nelson:** *Era só pro gasto, mesmo.*

**Gilda:** *O pai tinha lá a roça de milho, mas era para alimentar os bichos.*

**Nelson:** Não podia vender, era só para dar para os animais. Mas a vida lá fora era muito boa. É só trabalhar, que se tem tudo.

**Gilda:** Então por que tu não gosta de ir para fora? Acha boa a vida. É... vocês acham que é fácil levantar cedo, tirar leite, com frio e tudo? Teve uma época que nós levantávamos quatro horas da madrugada.

**Nelson:** Na geada, de tamanca. De chinelo ou tamanca. De pés no chão, quase.

**Gilda:** De pés no chão, mas... Nós acordávamos às quatro horas para tirar leite. Mas logo que o pai morreu, quando tinha bastante vaca de cria. Depois foi diminuindo. Mas nós levantávamos quatro horas da madrugada. Eu me lembro. Acho que era que nem o Gabriel (o neto deles, de treze anos). Até menos. Eu me fazia que estava dormindo, mas não adiantava. Chamavam e nós tínhamos que levantar. Todos trabalham igual assim, os guris e as gurias, mas tinham uns mais baseados, que incomodavam os pequenos.

**Nelson:** Para tratar as vacas, o baseado era o Juca. Para levar e ir tratar, era ele. O teu pai cuidava só dos porcos e das galinhas.

**Gilda:** Não, o Juca não era não. O Roni e o Juca, esses aí trabalhavam. Mas o Wilson e a Almira, esses eram medonhos. Nós levantávamos cedo e eles ficavam na cama para ver se se escapavam de tirar leite.

**Nelson:** Se a galinha não tinha ovo, ficava fechada. Mas se tinha, eles iam lá e soltavam. Cada um tinha um servicinho pra fazer.

**Gilda:** A roupa, assim, quem mais lavava era a Odila. E nós tínhamos que carregar água lá do poço. Nós vínhamos com os baldes, mas aí nós botávamos um pau aqui no ombro de um lado e do outro no ombro do outro. Se nós morássemos no Pai Bitu ainda hoje em dia e nos oferecessem para plantar pinus acho que a gente não ia aceitar, porque plantaram lá e hoje ninguém quer. Está tudo abandonado. Para poder viver lá assim, é o gado. Só ele tem saída lá.

**Nelson:** Hoje mudou, hoje todo mundo é aposentado lá fora. Esses mais velhotes estão tudo aposentado. As irmãs dela e os cunhados tão tudo aposentados.



**Gilda:** *Agora, mas naquela época ninguém era aposentado.*

**Nelson:** *Morreu o meu sogro e a falecida minha sogra não tinha uma pensão, não tinha nada. Naquela época não tinha. Agora está boa a vida. Todo mundo se encosta, todo mundo se aposenta.*

**Gilda:** *Mas só com a aposentadoria lá fora, também não dá.*

**Nelson:** *Não, mas têm as vacas de leite, os porquinhos, senão fica tudo parado.*

**Gilda:** *Os novos vêm para a cidade, vão fazer o quê? Os filhos do Divalso estão tudo na cidade.*

**Nelson:** *Ele está aposentado lá também.*

**Gilda:** *Sim, Reis. Tudo bem. Ele está aposentado, mas os filhos vieram tudo para a cidade. Eles iam ficar lá trabalhando no quê? A questão da saúde lá também era braba. Tinha que vir no Canela. Era muito brabo. Aquela vez que o Joãozinho caiu do cavalo, deu uma chuva muito forte e não dava passagem. Ele ficou dois dias daquele jeito. Quando trouxeram para Canela, não adiantou mais nada.*

**Nelson:** *Por causa do tombo. Tem que socorrer na hora. Não deu passo. Lá no campo, qualquer chuva ataca o pessoal.*

**Gilda:** *E depois lá o pessoal era meio assim, assim. Acharam que não era nada. Daí quando trouxeram, não adiantou mais. Deu aquela chuva muito forte e não dava para passar. Morreu com sete anos. Na verdade, eu não gostaria de ter saído de lá. Mas depois como foi, tivemos que sair. Eu fiquei muito assim. Até hoje não gosto de ir lá no Pai Bitu. A gente morava lá. Aí tivemos que sair, vir embora, porque lá não tinha mais outra coisa. Se tivesse um jeito de ter ficado lá, eu acho que não teríamos saído. Não que a gente tenha sido expulso de lá, mas era o único recurso, porque olha quantos tinham lá sem trabalhar e não tinha serviço. Nós tivemos que vir embora para Caxias.*

**Nelson:** *Família grande. Ficou tudo esparramada.*

**Gilda:** *Só que aqui também não foi fácil. Até os primeiros tempos. Não foi fácil.*

*Ainda que a gente não pagava aluguel.*

**Nelson:** *Quem tem dois, três filhos dá pra ficar lá, mas quem tem um monte aí, não dá.*

**Gilda:** *Não dava, porque daí depois a mãe já arrendou o campo. Depois não tinha serviço lá. Tinha o Roni, o Nelson (um irmão dela, com o mesmo nome do marido), o Lauri e eu, tudo lá sem trabalhar. Não dava. Só quem permaneceu lá o Wilson. E a Armi. Almira também, mas depois ela saiu. A Belinha também saiu. Eu acho eles permaneceram lá, por que já eram casados, já tinham o cantinho deles lá. Já tinham de tudo. O Mário era muito caprichoso. Tinha de tudo.*

**Nelson:** *E tinha dois filhos. Ter dois filhos é uma coisa, mas aí ter dez...*

**Gilda:** *O Mário tinha de tudo lá na lavoura dele. Até vender... como é que é o nome daquele?... feijão ele vendia. O Mário tinha assim o tino para vender.*

**Nelson:** *Feijão?*

**Gilda:** *Feijão sim, mas sempre tinha outras coisas. Ele plantava de tudo. Mas que nem lá em casa, que também nós éramos tudo gurizada. O que nós íamos fazer. Se a gente tivesse permanecido lá, acho que teria sido mais difícil do que foi. Acho que era mais difícil que agora.*

**Nelson:** *Se vivêssemos lá?*

**Gilda:** *É, seria mais difícil. Pelo menos aqui a gente tem a casa, trabalha, está aposentado. Então, acho que aqui foi melhor. Mas não foi muito fácil também.*

## Garganta

Lá em casa, sempre que estamos conversando e alguém começa a falar mais alto, ou se empolga na discussão, nós associamos à tia Almira. Devido ao galgar de décadas, nosso aparelho auditivo vai se avariando. No entanto, essa associação não se faz apenas pela intensidade vocal, mas também por se permitir

dizer e fazer o que se deseja, sem se preocupar muito com os críticos contumazes, que, certamente, existem não apenas entre os Gonçalves.

A tia Almira sempre foi de vanguarda. Foi a primeira das viúvas da família – cabe ressaltar, a primeira mulher – a casar outra vez. Sempre espontânea, encontrou seu segundo marido nos bailes da terceira idade de Canela, onde vive hoje em dia. Os cinco filhos, frutos do primeiro casamento, apoiaram-na incondicionalmente nessa nova fase da vida.

Essa decisão, inclusive, teve uma implicação locacional importante para ela, já que a fez se mudar para a casa do novo cônjuge. Os irmãos dela foram contrários ao casamento, num primeiro momento, tanto que nenhum deles compareceu à cerimônia. Apenas minha mãe esteve no evento, para lhe desejar um futuro próspero.

Depois de sete anos, ficou viúva novamente. Esse fato, no entanto, não a fez deixar de frequentar os bailes de que tanto gosta. Quando disse que a visitaria num domingo, ela me respondeu para ir cedo e não me demorar muito, porque tinha compromisso às 15h daquele dia, um baile da terceira idade.

Seguindo as recomendações, já nos encontrávamos na casa dela às 10h30min. Estava muito preocupada, que o filho mais novo nunca chegava para assar o galetto. Filho esse que, assim como ela, tem um irmão gêmeo. Aliás, minhas quatro primeiras tias paternas, nascidas cerca de um ano de intervalo entre a primeira e a segunda gestação, foram gêmeas.

Logo depois do almoço, iniciamos as gravações. Dez minutos depois e minha câmera consumiu todo resto de bateria que havia. Enquanto isso, fui mostrando os mapas que reuni do Pai Bitu e o heredograma que continha as famílias das cinco tias, na vã tentativa de “suspender” a entrevista até que houvesse carga suficiente para retornarmos. Minha estratégia funcionou parcialmente, porque ela estava ansiosa para falar de si. Suponho que havia se preparado para isso. Foi mais de uma hora de diálogo, dos quais perdi cerca de 20 minutos pelo infortúnio da bateria da câmera. Por sorte, as partes mais significativas foram contempladas no vídeo que produzi.

O encontro ocorreu tão emocionante quanto emocionado. Acima de tudo, foi

muito divertido e sincero. Eu mesmo me surpreendi com o modo como se desenvolveu o diálogo. Senti como ela apresenta uma necessidade de ser ouvida. Já esperava que ela daria uma grande entrevista, porém não tinha ideia de que ela revelaria sentimentos tão íntimos, conferindo ao momento o aspecto que mais me interessava em trabalhar com entrevistas e Geografia Oral, que é a humanidade da/na produção científica. Seguidas vezes, a tia parou e tomou fôlego para continuar contando suas histórias.

Nos momentos mais tensos, quando ela falava da saudade que sente do Pai Bitu e das pessoas que com ela lá viveram, ela enrubescia as faces e a ponta das orelhas. Até pensei em parar e continuar depois, para que ela se restabelecesse. Seguro que ela ficaria ofendida por ser interrompida desse modo. Sempre foi valente essa Almira.

## Tia Almira



**Figura 12:** Almira.

Fonte: Extraída do vídeo realizado durante a entrevista (GONÇALVES, 2016).

Entrevista realizada em 07/08/2016, em Canela. Novamente, fui recepcionado com o almoço e as gravações ocorreram logo depois, quando ainda nos encontrávamos o redor da mesa. Além de mim e da tia, minha noiva Débora contribuiu com o diálogo.

*Meus avós têm uns que eu nem conheci. Dos meus avós, eu conheci só o Chico Cipó. Diz que era Chico Cipó. Não sei como era o nome dele, o pai da mamãe. Se chamava Cipó, porque diz que pegaram eles... era no tempo que se criavam assim no mato. Dizem eles, diziam eles. Eu não sei, eram eles que contavam. Era Francisco o nome do vovô. Ele era o pai da mamãe., Era Izabel o nome da mamãe, Marial Izabel. O nome da mãe dela eu não sei como é que era, não cheguei a conhecer. Mas daí tu corrige pelo que as gurias disserem. Não conheci os avós por parte de pai. Nem a Gilda conheceu. Ninguém conheceu.*

*Meus pais se chamavam João José Gonçalves e Maria Izabel de Brito Gonçalves. Eles tiveram muitos filhos. Primeiro fui eu e a Armi. Depois veio a... os que morreram eu não vou contar. Os que morreram eu não me lembro. Primeiro foi eu e a Armi. Depois a Belinha e a falecidinha, que é a Maria José. Daí a Aura... ah sim: a Odila, o Wilsão, a Gilda, o tio Juca, o Nelson, teu pai e o tio Lila. Depois temos que contar direitinho para ver quantos dá.*

*Eu me casei com o falecido João Cândido. A Aura, com o Algeu Gil. A Armi, com o Mário Ricardo. A Belinha, com o Algenor Ricardo... dos Reis, acho que se assinava. A Odila, com o Ary Mendes. O Wilsão casou com a Iraci, a tia Ziza. O tio Nelson, com a tia Noeci. O teu pai com a tia Gélia e depois o tio Lila com a Alice. Só que daí tu corrige pelos outros, que estão mais certos.*

*Lá de onde nós morávamos, nós nos criamos lá com toda a turma... no tempo do falecido papai. Depois a gente foi crescendo. Trabalhava na lavoura, tirava leite, fazia queijo, de tudo um pouco. E umas cuidavam, que nem eu que era mais velha, dos outros que eram pequenos, para a mamãe poder tirar o leite e fazer o queijo. E o falecido papai ia trabalhar nas lavouras,: lavourar, cortar pasto para botar para secar, para no inverno ter para dar para as vacas.*

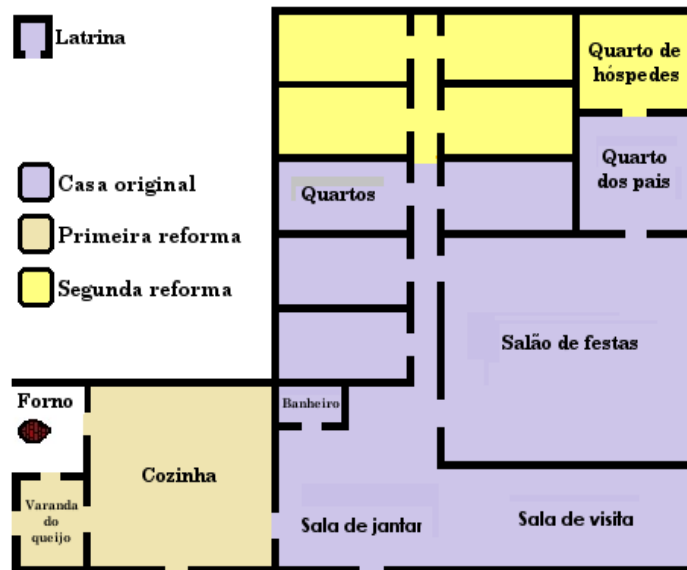
*Nós morávamos na casa que a tia Ziza mora lá no Pai Bitu. Só que era*

*diferente, era um casarão que, nossa! Tenho saudade daquela época., Às vezes eu vejo na minha frente tudo direitinho. A casa era casa grande. E tinha... a sala era uma sala branca comprida, me lembro de ter. Parece que estou enxergando aqui. Depois era um quarto. Dali, daquela sala, tinha outra salona grande onde fazíamos os bailes. Eram os outros que faziam os bailes, porque os velhos não deixavam a gente. Nós ficávamos em casa. Daí os velhos e os rapazes, quando a gente começou a ficar mocinha, iam fazer serenata lá pra dançar.*

*Daí tinha outro salão grandão, bem quadrado, bem grande. E outro quarto logo mais. Nessa parte da sala que davam os bailes, tinham dois quartos. Aí tinha mais uma salinha. Meu Deus! Mais outro quarto e outro quarto. E ali encompridou e a casa se foi... na época acho que o falecido desmanchou uma outra casa velha que tinha e fez mais outra parte para aumentar, porque era muito grande a família. Ele fez mais a cozinha, a sala de jantar, a de visita e uma outra varandinha para fazer queijo. Eu tenho saudade daquela casa. Meu Deus! (Na figura 13 consta um esquema da casa).*

*Um forno velho do tamanho do... meu Deus!... nem sei te dizer de que tamanho era o forno de barro que tinha para assar o pão. Era fora. Saí da cozinha, que era de chão, daí não tinha assoalho. Tinha uma porta que era a casa do forno, numa areazinha. A gente assava, mais de... quero ver... mais de doze pães. Mas era um forno! Coisa mais linda! Deus o livre! A mãe fazia pão num dia, logo já não tinha mais. Desmanchava uma fornada e já se ia. Dava sete pães cada. Fazia duas por dia. Duas vezes por semana, sexta e quarta, para sustentar a filharada. Era muita gente!*

*A farinha, a gente ia buscar lá embaixo, em três Coroas. Era onde a gente ia, de cargueiro. Levava cavalo. Saía lá de casa, pousava no Salto, para adiante do Salto um pouco, no descer o morro. Levava dois dias para chegar onde fazer o rancho, para voltar para casa. A gente levava queijo para vender. Nós fazíamos tricô para pegar um dinheirinho. A gente fazia meia, fazia pulôver, fazia casaco. Levava e vendia lá.*



**Figura 13:** Esquema da casa, segundo a Almira.  
 Fonte: Elaborado no LibreOffice Writer (GONÇALVES, 2016).

*A lã era a gente que fiava. Eu não sei onde é que tá, eu quero arrumar uma roca. Deve estar lá na casa da tia Belinha. Era ela que vivia fiando. Acho que tá por lá. Porque hoje ninguém conhece isso aí, não adianta eu contar para essas mais novas. Não adianta eu dizer. Elas não entenderiam. Não sabem e vão achar que não é verdade. A lã da ovelha, a gente lavava. Ficava bonita! Daí lavava, secava e só então fiava. Tanto eu como qualquer uma de nós sabíamos fazer. Não levava muito tempo fiando, é rapidinho. Vai puxando, vai puxando. Se a lã é boa, num instantinho sai um novelo. Tinha que ter o aparelho, o negócio aquele de fiar. Tudo isso tinha que ter, para mostrar. Por isso que eu disse que muito coisa não adianta, assim, dizer se eles não virem. Hoje em dia, a maior parte nem sabe o que é isso.*

*Nós vendíamos os blusões de lã que fazíamos. Nós levávamos... eu dava graças a Deus quando nós íamos. Eu ia muito a cavalo, de madrinheira. Eu ia na frente, com os cargueiros atrás. Adorava ir. Chegando lá, nós fazíamos nossos negocinhos, pra comprar as coisinhas que nós queríamos. Essas coisinhas, tu sabe, das gurias que eram faceirinhas. Sempre queríamos comprar uma coisinha, um pozinho, um brindezinho, um perfuminho. Os velhos não davam. Comprávamos roupas também. Às vezes queríamos comprar um calçado. Assim*



*nós fazíamos. Mas nós passávamos o inverno fazendo. Só esperando o dia de ir lá vender as meias.*

*Nós levávamos de dois a três meses pra fazer o rancho novamente. Trazíamos aquelas sacadas... sabe aqueles sacos de farinha que tem nos moinhos? Era de saco, não era de quilo. Nós trazíamos açúcar, farinha, farinha de milho, farinha de mandioca, polvilho, feijão. Feijão quase sempre a gente colhia. Feijão, batata, essas coisas. O arroz também era comprado. Tudo em sacos. De saco! Meu Deus!*

*A farinha de trigo se usava para o pão. A de milho para o pão também, para rosca, para pão de milho. Coisa boa um pãozinho de milho torrado. E polenta. A farinha de mandioca servia para fazer farofa, que nem paçoca de pinhão, mas de carne. É, pra fazer paçoca. Fazer aqueles revirados, como nós falamos. Daí fritava uma galinha e fazia aquela farinha com galinha. E nós comíamos, porque era o que tinha.*

*Além de galinha, nós criávamos pato, peru... porco, ovelha. E as criações. As vacas, para fazer o queijo. Nós tínhamos bastantinhas, de 30 pra cima. Isso só as vacas. Fora os boizinhos que o papai botava noutra invernada, para engordar pra vender. Ele e nós cuidávamos de tudo. Ele botava todo mundo no trabalho, até as crianças. Não tinha distinção. Tanto fazia ser homem ou mulher, gurria ainda. Todos trabalhavam. Deus o livre! Às vezes essas mulheres se queixam. Queria que passassem o que a gente passou lá fora.*

*Mas a gente já nem achava difícil. A gente nasceu e se criou no meio dos bichos. Era tudo fácil. Tudo fácil. O mais difícil era para sair, que a gente não podia sair porque para sair tinha que ser a cavalo. Tinha que ter quantos cavalos? Às vezes, quando o falecido saía conosco, a mamãe ficava. Ele levava as gurias, as meninas-, como ele dizia: vou levar as meninas. Quando a mamãe saía... era difícil. A mamãe sempre era a caseira. E era para tudo. A gente saía mais com o pai.*

*Eles tinham uma boa diferença de idade a mamãe é... o primeiro casamento da mamãe, da tua avó, ela tinha 17 e o marido, 62 anos, o velho. A fotografia desse velho andava lá pela casa da tua mãe, não sei o que foi feito. Ela*

*se consumiu lá para aqueles lados de Canoas. Era o falecido Manoca. Foi o primeiro marido da mamãe, só que com esse ela não teve filhos. Os filhos vieram com o falecido meu pai, que quando ela ficou viúva... ela casou com 17, com 18 ela ficou viúva. 18, 19... com vinte, ela casou pela segunda vez, que foi com meu pai. Daí que veio a turma, as herdeiras. A mamãe casou com 20 e ele estava com 40 anos, o segundo marido. É, ele já tinha 40. Ela me teve com uns vinte um, vinte dois, por aí. Eu e a Armi, mas dali a um ano, acho, vieram mais duas. Aí deram quatro. Então, começou e foi um atrás do outro. Eu acho que... não sei se é o Lauri... Como é que é? Não sei se é o Lauri e o Negrinho, que são diferença de nove meses um do outro. Não era mole. Tá louco! Decerto ele pensava assim, casei com essa guria nova, vou dar bastante filho para ela não ficar pensando coisa ruim. Mas ora... os velhos de antigamente eram muito safados. Os de hoje em dia também. Não se cuide pra ver. Daí desandou. Coitada da mamãe!*

*A gente ajudava na criação dos bichos. Daí quando nós queríamos um pontinho, o falecido papai só ficava tomando chimarrão, de perna encruzada e mandava, faça isso, faça aquilo. Ele só ficava olhando, só coordenando. Nós passamos trabalho lá fora. Para tirar o leite, a gente acordava de madrugada, na época em que eu já estava grandinha, ali por umas três e meia, quatro horas, já pulava da cama.*

*Naquela época não se tinha relógio. A gente controlava o tempo na sombra. Quando era meio-dia, a gente ia para a lavoura carpir, ou arrumava um peão pra trabalhar. Quando era ali às onze e meia, a gente parava na lavoura, para ver a sombra onde é que ela estava. Pela sombra, eles sabiam o horário. Meio-dia, a gente estava pisando bem em cima da gente, não aparecia a sombra.*

*Eu conheci o João, meu primeiro marido, lá na Fazenda Souza. Fui ao baile e me achei com ele lá. Ele estava no casamento do Mário. Nós tínhamos 18, eu e a Armi. Ela casou bem primeiro que eu. Eu casei com vinte e cinco já. Eu nunca tinha visto ele, mas conheci no casamento do tio Mário com a Armi. Mas daí, eu gostava dos outros também, não era só dele. Aí larguei de mão. Tratamos de ir a um baile no Juá, que ele ia, mas tinha um outro de quem eu gostava que disse ia também. Então, eu não quis ir ao baile, fiquei em casa. Capaz!?*

*Não fui ao baile e deixei. Daí passou um ou dois anos, nem sei. Nunca mais o vi. Nada, nem notícia. Aí a Armi e o Mário foram passear lá no Paulino, que tinha casado com a Otília, e a Ziza, a filha deles, era mocinha nova. Nós éramos amigas de baile. A Ziza era mocinha nova e tinha o irmão dela, o Nelsinho. Aí chegamos lá, numa quinta ou sexta, nem sei mais direito, e tinha um baile na Vila Oliva. Nos convidaram pra irmos. Lá saímos a cavalo. Jantamos e fomos para o baile, ficava pertinho. Pertinho, mas tinha que ir a cavalo. Daí eu disse para a Ziza, antes de sair para o baile, olha se o João estiver lá, eu vou namorar com ele. Mas ora, cheguei lá, o primeiro que enxerguei: aquele baita homem. Ele era muito alto. Na fotografia que estou de noiva, eu tive que botar um banquinho para subir em cima. Para ficar meio que da altura dele. Pode olhar, que tem. Eu acho que a tua mãe tem fotografia nossa lá. Ficou lá na tua casa, porque era da tua falecida mãe.*

*Nos acertamos. No outro dia, saímos. Viemos a cavalo um bom pedaço. Ele foi para um lado, e eu me fui embora, para a tia Ziza, na casa do Paulino. O João era do Apanhador. Depois foram morar para Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí. Ele começou a me visitar e logo deu casamento. Eu casei com vinte e cinco anos. A Armi, com 18.*

*De filho, primeiro veio o José Mário, depois veio o Maneco, o Carlinho e os dois últimos eram para ser guriazinhas. Ele estava muito faceiro, que ia vir as moças. Que nada! Os dois, eu ganhei no hospital, aqui em Canela. O doutor disse... e ele muito faceiro, só esperando as gurias dele... quando nasceram: João, dois colorados. Ficou muito desenxavido, mas fazer o quê? Dois colorados... Dois machinhos, o doutor dizia.*

*Só os dois últimos foram em médico. Os primeiros foram de parteira em casa. Foi sofrido! Hoje, Deus o livre! Dá uma dor de barriga numa mulher, já sai todo mundo correndo, direito ao médico. Nem sei qual foi o mais sofrido. Diz que a Nossa Senhora passa a mão na cabeça e a gente se esquece das coisas. Porque tem muitas que dizem: ai, eu não quero mais!, chega!, é só este!. Olha, que a Nossa Senhora passa a mão na testa de vocês e vem outro. Que nada, dizer não quero mais. Que nada! A dor é só aquela hora. Depois esquece. A Nossa Senhora*

*faz esquecer.*

*Para o forno de barro onde a gente fazia o pão, a lenha vinha do mato, carregada nas costas. Tudo eram as mulheres que faziam. De carregar a lenha a fazer o pão. Chegava época de Natal, então a mãe fazia aquelas fornadas de pão e de doce que Deus o livre. Até hoje me lembro. Éramos nós, mas vinham as visitas. Quando vinham, ficavam três ou quatro dias. As casas eram muito longe. Chegavam os compadres, os tios. Os irmão do falecido papai. Os irmãos da mamãe. Quer dizer, a irmã, a mamãe tinha só uma irmã. Era a tia Celina. A mãe do... como é que era o nome dele? Deixa eu me lembrar... de quem a Gilda é muito amiga... do Vicente. Mora ali em Caxias. A Gélia conhecia muito.*

*Só sei que dávamos graças a Deus quando chegava o Natal. Meu Deus do céu! Nunca passava aquele ano. Gostávamos tanto do Natal, porque nós nunca saíamos. Daí chegavam os dias santos e enchia a casa de visita, ou a gente ia passear na casa de um compadre. Os passeios da mamãe com a gente eram na casa de uma madrinha dela lá... bom, não é do teu tempo. Lá onde a mamãe parou quando foi embora daqui para Caxias. Era na casa dessa comadre dela. Então, em dia de Natal, nós íamos para a casa da comadre Lucinda, como ela chamava. E no primeiro do ano, íamos na casa da madrinha dela. Eram só os passeios que a gente fazia. Tudo a pé, pelo meio dos campos. Dava uma hora, meia hora de caminhada. Nós caminhávamos longe. Não tinha animal pra todo mundo. Era muita gente.*

*Aí eu casei e fui morar no Apanhador. Depois é que morreu... como é que foi mesmo?... foi depois que morreu o falecido papai. Quando casei, eu não tinha mais pai. Já tinha morrido. Ali onde o Maneco (o filho segundo mais velho dela) morava até bem pouco, era herança minha. Era campo ainda. Eu morava com a mamãe. E quando casei, fui morar no Apanhador. Tinha uma serraria ali embaixo, daí o falecido João comprou aquela casa de lá, onde nós moramos. Foi quando nós voltamos do Apanhador, para não pagar renda de campo e essas coisas. Aí viemos morar no Pai Bitu. Construimos e fomos, ficamos. Criei meus filhos lá.*

*Até escola tinha dentro da minha casa. Era uma escola do município.*

*Ficava numa varandinha, perto do galpão. Tu não deve te lembrar. Naquela varandinha, o falecido fez uma sala. Daí a prefeitura levou os materiais, as classes e tudo. Lá nós montamos a escola. Criamos os filhos lá, estudando até onde deu. Juntava todo mundo na casa. 28, 30 crianças. A primeira aula quem deu foi a Gilda, do Ulisses (uma prima de minha mãe). Como não tinha professora e a Gilda tinha um estudinho...*

*A falecida mamãe criou todos os filhos quase que sozinha. Depois que ficou viúva, ela foi pra Caxias. Acho que estava só a Gilda solteira e os guris mais novos. O Wilson também já tinha casado. Ficaram morando na casa da mamãe, ele e a Ziza. E a mamãe foi pra Caxias, pra botar os filhos a trabalhar e estudar. Que estudar que nada!? Foram para Caxias a mamãe com os solteiros. Eu acho que eu ainda morava lá no Apanhador. Daí casamos a Aura, eu. Nós casamos no mesmo dia. Fizemos uma festa só. A mamãe não podia fazer duas festas. Então, fez por uma só. Daí eu e a Aura casamos no mesmo dia. Casamento em casa, abaixo de chuva. Que barbaridade!*

*O noivo veio a cavalo. Não tinha carro. Na época, não tinha nem estrada lá. Os dois noivos a cavalo, lá do Apanhador. Vieram bater aqui no Pai Bitu a cavalo, para casar. Saíram de madrugada. O dia inteiro viajando. Vieram de capa. Dizem que chegaram num capãozinho e tiraram as botas, para não chegar sujos para as noivas. Queriam chegar com as botas limpas, porque trouxeram a fatiota na garupa. Num pessuelo (bolsa dupla de couro, usada para carregar os pertences sobre o lombo do cavalo). O Jerri (meu irmão) acho que tem um pessuelo daqueles. Tá louco! Até os casamentos eram difíceis.*

*Para essas festas, eles carneavam uma vaca. Carneavam um porco e faziam assado. Faziam o churrasco e davam o churrasco de almoço. Não era de noite, faziam almoço,. Na nossa festa, só da minha parte e da Aura, tinha umas 40, 50 pessoas. Isso que convidamos só os mais chegados. O vestido, foi uma vizinha que fez. A gente comprou as peças de fazenda, daí ela fez. O padre veio a cavalo e o escrivão também. Todo mundo a cavalo. Passando o rio cheio. Que barbaridade!*

*E assim a gente viveu lá. Eu adorava aquela morada da mamãe. Perto do forno, tinham os arvoredos. Tinha de tudo que era fruta. Não tinha o que não*

*tivesse. Tinham uns baita de uns pés de macieira. Coisa mais linda! Terminou tudo! Meu Deus! Sinto saudade de lá. Sinto saudade de tudo. Barbaridade!*

*Um dia parece que estava enlouquecendo, tive que sair porta afora. Saí para caminhar. Na minha cabeça, eu via tudo: o arvoredo, a casa, do jeitinho que a gente deixava as arrumações, tudo. E comecei a pensar, vai me dar uma coisa na minha cabeça e vou ficar meio louca. Tinha que sair a caminhar. Fechei a casa, subi o morro e logo passou.*

*Eu não sei como é que tem gente, como a Aura e as outras, que dizem que vão lá, mas não têm vontade de voltar para morar. A Gilda diz que nem gosta de ir lá. Mas ora, Deus o livre! Que saudade eu tenho daquele tempo. Passamos trabalho, mas era muito bom.*

*Por alguma parte, eu acho que as pessoas eram mais felizes naquele tempo. Chegava a sexta-feira, os fins de semana, e a mamãe fazia pão, fazia tudo, para esperar aquelas visitas, ou para a criançada mesmo. E a gente limpava a casa, varria. Limpava aqueles arvoredos lá tudo. Deixava uma rua de tão limpo. E a gente gostava. Eu gostava, pelo menos. Não sei dos outros.*

*Quando era no domingo, que não vinha ninguém, a gente saía a caminhar lá pelo meio dos campos. Subir em cima dos morro e olhar para os lados. Era o que a gente fazia. As casas eram tudo longe. E agora com os pinus isso fica mais difícil de enxergar ao longe. É só mato!*

*Tinha um morro lá, numa parte que tem um morrão grande. A gente subia lá em cima de um morrão grande que tinha, para enxergar São Francisco. De noite, de tardezinha mesmo, a gente enxergava até as luzes da cidade. Aquilo já era um prazer pra gente, pois a gente não saía. A gente não via nada. A gente ficava faceira de ir lá, enxergar as luzes. Só se via a claridade.*

*Mas a gente trabalhou bastante, meu Deus! Aqueles galpões velhos todos limpos, tudo arrumadinho. Hoje nem tem mais galpão. Mas eu tenho saudade de lá. Meu Deus! Vocês iam para ficar um mês lá em casa. A tia Gélia com as crianças. E uma vez, foi do tempo do Roni e da tia Gélia... eu não me lembro direito... eles estavam lá em casa e um primo foi junto e morreu afogado lá na água do Blang (uma barragem das redondezas), para aqueles lados de lá. Acho*

*que era o Roni e a tia Gélia que estavam lá em casa, com as crianças tudo pequenas, acho que não tinha tu ainda. Era a Márcia e o Jerri era pequeninho. Eram só os dois. Mas era bom! Ficava faceira quando iam para lá que, nossa!*

*A gente frequentava a casa do compadre Antoninho Brito. Era muito amigo. E a comadre Cesarina, que é madrinha do Preto (o filho mais novo dela) com o compadre João de Deus (segundo marido da irmã gêmea dela). O compadre João sempre foi muito lá de dentro de casa, meu Deus do céu! Sempre contando os causos dele. O compadre João era dos que moravam ali e que a gente mais visitava. Tinham as tias, mas ficavam longe... Era muito bom!*

*Tivemos que sair de lá por causa dos estudos dos guris. Por isso que nós saímos. Senão, decerto, estaríamos lá ainda, se não fosse isso. E o José Mário, fez a quinta série lá, mas não tinha a oitava. Daí ele foi lá para as tias dele. Ele ficou lá com as tias, em Caxias. A casa é herança delas. Deram pra ele e para o Preto... não, para o Maneco. É a casa onde os filhos do José Mário moram hoje.*

*Mas a gente tinha muita visita. Se visitava mais do que hoje, meu filho. Meu Deus! Hoje mais ninguém visita ninguém. Ninguém respeita mais ninguém também. Morre hoje e amanhã, se tiver, já estão nos bailinhos. Para tu ver, hoje não tem mais negócio de... ai, não sei se é sentimento ou o que que é. Quando morria o pai, era um ano de luto. Um parente, não sei se era primo, eram três meses. Tinha um que era seis meses ou coisa assim. Era de respeitar. Morria um vizinho lá fora, Deus o livre! A gente respeitava os vizinhos. Aí dava aqueles terços lá, a gente ficava faceira. Dava graças a Deus, porque a gente não saía de casa. Dava graças a Deus quando dava um terço pra ir lá no cemitério ver os homens. Eram os nossos passeios. Olha a cabeça da gente, como era. A cabeça da gente, se aprontava pra ir no terço lá no cemitério do barbudo. Era onde íamos. Não tinha onde ir.*

*Eu acho assim que a coisa que eu mais sinto é a saudade dos lá do campo. Aquelas visitas que a gente tinha. Era tudo de coração, não era falsidade. Hoje não tem mais isso. É difícil. Pode ter, mas é difícil. É cada um pra si e cada um que se vire. Eu tinha vontade de ir pra lá. Mas sei que não volto. Sinto saudade de ver o campo. Adorava! Aqueles arvoredos assim. Me lembro de lá de casa mesmo,*

*a gente acordava cedo e às vezes quando a gente ia deitar no meio-dia, ficava vendo aqueles arvoredos começando a florescer. Aquilo verdinho, verdinho, e aquelas florezinhas tão bonitas, que aqui em Canela a gente não vê. É difícil... e não dá nem pra plantar.*

## **O Dia em que Pintor-Rei Aportou no Pai Bitu**

A pesquisa se desenvolverá a partir da adaptação da proposta epidérmica de Hundertwasser para a realidade do Pai Bitu. Construirei minhas “peles” das entrevistas com as quatro senhoras, aproveitando uma perspectiva analítica que privilegia distintos níveis escalares.

Sendo assim, a pele que estreará o trabalho será o corpo, que corresponde à primeira instância de vivência espacial e condição necessária da existência de todos, sobretudo no que se refere aos conflitos gerados por essa interação, como no caso das questões de gênero e de faixa etária. Entendo o vestuário como uma extensão do corpo, portanto, fazendo parte ainda da primeira pele.

O espaço doméstico será a segunda camada que envolve o indivíduo. É onde se desenvolvem as relações interpessoais primárias, tanto as afetivas e familiares quanto as de vizinhança e convivência com a comunidade. Além disso, pretendo dar destaque ao modo como as pessoas circulam pelo espaço no Pai Bitu.

Já a terceira epiderme corresponde às contradições e articulações existentes entre cidade e campo. A partir disso, analiso as consequências que os conflitos existentes nesses distintos espaços acarretaram ou ainda acarretam para as vidas das colaboradoras.

A quarta pele é sobre as características migracionais das tias. A discussão se dará através do ponto de vista do que acarretou as transformações socioespaciais ocorridas no Pai Bitu. O enfoque recairá, portanto, nos movimentos migratórios que elas relataram, sobretudo no caso específico do êxodo rural.

A quinta pele, que finaliza o trabalho, será o lugar e sua inserção na economia mundial. O enfoque se dará na análise das lógicas capitalistas na área de estudo, principalmente no que se referir à intensificação da produção



madeireira no Pai Bitu e região serrana.

A abordagem que busco tem o objetivo de fazer uma análise geográfica acerca de um dos temas mais caros à Geografia na atualidade, que é o problema epistemológico da escala. Dentro desse contexto espacial, a alteração do nível escalar, por exemplo o corpo, ou a primeira pele de Hundertwasser, para outra qualquer, mudará significativamente a qualidade da análise.

## **Primeira Pele: A Pele que Elas Habitam**

Como na alusão do título acima ao filme de Pedro Almodóvar, adaptado do livro *Mygale* (1984), do escritor francês Thierry Jonquet, eis a primeira pele. O princípio da análise que realizo é sobre a pele propriamente dita. Considero-a a mais fundamental de todas, porque é a condição de existência e de interação com as dimensões que nos constituem em todos os outros possíveis níveis que nos englobam ou hão de nos envolver algum dia. Ainda assim, considerar a pele, o corpo como uma escala geográfica não é ponto pacífico na Geografia.

Embora compartilhe a ideia de que os aspectos sensoriais devam efetivamente ser avaliados, não me restrinjo à expectativa tátil de nossas características epidérmicas. Tal qual Hundertwasser, entendo pele como uma metonímia de nosso corpo, a instância mais básica de nossa vivência espacial.

É na primeira pele, inclusive, que nossos conflitos mais íntimos se manifestam. Assim, as questões de gênero se destacam sobremaneira neste estágio do trabalho. No princípio da entrevista da tia Gilda, por exemplo, o comportamento do o único marido vivo das colaboradoras, que procura contar sua própria história e, não satisfeito, decide dar sua versão à narrativa da esposa, já nos permite fazer algumas inferências.

Pensando a partir da perspectiva do tio Nelson, o papel do marido, possivelmente, é o de ser o porta-voz do casal. Cada vez que isso não acontece, o homem, na qualidade de alfa do relacionamento, interpretar que sua autoridade esteja sendo questionada. Essa leitura dá a entender que é necessário à esposa,

inclusive, uma aprovação prévia para se pronunciar não somente pelo casal, mas por ela própria também.

Uma primeira diferenciação que se faz dos casais que as tias formam ou formaram ao longo da vida dá-se a partir de questões socioespaciais e, inclusive, corporais. O papel que cada um tem na relação conjugal tem muito da distinção de seus corpos. Silvana Goellner entende que não devemos considerá-los como algo “naturalizado” ou “inquestionável”. Para ela, nossos corpos são o “território de onde e para onde emergem sempre outras e novas dúvidas, questionamentos, incertezas e inquietações” (2013, p. 32).

Essa analogia é uma afirmação que merece uma maior reflexão: assim como o corpo, o território também deve ser interpretado como uma construção social. Ambos ultrapassam as dimensões físicas. O território não é delimitado somente por suas fronteiras ou por sua geomorfologia. O corpo, por sua vez, não é definido apenas pelo seu conjunto de órgãos.

A reunião do conjunto de funções fisiológicas não é suficiente para entender as possibilidades de significados que o corpo apresenta. João Sarmiento o entende como uma “superfície de inscrições sociais e culturais” que abriga nossa subjetividade. Para esse geógrafo português, os corpos “são sítios de prazer e de dor, são públicos e privados, têm fronteiras permeáveis que são atravessadas por fluidos e sólidos; são materiais, discursivos e físicos” (2009, p. 263).

O território se forma a partir da apropriação do espaço, seja ela concreta ou também abstrata. É na abstração do espaço apropriado que vão atuar os sentidos que lhe atribuímos, ressaltando as concepções espaciais de cada grupo social e como ele será representado. O corpo, por sua vez, também opera a partir dessa lógica. Suas regras de conduta, ornamentos e, inclusive, suas vestes variam de acordo com a cultura, com o grupo social ou de indivíduo para indivíduo.

Essas ideias nos permitem unir o conceito de corpo com o de território. Incorporando-o à proposta hundertwasseriana, um microterritório epidérmico. Assim, no momento em que a Almira me recebeu usando pulseira e batom e quando a Gilda foi colocar seu vestido de domingo para aparecer no vídeo que faríamos, elas nada mais estavam do que exercendo essa territorialidade.

Elas também estavam praticando algo que é comum para as mulheres, que é o cuidado de si. O que a Almira chama de “guria faceirinha” é a expressão da atenção com o corpo. A moça faceira é vaidosa, que, para ela, é uma característica típica do universo íntimo feminino.

Caminhar, trabalhar duro, hábitos adquiridos ainda nos tempos de Pai Bitu, fizeram com que todas as quatro desfrutem de uma vivacidade fora do comum. Apesar das idades já avançadas, elas têm uma desenvoltura corporal de se admirar. Isso fica evidente no fôlego e agilidade de subir e descer morros que elas ainda demonstram. Dessa forma, paisagem e território estão inscritos e se manifestam em seus corpos.

Com relação aos padrões estéticos do corpo, as tias têm o costume de associar a beleza com a saúde. Assim sendo, elas sempre repetem a máxima “bem gordo, bem bonito”. Esse ditado se torna mais evidente depois que contextualizado: a magreza era um sinal de que a fome rondava os campos do Pai Bitu. Então, os mais gordos, tendiam a ser aqueles que menos sofriam com a escassez alimentar que estaria aquela família.

Os cuidados com o corpo não se manifestavam apenas através no zelo com a aparência, mas também com a própria saúde. Isso se dá porque, de um modo geral, as mulheres têm o hábito da prevenção. Ao dizer que meu avô não se cuidou com a pneumonia, que acabou sendo fatal, o tio Nelson está exemplificando essa análise.

Se a força física se sobressai dentre as melhores qualidades do corpo masculino, então a cura para doenças se daria pela recuperação natural do corpo. Nesse modo de pensar tipicamente masculino, a medicina é totalmente dispensável. Assim, apesar de (ou justamente por isso) ser conhecido como o “sexo frágil”, as mulheres da família Gonçalves são mais longevas que os homens.

Além disso, o casal precisava gerar muitos descendentes. Esse era o pacto que firmava o casamento. Era, também, um motivo de orgulho, sobretudo para o homem, que via confirmada sua virilidade através dos filhos crescendo na barriga da mulher. Depois de concebidos, havia um ritual de apresentação à sociedade dos herdeiros, com fotografia e festa, sempre à base de muita comida.

Figura: Arquivo familiar, ano desconhecido.

Uma das atribuições da função social da mãe, inclusive, o cuidar dos filhos. Desde antes da maternidade as mulheres já vão se preparando para cuidar dos outros. Tanto é que as irmãs mais velhas, como no caso relatado pela Almira, ficam a cargo de cuidar menores desde cedo.

Aliás, foi pensando no bem-estar e no futuro dos filhos que a Almira e o marido construíram a sala de aula no galpão de sua casa, para que os cinco meninos tivessem os primeiros contatos com as letras. Essa iniciativa acabou beneficiando não apenas seus filhos, mas também muitos das vizinhanças.

Também ficava a cargo da esposa tomar conta do marido, preparando suas roupas, o banho, a comida etc. Essa, aliás, não é uma característica apenas da nossa família. No tempo em que elas eram mais jovens, a norma era essa: a mulher tem de cuidar bem do marido. Tanto é que a alemã Aleida Assmann afirma ser a mulher “o fundamento primordial sobre o qual as civilizações masculinas se erigiram” (2011, p. 249).

A última preocupação das tias eram sempre elas mesmas. Elas eram, primeiro, a esposa ou a mãe para depois serem Almira, Armi, Aura ou Gilda. Porém elas apresentam uma outra força, a da permanência, de não abandonar os

seus e, sobretudo, de se importar com os outros antes de si próprias.

O modelo familiar do qual as tias provêm é aquele em que ao pai cabia tão-somente a administração e distribuição do trabalho diário. Esse modelo é uma construção social que se perpetuou no Pai Bitu. Como tal, deve levar em consideração o contexto histórico, cultural e, inclusive, espacial vigente.

O microterritório epidérmico é mais que a materialização de nossa presença, nele incidem as relações de poder que articulam as pessoas entre si e com o mundo. Segundo Goellner:

O corpo é também a roupa, os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se reproduz as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestidos que nele se exibem, a educação de seus gestos... Enfim, um sem limite de possibilidades sempre reinventados e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (2013, p. 31).

A pergunta que mais causou estranhamento, tanto à Aura quanto à Armi, foi de como eram as roupas que elas usavam. Responderam, às gargalhadas, “vestido, ora”. É disso que Silvana Goellner fala. Não somos apenas carne e osso, reflexos e sensações. Assim, os adereços que levamos junto ao corpo e as vestes que o envolvem devem ser entendidos em seu conteúdo político, já que são escolhas dos padrões estéticos que representam o que somos e onde estamos. O que usamos sobre o corpo faz parte dele, é sua extensão. Não apenas extensão física, mas também de símbolos culturais e sociais que emolduram nosso modo de ser e de existir no mundo.

Além disso, o corpo é, sobretudo, trabalho. Entendo-o como o resultado das práticas – inclusive espaciais – que determinam nosso cotidiano. Todas as lembranças das tias têm, de certa forma, uma vinculação com as atividades laborais que exerciam. Então, quando elas relembrem que acordavam às 4h ou 5h da manhã, é como se as lembranças reavivassem o sofrimento que é acordar antes de o sol nascer.

Michel Foucault propõe que a política é uma das dimensões que mais marcas produzem em nossos corpos:

As relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação (1987, p. 28).

A organização do trabalho diário, inclusive, era uma das atribuições da figura paterna. Por exemplo, quando meu avô – sentado no galpão, com o chimarrão às mãos e o cachorro logo ao lado – comandava quais eram as atividades que os filhos deveriam realizar, ele estava exercendo essas relações de poder destacadas por Michel Foucault.

Nessa perspectiva, somos constantemente julgados pelos nossos atributos corporais. Não é de graça que, de um modo geral, as tias usam vestido ou saia. A vestimenta frisa o papel de cada uma delas no casal e, como consequência disso, na sociedade. Frisa, também, quais são as atribuições que exercem e quais as responsabilidades com que elas devem se preocupar no dia a dia.

Além das roupas, as marcas em nós incrustadas também são elementos que constituem o que somos. Cada ruga de nossos rostos ou cicatrizes de nossas mãos são a memória do que passamos e experimentamos durante a vida. Em *Espaços da Recordação*, Aleida Assmann fala sobre as escritas do corpo, que nada mais são do que as memórias entalhadas em nós ao longo da vida (2011).

Esses entalhes, muitas vezes, não se dão de uma forma suave. Assmann cita Friedrich Nietzsche para justificar esses processos mnemônicos. Para o filósofo prussiano, ocorre da seguinte forma: “marca-se a fogo, e com isso alguma coisa ficará na memória; só o que termina, *o que dói*, fica na memória” (NIETZSCHE apud ASSMANN, 2011, p. 263).

As rugas que ostentamos são, portanto, a escrita de nossa existência em alto-relevo. Aliás, quando as rugas brotam, tudo começa a mudar. Sobretudo nestes dias, quando ser jovem é um modelo cultural a ser alcançado. Como ressalta Bosi, “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem” (2012, p. 77).

Ser velho, na sociedade em que vivemos, é difícil. Quando, pela ação do tempo, o corpo esmorece, as dificuldades se ressaltam. Cada ruga de nossos rostos ou cicatrizes de nossas mãos, são a memória do que passamos e experimentamos durante a vida. Como adverte Tuan, “o mundo percebido se encolhe ao declínio tanto da visão quanto da audição” (1980, p. 66). Além disso, as pernas já não respondem mais da mesma forma que outrora. Os braços pesam como nunca antes pesaram. As ameaças mundanas ficam à espreita dos menores vacilos.

Das dores identificadas, aquela que notei em todas as entrevistas foi o medo de ficar só. Quando a Gilda e a Almira me cobraram porque eu fiquei tanto tempo sem vê-las, elas estavam clamando contra a invisibilidade. A Almira, inclusive, pediu ajuda para encontrar uma antiga roca que se perdeu em alguma das casas do Pai Bitu. Ela deseja demonstrar aos netos e familiares mais novos como a lã era preparada e fiada em romãs. Essa atividade seria um de seus legados para a posteridade.

A característica dessa ideia de legado é que ele demanda ser registrado. Esse registro é, de certa forma, uma ratificação do ser existente. Sobretudo na velhice, que é a fase da vida mais próxima do fim, a confirmação da existência se faz necessária. O que agrava esse sentimento de proximidade do fim nas pessoas velhas é que seus contemporâneos, que aos poucos se vão, deixam aquela dúvida: “será que minha vez está próxima?”.

Difícil para os velhos é quando aqueles que se vão são seus descendentes. A perda de um filho é um acontecimento muito duro na vida de uma mãe. Mais difícil ainda, como no caso da Aura, é ver sua única filha falecer com apenas 55 anos de idade. Perdas com essa são marcas que custam para serem superadas.

Há marcas que nos acompanham por muito tempo. Tão intensas que traumatizam uma vida. Entendo o trauma como a filósofa Jeanne Marie Gagnebin, “a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito” (2006, p. 110).

O acidente que comprometeu o rosto da Gilda, por exemplo, deve ser considerado como um trauma que ela carrega consigo desde a juventude. Não fica

evidente no texto, mas os momentos mais tensos das entrevistas realizadas foram quando ela cita o acidente e quase não consegue falar sobre ele, atribuindo à marca facial os muitos insucessos na tentativa de encontrar um emprego.

De tão profunda, a cicatriz física magoou a alma da Gilda. As dores mais difíceis de serem superadas são aquelas nos marcam a ferro e fogo. A escolha por evitar de tocar no assunto foi a estratégia que ela encontrou de lidar com a questão. Aliás, o não-dito é tão – às vezes até mais – importante do que grande parte de nossas afirmações.

A ferida psicológica também se revela na repulsa desenvolvida pela Gilda ao Pai Bitu, que pode ser interpretada como uma transferência para o lugar de ocorrência de todo o preconceito que ela, literalmente, sofreu na pele, praticado pelos habitantes do da localidade logo após o acidente.

Assim, a memória se torna fundamental para esse processo, pois é ela que desencadeia o conjunto de lembranças e sofrimentos passados, o que acaba por expor novamente a ferida mal-curada. Ir para a cidade, mudar de ares, trouxe um conforto inesperado para a Gilda, mesmo que a princípio não fosse da vontade dela. Nos centros urbanos, sobretudo numa cidade de médio a grande porte como Caxias do Sul, as pessoas ficam mais imperceptíveis. Apesar da dificuldade de encontrar emprego, era de não ser notada que ela necessitava para seguir a vida.

## **Segunda Pele: De Volta para Casa**

A pele seguinte corresponde ao que envolve o espaço doméstico. A casa é a construção que, na maioria dos casos, se realça nessa paisagem. É, também, a que mais sofre intervenções dos corpos, a camada epidérmica ligeiramente anterior. A “nossa casa” é aquela onde nos sentimos protegidos, reconfortados. Eis mais um ponto em comum com a primeira pele e a questão da maternidade: é o refúgio para onde corremos quando ameaçados.

Bosi faz uma leitura bastante feliz sobre como escolhemos essa casa, ou um lugar que consideramos “nosso”:

Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em



que vivemos os momentos mais importantes da infância. Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções (2012, p. 435).

A Almira nos conta reiteradas vezes que o sonho dela é voltar para a velha casa onde vivia, no Pai Bitu. Por prudência, os filhos não a permitem retornar. Afinal, uma senhora de 86 anos requer cuidados que ficam prejudicados pelo difícil acesso à localidade. Ela deseja, no entanto, que essa viagem de retorno fosse além de espacial, de deslocamento até a antiga morada, também temporal. A saudade que ela sente, que faz a casa fulgurar em suas retinas, é a lembrança espacial de outrora. A descrição detalhada que ela nos oferece é uma tentativa de resgate, e de regresso, de vivências espaciais que passaram e não voltarão mais.

Ela gostaria de retornar à casa como era antigamente, com a mesma disposição dos móveis, com o pomar no estágio mais prolífico de frutos e verduras. Ela expressa, sobretudo, o anseio de reviver os momentos mais felizes de sua existência, como que retornando àquela casa, tudo isso voltaria à tona.

Como nos ensina Gaston Bachelard:

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados em longos estágios. O inconsciente estagia. As lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas. (...) Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços de nossa intimidade (1984, p. 203).

Há estágios a serem percorridos até chegarmos aos espaços da intimidade. Nesse sentido, o acesso da maioria das casas do Pai Bitu se dá a partir do galpão. Se a casa é o espaço de descanso e resguardo, parte do galpão o trabalho cotidiano. É o interior do galpão, inclusive, que se desenvolve o trabalho externo e onde se produziram algumas das lembranças mais imóveis e sólidas.

Aqui apresento outra concordância verificada no diálogo com as colaboradoras: a severidade do trabalho. Todas elas foram unânimes ao afirmar que a principal dificuldade de se viver no Pai Bitu é o rigor da rotina no campo. Essas lembranças, inevitavelmente, se vinculam a um ponto de onde decorre tudo que envolve o cotidiano externo à casa, que é o galpão.

O galpão é parada obrigatória de quem retorna da lavoura, porque, além de

ser o primeiro acesso à casa, é onde se encontram as ferramentas utilizadas nas tarefas do dia a dia. Por essa razão, ele se localiza entre a casa e a lavoura, configurando-se na interface entre esses dois espaços.

A ordenha, que precede a atividade mais valorizada do Pai Bitu, ou seja, a preparação do queijo serrano, também acontece no galpão. Praticamente todos os galpões pai-bituenses possuem uma sala anexa para sua produção e uma despensa, onde será armazenado, para logo mais ser vendido nos mercados das cidades mais próximas da localidade.

É no galpão, também, o lugar em que se guardam os arreamentos. O conjunto formado entre arreio e cavalo é imprescindível para se percorrer médias e grandes distâncias. Eis aqui a importância do galpão, porque é nele que estão estrategicamente localizados os objetos de maior valor do Pai Bitu.



Figura 14: Tia Aura abrindo as portas do galpão.  
Fonte: Arquivo familiar, ano desconhecido.

Além disso, a condição atmosférica é outro fator que torna severas as lidas diárias. Aqui, o frio é, possivelmente, a principal dificuldade do trabalho na lavoura. Foi, inclusive, uma das unanimidades nas entrevistas. Sempre que falavam da dureza do trabalho, logo justificavam com a presença do frio.

Como enfatiza a Gilda, sobretudo no inverno, bem mais que nas outras estações, as tarefas tornam-se por demais agressivas aos corpos. Não somente o frio, mas também a umidade o tratam com hostilidade. Ao entrarem em contato com a pele, maltratam, principalmente, os pés e as mãos dos agricultores.

Aliás, as mãos têm papel decisivo no pai-bituense. Não há trabalho sem o manuseio das ferramentas. A criação de animais e o plantio na lavoura o são,

sobretudo, manuais. Sem a sensibilidade do toque, não haveria leite, queijo, novelo de lã, roupa, hortalica, lenha e uma gama de realizações que compunham os feitos de uma vida no campo. Essa dependência manual fica mais evidente no Pai Bitu de outrora, quando não havia maquinários. As técnicas usadas pelas tias dispunham de utensílios rudimentares para a realização das tarefas. As ferramentas, como a enxada ou o ancinho, são verdadeiras extensões das mãos do trabalhador. Era a partir desses prolongamentos artificiais que aquelas agricultoras tocavam o solo para cultivá-lo.

Além disso, todo o trabalho era condicionado pelos ritmos da natureza. Como cada produção possui um ciclo característico, gerando repercussões na vida das pessoas. Isso faz com que elas adaptem seus hábitos a partir das demandas dos cultivos e do rebanho, passando a determinar a divisão das tarefas diárias.

Como brilhantemente nos ensina a Almira, elas controlavam as horas através das sombras dos objetos. Para elas, o dia não era fracionado em vinte quatro horas, como estamos acostumados. Essa compartimentação atende a uma lógica urbana, que responde às necessidades da produção industrial.

Havia, portanto, as horas de levantar e trabalhar, a hora das refeições e da sesta, a hora de brincar e se divertir e a hora de dormir. Obviamente que a hora de trabalhar tomava boa parte do dia. Como não havia relógios de pulso, as tias controlavam o horário pela posição solar. Sabiam, por exemplo, que havia chegado a hora do almoço quando suas sombras desapareciam sob seus pés.

Outra característica do tempo no Pai Bitu era sua fluidez. Não existiam fim de semanas para as tias e a família delas. O tempo corria continuamente. Os únicos eventos que rompiam com essa constância do andamento temporal eram as festividades, como Natal e Ano-Novo, por exemplo, que por elas eram aguardados com grandes expectativas.

Era função das mulheres fazer todas as tarefas. De tudo o que surgisse, desde os inúmeros afazeres domésticos até as lides campeiras e na lavoura. Havia, em número restrito, as ocupações de prioridade masculina, como serrar as toras de árvores para a lenha, por exemplo, que exigiam vigor físico. Mesmo assim, as mulheres participavam das outras atividades envolvidas, como juntar as toras

e levar a carreta até onde eram armazenadas.

Anexo ao galpão, como nos descreve minuciosamente a Almira, havia um forno de barro. Esse forno tinha um papel estratégico fundamental na família. Nele, minha avó assavam-se até doze pães por fornada. Devido ao trabalho desgastante, muitos pães eram consumidos diariamente.

Atravessando o galpão, chegamos até a soleira da porta de entrada. Apesar de modestas, fabricadas com madeira oriunda das matas do entorno, as moradas pai-bituenses são por demais hospitaleiras. As visitas que as acessam estão convidadas a participar da intimidade da casa.

O quarto, excetuando o banheiro, é o espaço mais privativo de uma casa, de modo geral. É lá onde exercemos nossa intimidade. Numa família com tantos filhos, para que os moradores possam exercitar um mínimo de privacidade, fazem-se necessários muitos quartos. Num dos momentos de epifania da Almira, que ela descreve minuciosamente a casa dos pais, ela estava querendo nos dizer isto: à medida que a família crescia, a casa ia ganhando aposentos. A casa, assim, acompanhava a evolução socioespacial do grupo familiar.

Michel de Certeau e Luce Giard, ao refletirem sobre a casa, destacam o papel que a cozinha tem para esse espaço tão importante:

Nossos habitats sucessivos jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixá-los, pois eles habitam, por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos. Eles viajam conosco. No centro desses sonhos aparece muitas vezes a cozinha, aquele “compartimento quente” onde a família se reúne, teatro de operação das “artes de fazer” e da mais necessária entre elas, “a arte de nutrir” (2012, p. 207).

O espaço íntimo da casa, sobretudo o aconchego da cozinha, sob o calor do fogão a lenha, é um microterritório que manifesta as relações sociais e espaciais intrínsecas de seus habitantes. É onde os familiares confraternizam entre si. Mas é na cozinha, também, onde os pai-bituenses recebem seus convidados.

De tão amplo, podemos considerar esse cômodo das casas da região uma conciliação entre a sala de estar e a cozinha propriamente dita. É, também, o espaço da hospitalidade. Por isso mesmo, no Pai Bitu, o termo receber se equivale a comer. Em todas as casas que fui, sempre me esperavam com um sortido

banquete. Voltei para casa carregado das guloseimas. Tive até que trazer vários presentes alimentares para serem distribuídos aos meus irmãos.

Nos diálogos com a Gilda e o marido, uma das discordâncias de casal que mais chamou atenção foi exatamente sobre a regularidade com que meu avô carneava as ovelhas que criavam. O Nelson afirmou que o abate ocorria a cada 15 dias. Ela, injuriada, contestou: “oito dias, nós matava ovelha. Oito dias!”. É com orgulho que comiam carne frequentemente, porque isso indica que a fome, ou a subnutrição pelo consumo escasso de proteínas, não era comum na família.

Luce Giard revela como a comida reflete a organização de uma sociedade:

Se abandonarmos a dimensão diacrônica das histórias empilhadas na evidência das práticas culinárias e tentarmos considerá-las na ficção de um puro presente, o que nos surpreende é sua abundante diversidade, de uma sociedade a outra, dando a estranha impressão de que deve haver alguma razão para isto e que os hábitos alimentares de uma determinada sociedade num dado tempo estão ligadas por coerências internas, invisíveis, mas reais. Tudo se passa como se um determinado regime alimentar revelasse uma ordem do mundo, ou antes postulasse em seu próprio ato a inscrição possível desta ordem no mundo (2012, p. 245).

É importante ressaltar que há uma participação masculina nos rituais mais destacados de comemoração, na medida em que cabe ao homem a preparação da carne e o acompanhamento do churrasco. A mulher se encarrega desde preparar a salada, os outros pratos e a sobremesa; por à mesa; lavar, secar e guardar a louça; preparar o cafezinho; limpar tudo e muitas outras tarefas que passam despercebidas nas disputas narrativas sobre esse ritual.

Essa participação expressa as relações socioespaciais no seio da família. A partir de sua disposição, ela reafirma os papéis de cada um no âmbito familiar, na medida em que a churrasqueira está em um espaço distinto ao da cozinha. Essa separação é simbólica, mas serve para salientar que a cozinha é de uso exclusivo e de responsabilidade da mulher.

Aliás, o espaço íntimo da casa que mais propicia a convivência está ao redor da mesa. As posições em torno dessa são consideradas. É lá onde os “de casa” apresentam o que de melhor têm a oferecer, com o intuito de demonstrar sua hospitalidade. De acordo com o que servem à mesa, descobrimos o quão bem

quista é a nossa visita.

A mesa é, também, uma perspectiva de afirmação social. Não exatamente esse móvel, mas o nos servem sobre ela. É uma das formas de demonstrar a condição financeira dos de casa. Sobretudo, porque os moradores são de uma época que passar fome era algo nada fora do comum. Então, quanto maior for a variedade de pratos que circulam sobre a mesa mais riquezas a família exhibe.

Deixando a casa, outro espaço de convivência significativo – até mesmo excêntrico – era o cemitério. O que para alguns pareceria funesto, para a Almira, como ela mesma disse, era uma oportunidade de “ver os homens”. Essa necessidade de encontrar pessoas era motivada pelo desejo de sair de casa, vencer distâncias, cruzar as paisagens pai-bituenses que a aprisionava.

Talvez por essa proximidade com o cemitério que a Gilda, por exemplo, tenha uma relação tão próxima com os mortos, onde ela visita com frequência os túmulos em que estão enterrados os pais e os irmãos. Além disso, uma de suas principais distrações, de hoje em dia, é ler a seção de jornal e ouvir os programas de rádio que se refiram ao obituário da região.

Aliás, uma explicação do sentimento de clausura tão verificado durante as entrevistas é, primeiramente, a falta de meios de transporte que permitisse às tias percorrer grandes distâncias. Por esse motivo, elas ficavam limitadas aos percursos que pudessem ser vencidos a pé. Essa característica fez com que elas tenham noções de perto/longe muito distintas das nossas. Para elas, “perto” são os caminhos podemos caminhar até chegarmos ao destino. “Longe”, por sua vez, são aqueles que demandam a utilização de um veículo, como carro, ônibus etc. Na minha infância, um das coisas que eu mais detestava era caminhar por Canela com a tia Almira. Sempre que fazia a pergunta de criança impaciente “falta muito?”, ela dizia “é logo ali atrás do morro”. Esse morro, porém, nunca chegava.

Outra leitura perpassa essa questão. Conforme nos demonstra Claude Rafestin, “a circulação imprime a sua ordem. A circulação é a imagem do poder” (1993, p. 202). A circulação é a imagem do poder, e o poder é gênero, que se manifesta no modo como as mulheres, na maioria das vezes, eram preteridas nessa ânsia circulatória.

Havia, assim, como nos conta a Gilda, uma hierarquia do que se fazer, manifestada na preferência de quem podia ou não sair de casa para os passeios que ocorriam. Nessa hierarquia, os homens sempre tinham preferência no uso dos cavalos, que eram o único transporte disponível e não existiam cavalos e encilhas o suficiente para toda a família. A partir desse primeiro filtro, a idade é que prevalecia. Como era a mulher mais moça, a Gilda sentia na pele esses critérios de seleção dos programas dos quais a família participaria.

### **Terceira Pele: do Rural ao Urbano**

Entre a família, costumamos chamar o Pai Bitu – e as zonas rurais, de um modo geral – de “lá fora”. Para irmos lá para fora, não é necessário apenas vencer uma considerável distância. Há também as dificuldades proporcionadas pelo percurso, que continua sendo muito tortuoso, por estradas de chão batido e pedregoso. Ainda hoje, as chuvas torrenciais nos impem de sair da localidade.

Eis aqui a terceira pele que às tias envolve: a distância entre o rural e o urbano. Muitos estudiosos entendem o primeiro mais como uma ausência de urbanização do que qualquer outro fator. A geógrafa Marta Marques afirma que o espaço rural é visto como o que não é considerado urbano, definido “a partir de carências e não de suas próprias características” (2002, p. 97).

Uma visão que trate o campo como o oposto da cidade, enfatiza as diferenças entre ambos. Para Eduardo Yázigi, no entanto, é um engano compreender o processo de formação territorial dos municípios brasileiros a partir do surgimento das cidades. Segundo ele, “o estudo dos lugares costuma começar, erroneamente, pela fundação de suas cidades. Um equívoco: por muito tempo, a história urbana foi apenas um capítulo da história rural” (2001, p. 13).

O caso das tias corrobora o que sugere o professor do departamento de Geografia da USP. A história de vida delas se confunde com a história do Pai Bitu. Nos pequenos municípios do interior, o espaço rural é fundamental na definição da organização territorial, já que tanto a agricultura quanto a pecuária,



de um modo geral, ainda são predominantes para a produção municipal.

Entrando na discussão da dicotomia inerente a ambos espaços, o geógrafo Luiz Fernando Fontoura aponta que:

O campo e a cidade poderiam ser identificados como uma realidade material, enquanto que as respectivas categorias rural e urbano a eles associadas correspondem a uma realidade social produzida nesses espaços. Em outras palavras, poderíamos afirmar que são os sujeitos, definidos ora como rurais ora como urbanos, que imprimem significados aos espaços em que vivem, dotando-os de elementos que possibilitam a identificação e distinção entre o mundo rural e urbano (2011, p. 43).

Essa distinção que Fontoura traz qualifica o debate. A utilização dos conceitos principais dessa discussão ganham maior refinamento. Sendo assim, seria mais adequado analisar os aspectos inerentes tanto ao campo quanto à cidade sob uma perspectiva que os corresponda à sua base territorial, enquanto que rural e urbano compreendem o conteúdo social dessa equação.

Assim como destaca Fontoura, a distinção ente rural e urbano será dada pelas relações sociais postas em prática. Nesse sentido, devemos entender a cidade e o campo como espaços complementares. A primeira fornecendo tecnologias e, inclusive, mão de obra, já o segundo, repondo a matéria-prima necessária para a subsistência e o desenvolvimento daquela. Para o geógrafo Celso Antônio Rosas, tanto o campo quanto a cidade podem ser analisados como um conjunto, refutando sua separação:

Não podemos compreendê-los dicotomicamente, uma vez que são fruto de um mesmo processo de construção, sob facetas diferenciadas dialeticamente, a partir do espaço rural, formando um par dialético indissociável, mas cada qual com suas características próprias (2014, p. 165).

Evitando tal polarização, nos afastamos das noções maniqueístas, cada vez mais obsoletas, que confrontam o moderno urbano e o rural tradicional. A simples associação do urbano com a atividade industrial e, por sua vez, do rural com o agropastoril já não é mais suficiente para entender essa questão.

Feitas as devidas considerações, gostaria de retomar uma discussão, iniciada na segunda pele, sobre o modo como as tias se deslocavam pelo Pai Bitu. A diferença é que antes fiquei mais restrito aos espaços do entorno da casa.

Agora, gostaria de refletir sobre as maiores distâncias que elas percorriam.

Uma viagem recorrente da qual elas participavam era quando meu avô ia a Três Coroas, para comercializar os queijos que a família produzia. Aqui está o exemplo da complementaridade entre cidade e campo: era com a venda de queijo aos pequenos mercados e feiras das cidades mais próximas que a família arrecadava o dinheiro necessário para comprar as farinhas de trigo, milho e mandioca, o polvilho, o açúcar e o arroz de que necessitavam para a subsistência. As farinhas e o polvilho, pela insuficiência técnica, e o arroz, pela escassez de água, eram os alimentos consumidos não produzidos pelos próprios Gonçalves.

Além desses, certamente eles compravam o sal, o café e alguns outros produtos, que não foram mencionados nas entrevistas. O restante dos alimentos provinha da horta familiar, como a batata, o aipim, o feijão e a batata-doce etc. Também tinha a carne, que, entre elas, é o alimento mais valorizado de todos.

Então, essa viagem de carreta, que durava dois dias para ir e dois para voltar, era um dos momentos mais esperados por elas. Como havia poucos cavalos e apenas duas ou três vagas na carreta, elas se revezavam para que todas pudessem ir à cidade vender os tricotados que elas passavam o inverno fazendo. Grande parte das saídas a lazer, mesmo que raras, ocorriam em localidades distantes do Pai Bitu. Muitas dessas festas estavam associadas à questão religiosa. Então, a religião era uma justificativa para que elas saíssem de casa. Ir rezar o terço na capela do Lava-Pé era uma oportunidade única de sair para “ver os homens” como, divertida e atrevidamente, nos revelou a Almira.

Assim como na cidade, a circulação no campo era, de um modo geral, prioritariamente masculina. Símbolos do deslocamento, tanto o cavalo e seus paramentos, típico do espaço rural, quanto veículos e acessórios automotivos, representativos de um ideal urbano, eram e ainda continuam sendo muito cultuados pelo universo masculino. O domínio dos transportes reduzia os horizontes femininos, restringindo-os às proximidades da casa e seu entorno.

Outro ponto, relatado pela Almira como algo de que elas gostavam durante a juventude, era subir em um morro bastante alto das redondezas e ficarem admirando as luzes da cidade. À primeira vista banal, esse relato ganha outro significado quando contextualizado: quem subia um morro de mais de 200 metros para contemplar a paisagem da cidade de São Francisco de Paula eram meninas que raramente saíam dos arredores de casa.

Vale lembrar que não havia luz elétrica no Pai Bitu, o que torna essa aventura mais prazerosa ainda. Os milhares de pontos luminosos, que emitem seu brilho desde a cidade, despertava nelas a curiosidade e o desejo de saber o que cada um deles teria a revelar. Eis a causa de tanto fascínio.

## Quarta Pele: Migrando

Quando pensei em dividir minha interpretação das entrevistas nas peles que adaptei da obra de Hundertwasser, a quarta delas seria a discussão sobre a identidade com o Pai Bitu. No entanto, ao ler e reler os diálogos, ficou difícil desfazer os nós que enrolavam essa proposta inicial. Por ter sido pouco mencionada, correria o sério risco de tirar conclusões precipitadas sobre o assunto. Além disso, a questão de como se deram as migrações durante as vidas das colaboradoras, praticamente, suplicou-me maior atenção. Ressaltou-se de tal maneira que decidi elevá-las à condição de uma das peles deste trabalho.

Identifiquei dois momentos migratórios, que, embora distintos, tiveram motivações semelhantes nos casos das tias. Um primeiro, que se deu quando elas eram jovens, através das dificuldades geradas pela perda do pai. Bem depois, quando ficaram viúvas, transcorreu outro momento de partida, fazendo com que elas deixassem as casas onde, por muito tempo, moraram.

Esses tipos de migração, que, de modo geral, poderiam ser classificados como “êxodo rural”, merecem atenção especial porque foram fundamentais nas trajetórias de vida das tias. Configuraram-se em momentos de transição que determinam as experiências de vida posteriores.

Quando meu avô faleceu, por exemplo, a família passou por uma fase difícil. Aos poucos, a produção de queijo foi diminuindo e as toras de pinheiro, que era outra de suas fontes de renda, foram escasseando. O Nelson nos conta que uma das maiores frustrações dele foi não ter visto o sogro conseguir realizar o plano de vender os pinheiros que cresciam em sua propriedade. Todo esse lucro serviria para comprar mais e mais campos, o que resultaria numa herança de cerca de 100 hectares para cada sucessor.

Os conflitos familiares foram de tal forma que a partilha das terras fez brotarem cercas que rompiam a continuidade dos campos da família Gonçalves. Além disso, a madeira dos pinheiros foi vendida e o dinheiro oriundo dessa venda, entre todos os envolvidos na herança, foi-se junto com o sonho do falecido de se estabelecer mais ainda como um grande proprietário de terras do Pai Bitu.

A família desorganizou-se de modo que, dois anos depois, minha avó decidiu ir embora. Escolheu Caxias do Sul que, dentre as cidades mais próximas, era aquela que oferecia mais oportunidades de emprego. Juntos com a viúva, foram apenas os filhos solteiros, porque os casados estavam com a vida garantida e estabelecidos no Pai Bitu.

Das quatro colaboradoras aqui entrevistadas, apenas a mais moça das mulheres foi para a cidade. Foram acompanhando a mãe deles, então, a Gilda e os irmãos mais novos, dentre eles o meu pai. Estabeleceram-se na casa onde hoje mora a Gilda, o marido Nelson e a filha mais nova do casal. A Almira, a Armi e a Aura já tinham suas próprias casas para cuidar e as recém-formadas famílias encontravam-se em franco crescimento. Por esse motivo, permaneceram.

Um adendo: aqui começou a construir-se a fama paterna de mau negociante. Os filhos que foram para Caxias do Sul acabaram negociando a parte que lhes cabia da herança para aqueles que continuaram no Pai Bitu. Quando mediram as terras para concretizar a venda, verificaram que os campos de meu pai eram maiores do que aqueles que havia entrado em acordo com o João Cândido, primeiro marido da Almira. Então, esse pedaço excedente de terras, de uns dois ou três hectares, foi negociado por um fogão a lenha e umas botinas.

Essa anedota familiar serve para ilustrar o quanto valia, à época, a terra naquelas bandas. De tão depreciada, valia a pena negociá-la por um par de botas, que protegem os pés dos castigos do terreno no trabalho diário, e um fogão, que, além de ser onde se preparam as refeições, ameniza as noites gélidas de inverno.

Outro momento de migração que verifiquei, bem mais recente que o primeiro, foi quando as próprias tias ficaram viúvas. Apenas o Nelson, marido da Gilda, ainda está vivo. A primeira a ficar sozinha foi a Almira. Lembro bem do João Cândido, primeiro marido dela. Ele teve câncer e precisou vir se tratar em Porto Alegre. Como éramos os parentes mais próximos do hospital, minha mãe acabou oferecendo estada para que ele fizesse o tratamento. Eu tinha uns 5 ou 6 anos. Durou poucos meses, mas são as minhas lembranças mais remotas do contato com a morte e minha primeira experiência com a dor da perda.

Nessa época, eles não viviam mais no Pai Bitu. O João já havia construído

a casa de Canela em que ela vive hoje e para onde retornou faz uns 4 ou 5 anos. Quando casou pela segunda vez, com o seu Eduardo, ela foi morar com o novo marido. Depois de ficar viúva novamente, os filhos acabaram reivindicando a casa do falecido de volta.

A Armi foi a próxima a vestir o luto. Faz cerca de 15 anos. O Mário estaria com mais de 100 anos hoje. Ela ainda permaneceu no Pai Bitu. Depois disso, um neto foi lhe fazer companhia, mas não aguentou por muito tempo. Então, ela foi para Caxias do Sul, ficar com um dos filhos. Acabou retornando ao Pai Bitu, onde se casou pela segunda vez e foi morar com o João de Deus, que, conforme ela mesma diz, não é um marido, mas apenas um companheiro para o que lhe resta da vida.

Essa denominação revela muito do casamento que eles estabeleceram. É uma relação de companheirismo, cujo vínculo se estabelece “apenas no religioso”, como ela mesma diz, e que tem o objetivo exclusivo de evitar a solidão. É compreensível que uma pessoa que ficou aqui e acolá, na casa dos filhos, e, nos confins do Pai Bitu, encontre uma companhia para dividir as dores e as alegrias.

Em seguida, foi a vez da Aura. Perdeu o marido faz 14 anos. Desde então, a única filha procurou que a mãe fosse morar com ela, em Caxias do Sul. A princípio a Aura não queria ir, mas depois acabou cedendo às investidas filiais. Essa mudança para a cidade foi um momento muito difícil enfrentado por ela.

O ato de se mudar causa uma grande desorganização nas nossas vidas. Ter de sair de onde vivemos, deslocarmos nosso campo de atuação – no caso das tias, atuação no campo – afeta tanto nossas relações sociais quanto nossos vínculos espaciais com a nova morada.

Primeiro porque, na grande parte das vezes, precisamos nos afastar do convívio da vizinhança. Isso faz com que a falta desses vínculos sociais deixe as circunstâncias mais difíceis de serem enfrentadas, causando uma desordem, até mesmo psicológica, que demanda uma reorganização que nem sempre é tão imediata quanto o necessário.

Essa desordem também tem um componente espacial, já que o ser humano cria seus laços espaciais de afetividade. Então, quando perdemos essas

referências, que de certa forma nos constituem, precisamos reconstruí-las a partir de um novo contexto. Cada mudança, é um recomeço, mas nem sempre estamos dispostos a recomeçar. Isso vai ficar mais difícil à medida que envelhecemos. A tendência é que quanto mais velhos ficamos, mais penosa isso se torne.

Depois, como nos casos tanto da Aura quanto da Almira e da Armi, morar na casa de outra pessoa, mesmo que seja um filho ou um novo amor, nem sempre é tão simples quanto possa parecer. Ainda há os desgastes que a convivência gera. Especialmente no caso dos velhos, essa mudança representa a perda da autoridade, uma infantilização que sinaliza uma espécie de morte.

Difícilmente conseguimos levar todos os pertences que gostaríamos para o espaço que nos é reservado. Além disso, o apego dos velhos aos seus pertences tem tudo a ver com a memória. São portadores de lembranças tão importantes, que somente esses objetos pessoais têm condições de auxiliar o resgate. Esse apego, por vezes excessivo, também é uma forma de se manterem vivas as relações espaciais pretéritas a que se reportam. Configuram-se nesses referenciais visuais que se materializam em nossas retinas, presentificando um passado que nos empenhamos a preservar.

É claro que quando um filho obriga a mãe a se mudar da casa onde morou boa parte da vida, ele, na maioria das vezes, está pensando no bem-estar dela. Sobretudo, porque pensa na conveniência que a proximidade possibilita e no cuidado que uma pessoa velha demanda, como hospitais, farmácias etc. Essa é uma questão muito delicada do ponto de vista familiar. Não cabe a nós julgar uma decisão tão sensível quanto esta, mas é muito duro para uma pessoa velha, ser obrigada a se mudar da casa onde por muito tempo viveu.

Agora, é importante frisar que as tias precisaram se mudar, porque os filhos também foram obrigados a buscar as alternativas que o Pai Bitu já não oferecia. Veja o caso da Almira, em que os filhos continuam trabalhando com as lides campeiras, mas, mesmo assim, apenas um dos cinco deles ainda vive no Pai Bitu, justamente porque aqueles campos não ofereciam mais as oportunidades que outros distritos de São Francisco de Paula ou Caxias do Sul ou mesmo a cidade de Canela lhes proporcionaram.

Tanto uma quanto a outra fase migracional que distingi tiveram a mesma justificativa: a perda da figura masculina. Uma explicação para a desorganização decorrente dessa perda é que o homem centralizava as decisões do casal e, de um modo geral, da família toda. Sua ausência, portanto, gerava uma instabilidade na qual a matriarca não estava preparada para enfrentar.

Quando o luto acometeu minha avó, por exemplo, ela não deu conta da administração da propriedade, já que não estava habituada às decisões de família. Associado a isso, sempre há as disputas por herança que se conflagram nesses momentos de instabilidade. Tanto que a vó resolveu arrendar a parte que da herança lhe restava e partiu para a cidade, à procura de novos horizontes.

Depois de tomada a decisão de mudar, faz-se necessário um certo tempo para adaptação. A principal dificuldade, sobretudo para aquelas que sempre foram do campo, é se habituar às condições de vida urbanas. O que a Aura, por exemplo, mais estranhou ao ir para Caxias do Sul foram os barulhos da cidade.

Para alguém que sempre viveu na tranquilidade sonora do Pai Bitu, acostumada com o rumor das cachoeiras, o canto dos pássaros e o ronco de bugios, soam mesmo perturbadores os ruídos das buzinas de carro, das aglomerações de pessoas e das máquinas que caracterizam as paisagens urbanas.

Aliás, a respeito da configuração da paisagem urbana, mais especificamente sobre a poluição sonora que se propaga nas cidades, um fato ocorrido na casa da Almira me incomodou muito. Ela mora numa casa de dois andares em que o térreo está alugado para um rapaz de 19 anos. Enquanto gravávamos, o som que vinha do rádio dele estava tão alto que não nos escutávamos. Tanto que só fui entender algumas passagens da entrevista depois que assisti aos vídeos que elaboramos.

O que mais me chamou a atenção, no entanto, foi que o barulho nem sequer a perturbou. Uma explicação possível é que, como apenas um dos filhos dela mora próximo e nem sempre a visita, a música alta do rapaz é para ela uma forma de interação social. Além disso, a Almira já apresenta certa perda auditiva que é, inclusive, uma de suas particularidades mais lembradas no seio da família.

Esses dois momentos migratórios – o primeiro ocorrido há cerca de 60 anos,



e o segundo, entre 15 e 20 anos – determinaram várias mudanças no cotidiano das tias. Primeiro porque essa mudança para a cidade se refletiu na paisagem, expressa no trabalho, que, excetuando os afazeres domésticos, antes ficava entre a agricultura e a pecuária. Na cidade, passou a se restringir à atividade industrial, como no caso de meu pai, dos tios mais novos e da Gilda.

Outra questão do cotidiano muito significativa para a família, que é a comida, é que, pela primeira vez, eles precisavam comprar tudo o que consumiam. Ainda no Pai Bitu, eles compravam, sobretudo, os alimentos que sofriam algum tipo de transformação prévia, como o açúcar, as farinhas etc.

As famílias originárias do campo, onde a figura paterna centralizava as decisões, que foram se estabelecer na cidade, levaram consigo as relações sociais que se refletem no modo como homens e mulheres acessam os espaços doméstico e, também, os espaços que são externos à casa.

A troca de residência manifesta as outras geografias que se estabelecem na nova morada. Os percursos cotidianos, a ida às missas nos domingos, o vínculo com os vizinhos, o acesso aos meios de comunicação, só para citar alguns exemplos, transformaram as relações que as tias constituíam com a própria família. É essa construção de referências espaciais e vínculos sociais com a nova vizinhança que são os requisitos básicos de uma adaptação menos atribulada às novas realidades com que elas se defrontaram em Caxias do Sul e Canela. No entanto, o Pai Bitu, mesmo que apenas nas lembranças, permanece junto delas.

## **Quinta Pele: Ideias de Mundo**

A camada epidérmica mais externa é aquela que compreende o mundo. Nessa perspectiva, há dois pontos que gostaria de ressaltar: discutir a inserção pai-bituense no contexto da globalização e aprofundar uma concepção de mundo que inclua as histórias que as tias viveram a partir do Pai Bitu.

A globalização, que viria para promover uma homogeneidade do mundo, ajudou a reforçar e, inclusive, a criar novos contrassensos. É através de uma

demanda internacional – o mercado de celulose, papel e madeira – que se criaram alguns dos conflitos que se manifestam na paisagem do Pai Bitu nos dias de hoje.

A chegada dessa monocultura é o marco para o princípio da inserção da localidade no modo de produção capitalista sob a lógica da globalização. Apesar de já haver o cultivo de maçãs, aliado a um centro de armazenamento e distribuição da produção desde o início dos anos 1990, as macieiras não tiveram a mesma eficácia na reorganização do espaço que a silvicultura. Afinal, a fruticultura tem uma perspectiva de abastecimento mais do mercado interno, o que nem sempre acontece com o pínus.

Essa lógica de produção, que atende a uma racionalidade urbano-capitalista, busca acelerar os ganhos com a terra, não se restringindo apenas à sua posse, como acontecia na época de meu avô. O caso do Pai Bitu é apenas mais um exemplo de espaço rural que se ajusta a partir da produção de *commodities*. As empresas que lá se instalaram, com a intenção de plantar o pínus, nunca tiveram a preocupação, como era de se esperar, em proporcionar um projeto que alavancasse o desenvolvimento da região como um todo.

A geógrafa Carla Hirt (2009) ressalta que a expansão do plantio de espécies exóticas com finalidade industrial se deu a partir de 1992, com a proibição do corte de árvores nativas. Como havia muitas indústrias moveleiras nas cidades próximas, sobretudo Gramado, Canela e Bento Gonçalves, a madeira se fez necessária.

A partir de uma iniciativa do governo do Estado, assim, no final dos anos 1990, criou-se o polo moveleiro do Rio Grande do Sul, que gerou uma boa demanda por madeira. Além disso, como ressalta Hirt (2009), as terras de São Francisco de Paula estavam, na média, entre as mais baratas da região, principalmente porque os municípios citados anteriormente, também se desenvolveram bastante na atividade turística. Estavam aí as condições para que o pínus se difundisse na Vila Eletra e nos outros distritos serranos.

Com base nesse modo empresarial de se pensar a produção agrícola, que se dá através da realização imediata do lucro, não raro, a produção se sustenta por pouco tempo, como aconteceu com a silvicultura no Pai Bitu. Na qualidade de

*commodity*, esse cultivo não chegou a estabelecer um vínculo com a localidade. Então, as primeiras instabilidades do mercado foram suficientes para inviabilizar a produção, que acabou se deslocando para outros município que ofereceram maiores vantagens financeiras.

Eis aqui a legítima fluidez que se atribui à globalização: fluidez do capital, que anseia por se beneficiar da competição entre os lugares. Esse entendimento que muitos têm de globalização como o resultado de fluxos que permitiriam um sem-fim de interconexões é relativo e, não menos, contraditório.

Em seu livro *Pelo Espaço*, Doreen Massey reflete sobre essa questão:

Esta visão de espaço global, assim, não é tanto uma descrição de como é o mundo, mas uma imagem através da qual o mundo está sendo feito. Exatamente como no caso da modernidade, temos aqui uma poderosa geografia imaginativa. É uma imaginação muito diferente: em vez de espaço dividido e delimitado, aqui está uma visão de espaço sem barreiras e aberto. Mas ambos funcionam como imagens pelas quais o mundo é feito. Ambas são geografias imaginativas que legitimam sua própria produção (2009, p. 129).

Como ressalta a geógrafa britânica, esse discurso de espaço global como campo de possibilidades merece consideração. Temos que pensar para quem ela é possível. Certamente, os pai-bituenses nunca tiveram o mesmo acesso a tecnologias como telefones, computadores e um infinito de dispositivos que oportunizam nos comunicarmos instantaneamente com muitas pessoas, se comparados aos habitantes de uma grande cidade do mundo.

Além disso, devido à ausência de uma rede viária adequada, a circulação pela localidade ainda hoje é problemática. Mais uma vez a fluidez do discurso da globalização esbarra nas contradições que a realidade do Pai Bitu nos demonstra. A homogeneização globalizada é um delírio contemporâneo.

Ao comparar seu próprio texto, chamado *Contra o Espaço*, com a obra de Doreen Massey citada anteriormente, Tim Ingold traz uma interessante contribuição para essa discussão:

Ambos imaginamos um mundo de incessante movimento e devir, que nunca está completo, mas continuamente em construção, tecido a partir das inúmeras linhas vitais de seus múltiplos componentes humanos e não humanos enquanto costuram seus caminhos através do emaranhado de relações nas quais estão

enredados de maneira abrangente. Em um mundo assim, pessoas e coisas não tanto existem quanto acontecem, e são identificadas não por algum atributo essencial fixo estabelecido previamente ou transmitido pronto do passado, mas pelos próprios caminhos (ou trajetórias, ou histórias) pelos quais anteriormente vieram e atualmente estão indo (2015, p. 211).

O antropólogo britânico, conhecido por suas teorias que exploram a temporalidade da paisagem, apresenta uma perspectiva que desata o nó de uma concepção contemporânea de fluxo, em que está implícita uma ideia de fluxo de capitais. No discurso da globalização, mesmo quando falamos de mercadorias ou pessoas, estamos implícita ou explicitamente tratando de capital, tanto no sentido de viabilidade quanto na repercussão desses modos de circulação.

Assim, essa contínua construção de mundo, como ressalta Ingold, deixa suas marcas inscritas na paisagem. Resulta do conjunto de processos causadores da desintegração e da recomposição das rochas, da ação das águas e dos outros ciclos que, ao longo do tempo geológico, constituem o mundo como tal. Mas essa construção do mundo também responde, de forma cada vez mais imediata, às intervenções humanas nesses processos naturais e à configuração dos conflitos existentes, articulados entre pequenos grupos de pessoas e/ou sociedades.

Essa consideração nos permite fazer uma leitura do mundo através de seus processos vitais, que Ingold denomina de “mundo da vida” (2015, p. 213). Através dessa perspectiva existencial, podemos considerar o mundo como uma sucessão de trajetórias. Embora Ingold refute o espaço em seu texto, ele próprio afirma que o conceito de mundo da vida tem muitas semelhanças com as ideias sobre o espaço desenvolvidas por Massey, por que ambos têm significado tanto temporal, que compreende nossas histórias, quanto espacial, incluindo os percursos que realizamos até chegarmos aqui.

Além disso, o corpo é a essência do mundo da vida – ou mundo vivido, como preferem os geógrafos humanistas, com base na fenomenologia. Ressalta Tuan, “toda pessoa está no centro do seu mundo, e o espaço circundante é diferenciado de acordo com o esquema de seu corpo” (1983, p. 46).

Assim, se interpretamos o mundo como uma malha que recobre a superfície da Terra e define nossas histórias, chegamos a uma maneira suficientemente

geográfica de analisar essas trajetórias de vida. Considero, portanto, que os mundos das tias, sobretudo quando ainda viviam no Pai Bitu, eram bastante reduzidos, até mesmo se comparados aos mundos dos próprios irmãos. O que determinava a reduzida dimensão desses mundos era sua imobilidade e, por outro lado, uma certa autossuficiência.

O movimento restrito sempre foi uma das principais características das tias. Também era a origem de muitas de suas angústias, como se verificam nas entrevistas. O acesso às facilidades técnicas que promovem o deslocamento, de um modo geral, sempre foi a elas limitado. Esse acesso restrito as persegue desde sempre, quando ainda todas as quatro viviam no Pai Bitu e os homens tinham prioridade no uso dos cavalos. Assim, o mundo delas ficavam abreviados aos arredores da casa.

Além da questão financeira, que é um fator restritivo da mobilidade de qualquer um de nós, ainda hoje as tias necessitam do auxílio – e da boa vontade – dos outros para conseguirem ir aonde gostariam. Está certo que agora há como elas tomarem um ônibus e virem a Canoas visitar minha família, por exemplo. Até mesmo esse gesto de desprendimento, no entanto, depende de um auxílio logístico, como buscá-las na rodoviária, ajudá-las a carregar as malas e vários outros pequenos percalços pelos quais temos que passar quando viajamos.

Por outro lado, quando as tias foram obrigadas a se mudar, seus mundos foram se descomprimindo, na medida em que a eles agregavam uma variedade de novos lugares. Nesse sentido, cada mundo pode ser compreendido como a interconexão dos vários lugares que temos acesso ao longo da vida.

A estreita associação entre os conceitos de mundo e de lugar é bastante discutida na Geografia Humanística. Para Tuan (1983), todos os lugares são pequenos mundos que estão interconectados pelas redes constituídas através das relações humanas. O geógrafo sino-estadunidense traz à tona uma questão importante. Mesmo o interpretando como algo particular, o mundo se abastece do contato com outros mundos particulares.

Então, quando a Aura se mudou, por exemplo, ela acabou incorporando parte do mundo da filha, na medida em que passou a acompanhá-la em muitos de

seus percursos cotidianos, o que fez com essa tia expandisse seus caminhos. Como consequência disso, agregou novos lugares ao seu próprio mundo.

Esse ponto de vista estabelece uma intimidade entre lugar e mundo. Nesse sentido, Massey destaca o papel das relações sociais que promovem as condições necessárias para a produção do lugar:

O que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular (2000, p. 184).

Essa ideia de entrelaçamentos, inclusive, é o elo que une o lugar ao mundo. Apresenta tanto um quanto o outro como particulares, em que nossas concepções “de eu” e “de mundo” são inseparáveis. É claro que as necessidades de alguém que mora no Pai Bitu são semelhantes a muitos que vivem na zona rural de outro município qualquer do Rio Grande do Sul. No entanto, semelhante não é o mesmo que idêntica, na medida em que o lugar é produzido por meio de um conjunto de circunstâncias que o tornam único. Cada um de nós, portanto, tem seu próprio mundo, estabelecido através dos lugares que colecionamos, dos caminhos que percorremo durante nossa existência.

Além disso, Massey defende o lugar em oposição a uma ideia que o reduz a apenas uma forma geométrica. Segundo ela:

Assim, em vez de pensar os lugares, como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-lo como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local (2000, p. 184).

Essa perspectiva, que o pensa como uma rede de experiências e influências sociais, apresenta o lugar quase como um sinônimo de mundo. A distinção que se faz de ambos os conceitos, no entanto, é que o lugar ficaria restrito ao fragmento espacial em que nos reconhecemos e sobre o qual percebemos nossas ações. O mundo, por outro lado, estaria mais para o horizonte de nossas ações. A

dimensão, a partir de nossa rede de vínculos sociais, até onde nossa presença alcança sua influência.

Doreen Massey vai mais além na reflexão sobre o lugar:

(...) Se os lugares podem ser conceituados em termos de interações sociais que agrupam, então, essas interações em si mesmas não são inertes, congeladas no tempo: elas são processos. (...) Talvez isso se deva dizer também dos lugares: que eles também são processos (MASSEY, 2000, p. 184).

Assim, a constituição do lugar se dá a partir dos processos ao longo do tempo e através do espaço. O Pai Bitu é, portanto, o produto de uma sucessão de inúmeras histórias espaciais. Essas histórias são as narrativas inscritas na paisagem pai-bituense, que, através de suas marcas, assinalam a existência de Almiras, Armis, Auras e Gildas e de tantos outros moradores que contribuíram ou ainda contribuem para que o Pai Bitu seja o lugar que observamos hoje.

## **Considerações sobre uma Geografia Oral do Pai Bitu**

O que ficou evidente para mim, na elaboração deste trabalho, foi o quanto a interação através do diálogo com outras pessoas pode ser enriquecedora. Ainda mais para as pessoas velhas, como minhas tias, que muitas vezes se sentem deixadas de lado pelo restante da família e pela sociedade em geral.

Não pretendia tratar, além disso, um material tão rico de experiências – e também de emoções – como um mero “dado” a ser analisado. Não apenas por serem minhas tias, mas as pessoas que colaboram para a realização de uma pesquisa, que aceitam compartilhar experiências vividas em benefício do desenvolvimento das ciências, merecem a total consideração. Nunca me agradou a ideia de pinçar uma que outra frase de várias páginas de transcrições de entrevistas, porque ao descontextualizar uma fala, estamos a mutilando. Perdemos, assim, a essência daquilo que foi dito.

Com a Geografia Oral, consegui encontrar a forma de equacionar as entrevistas que realizei com o restante do trabalho. Através desses diálogos, muitos detalhes nem percebidos por mim, ganharam importância, sublinhando

que o que aconteceu no Pai Bitu, assim como em outros lugares e com outras pessoas, tem uma importância espacial, a ser estudada por nós que fazemos Geografia hoje em dia.

Além disso, o pínus, que era a razão da escolha deste tema, ao longo de seu processo de elaboração foi perdendo a força, porque esse interesse era muito mais meu do que das tias. Elas o veem apenas como algo estranho ao Pai Bitu, sem maiores implicações em suas trajetórias. Naturalmente, o trabalho foi sendo conduzido por elas, por meio das entrevistas que realizamos.

Esse foi o principal motivo que me fez deixar de lado as questões mais econômicas, em detrimento a uma perspectiva de dimensões humanísticas, que privilegiou as experiências de vida das tias, dando espaço para que elas escolhessem o que contar, quais seriam as passagens de suas vidas que mereciam ficar registradas neste trabalho.

Ficou mais claro para mim que a paisagem não é uma dimensão apenas visual. Ela é, também, o invisível que está lá, mas não vemos. Tudo que não enxergamos, porém, de alguma forma, conseguimos sentir. Se a visão é o sentido que assume o comando e baliza a paisagem, sobretudo num mundo visual como o de hoje, o segredo da paisagem está muito além de nossos olhos.

Nesse sentido, essa árvore exótica é uma marca significativa, porque é o elemento que mais se destaca ao observador ao chegar ao Pai Bitu. Mas ele também é uma matriz, já que cada um que contempla suas plantações, o faz de acordo com seu ponto de vista. Minhas tias não gostam de observar o elioté, porque elas têm a noção do que perderam o horizonte com ele. A perda do horizonte foi radicalizada por essa monocultura. Ver ao longe pode parecer banal, mas para quem vive no campo, o horizonte diz muito. É lá que se verifica quem se aproxima, a previsão do tempo, o gado no pasto e muito mais.

Essa minha ideia inicial de que o pínus tomou o lugar do gado é um pouco de reprodução do senso comum, porque a monocultura foi mais uma tentativa de encontrar uma saída para algo que não ia bem. A competição entre eles pode ser questionada, porque a silvicultura só entrou no Pai Bitu em razão da falência da pecuária leiteira.





**Figura 16:** Disputa por espaço entre o pínus e a criação de gado.  
Fonte: GONÇALVES, 2015.

Associada a essa razão econômica maior, as questões de gênero também facilitaram esse processo. Como contou a Almira, quando o pai dela ainda administrava a fazenda, no auge da produção, eles possuíam mais de 30 vacas leiteiras. A morte de meu avô foi um dos fatores que contribuiu para a derrocada dessa atividade familiar no Pai Bitu, porque meu pai e tios não tiveram habilidade de tocar em frente o negócio da família e não era atribuição das mulheres esse tipo de responsabilidade.

Aliás, qual seria o segredo do elioté? Questionei-me muitas vezes sobre o porquê de plantarem o elioté e não outro tipo de árvore. Por que não árvores nativas, por exemplo? A economia responde a essa questão. Mas essa resposta não está apenas no Pai Bitu. Fica melhor de respondê-la depois de conferir a cotação do papel ou da celulose na bolsa de valores, ou fazendo uma pesquisa de preço da madeira campeã de venda na madeireira mais próxima.

A demanda de madeira pode vir de Gramado ou Bento Gonçalves, por exemplo, onde está localizado o polo moveleiro do Rio Grande do Sul. Por outro lado, é possível que venha de outro estado. Até mesmo de fora do Brasil, a partir do comércio da pasta de celulose no mercado internacional.

É evidente que a silvicultura causou muitos conflitos em toda região. O uso da terra para esse fim, por exemplo, revela o (não) vínculo criado entre as empresas que promoveram o cultivo e a localidade. Às primeiras adversidades apresentadas pelo mercado, já se tornou inviável toda uma produção. Tanto que centenas de hectares de eliotés foram abandonados, há procura de alguém para a exploração da madeira. Cada árvore daquelas simboliza as estratégias do capital, que acaba se deslocando para o lugar que oferece maiores vantagens financeiras. Quanto mais certeiras e mais rápidas esses benefícios, melhor. Temos aqui a verdadeira fluidez que se verifica na globalização: a fluidez do capital.

Aliás, um dos motivos por que o pínus não vingou, é justamente, a falta de fluidez. Desde quando as tias eram jovens, qualquer chuva mais prolongada impedia a circulação de veículos na localidade. Ainda hoje, houve grandes mudanças para sanar essa dificuldade. As estradas, que deveriam ser entendidas como as portas de entrada e saída de pessoas e mercadorias, facilitando o fluxo,

podem ser traduzidas como as barreiras do acesso ao Pai Bitu.

A silvicultura, no entanto, é a consequência de muitos outros conflitos. É apenas a ponta do *iceberg* de complexas relações socioespaciais que lá se observam. A Gilda, há muito, não possui mais terras para aquelas bandas. As que a Armi e a Almira tinham, já estão de herança de filhos e netos. Aquela que ainda mantém sua fazenda é a Aura que, como ele mesma disse, foi a única que resistiu à tentação do elioté na vizinhança.

A maioria dos vizinhos que se aventuraram no negócio são os proprietários de terra, ou já seus herdeiros, que hoje vivem na cidade. Eles arrendaram suas terras para as empresas, que prometiam uma alta lucratividade com o cultivo. Além disso, havia uma necessidade de diversificação da produção, em que esse investimento foi visto como a criação de uma poupança para o futuro.

A diminuição das áreas de criação de gado, também, contribuiriam para amenizar um outro problema comum na região, que é o abigeato. Afinal, é muito mais difícil serrar o tronco de um elioté, cercado por vários outros eliotés, do que roubar uma rês, que pode ser transportada ainda viva em qualquer caminhonete, sem deixar rastros do crime.

Poderia incorrer aqui num discurso preservacionista, condenando aqueles que plantaram o pínus. Em vez disso, prefiro refletir sobre quais eram as opções que tinham, em alternativa a esse plantio, já que a pecuária ia de mal a pior. Quando se anunciou, o elioté foi vendido como o “ouro verde”, a chance que o gado, o leite ou o queijo nunca deram para as pessoas mudarem suas vidas para melhor. Como não exige os cuidados diários, como o gado, seria uma grande vantagem para uma população já envelhecida como os pai-bituenses.

Aliás, o estudo faz com que os mais novos da família logo migrem para as cidades mais próximas. Para se ter ideia, há uma escola estadual e outra municipal em todo o distrito de Vila Eletra, onde está localizado o Pai Bitu. No entanto, essas escolas possuem apenas os anos iniciais do ensino fundamental, o que obriga os pai-bituenses a migrarem desde muito cedo, caso queiram continuar os estudos. O destino principal é Canela, que tem mais oportunidades, se comparada com São Francisco de Paula.

Os mais velhos, que necessitam do auxílio dos filhos para seguirem a vida, de um modo geral, também acabam indo embora. A distância de hospitais e dos filhos, aliada à dureza do trabalho diário faz com muitos deles sejam obrigados a se mudarem. Várias dessas pessoas, como a Almira, por exemplo, têm o sonho de voltar a viver no Pai Bitu.

O que falta para que ela realize são condições, como: melhoramento das estradas, a construção de escolas, uma preocupação com a capacitação técnica dos agricultores, o incentivo, até mesmo com subsídios fiscais, que promovam a agricultura familiar no desenvolvimento do potencial de criação de gado e produção de leite e queijo da região entre outras..

Aliás, como os pai-bituenses já tinham a prática da exploração da madeira, vide o caso de meu avô, achava-se que o negócio do elioite seria lucro certo. Porém, esses modos de exploração, na essência, são completamente diferentes. A primeira diferença a ser apontada é que, como a araucária vive em meio à mata entre vários outros espécimes de árvores, sua extração interfere muito menos na paisagem. É claro que essa atividade deveria ter sido regulada desde há muito, para que não chegássemos ao ponto de risco de extinção, como a encontramos hoje. Mas também devemos pensar em como evitar a extinção de uma comunidade, com os hábitos, valores e histórias que as constituem.

O elioite interferiu na paisagem de tal forma que isso teve grande repercussão na população. Principalmente, porque a paisagem configura-se em elemento imprescindível na constituição de memórias. O esquecimento de um grupo, portanto, também acontece através da transfiguração de seus espaços, porque é assim que se apaga sua presença. Está aqui uma justificativa que associa a paisagem à memória, que a torna uma memória espacial.

Recordar é uma das principais formas de perpetuação da existência. E essas recordações não se dão de forma isolada. Para se transmitir sua herança, elas precisam ser contadas e recontadas. Nossa memória cria de tal forma emaranhada da memória daqueles com quem convivemos que, muitas vezes, não conseguimos identificar os limites de uma e outra.

Diferente da História ou da Geografia, que se baseiam nos documentos

escritos, a memória é, sobretudo, oral. Constitui-se, portanto, de modo fugaz. Necessita da proximidade entre as pessoas para ser difundida. É o convívio com os vizinhos que faz com que as histórias do Pai Bitu se propaguem e, até mesmo, se criem. Esse era uma das razões por que a rede de vínculos entre a vizinhança se estabelecia: para saber das novidades.

Além disso, as impressões que eu tenho do Pai Bitu não são apenas minhas. Levei em consideração, principalmente, o que as tias me disseram. Mas também trouxe comigo as impressões de minha mãe, dos meus irmãos, dos primos e tios e de outros com quem convivo ou já convivi. Minhas opiniões e, por conseguinte, minhas lembranças continuam sendo modeladas por muitas pessoas com quem mantenho contato direta ou indiretamente.

Desde o princípio do trabalho, eu gostaria de entender como as tias interpretavam as transformações na paisagem do Pai Bitu. Só mesmo perguntando a elas para saber. Embora possam parecer, as entrevistas que deram certo, a segunda com a Gilda e aquela que realizei com a Almira, não foram meras conversas informais. Basearam-se no contato direto, no diálogo franco. Eu nunca havia conversado dessa forma com nenhuma delas.

O que mais me impressionou foi a sinceridade e o compromisso que elas assumiram de me ajudar a escrever suas próprias histórias. Nunca imaginei que a Almira diria o que disse, como o hábito de ir ao cemitério para “ver os homens”, por exemplo. Muito menos, achei que causaria tamanha emoção nas tias. Tanto que, nas duas entrevistas, tive de dar um tempo para que elas respirassem, para controlar os nervos que se encontravam “à flor da pele”.

Esse, inclusive, é o grande trunfo da oralidade: compartilhar experiências. A partir de seus recursos teórico-metodológicos, pessoas, que passavam despercebidas no nosso dia a dia são reveladas. Ser ouvido é tão importante, que faz com que a Gilda ou a Almira embarguem a voz ao contar suas próprias histórias. O principal desafio das humanidades, a meu ver, é ir ao encontro das pessoas e não apenas de coisas ou instituições.

Nesse contexto, a Geografia Oral é uma possibilidade para dar voz aos que nunca a tiveram. Esse procedimento metodológico procura trazer ao presente as

contradições do espaço das narrativas pessoais a partir do fluxo narrativo provocado pela memória em colaboração. Diferente da História Oral, aquela se preocupa com as relações espaciais provocadas pelas experiências de vida.

A técnica que confere autenticidade e que valoriza os sujeitos se chama transcrição. Esse artifício consiste na anulação da voz do pesquisador, através da retirada das perguntas do diálogo e da textualização da narrativa, tem a finalidade de ressaltar quem conta a história.

Outra particularidade da presente dissertação, foi a perspectiva de trabalhar com distintas escalas. Por meio da proposta das 5 peles de Hundertwasser, foi possível articular as experiências vividas em níveis que auxiliaram para que a análise das entrevistas fluísse de uma maneira que parecesse mais natural. É evidente, no entanto, que essa separação em camadas foi uma estratégia que teve a finalidade de proporcionar uma organização que facilite a compreensão das narrativas. Na prática, as coisas são bem mais complexas do que como foram apresentadas aqui.

As ideias de Hundertwasser, que colocam seu trabalho a serviço do ser humano, têm muitas semelhanças com minha concepção para o Pai Bitu. Por meio dessas propostas humanistas e anti-racionalistas, que procuram estabelecer uma relação mais saudável com o mundo e promover um compromisso ético com a paisagem e os costumes de um grupo social, assim como apregoava o artista vienense, que esta pesquisa foi concebida.

Aliás, esse entendimento orgânico do Pai Bitu, em que as partes se influenciam umas às outras, traz uma complexidade para a proposta que me surpreendeu positivamente. Foi graças à obra de um artista como Hundertwasser que consegui desenvolver e, conseqüentemente, aprimorar o meu fazer geográfico.

Com relação às peles, suas comparações ressaltaram o quanto a primeira delas, ou seja, sofre com a intervenção das outras. O corpo, por esse ângulo, é o sustentáculo sobre o qual todas as outras camadas epidérmicas depositam sua ação. Cada um de nós seria como o Atlas da mitologia grega, condenado a carregar (noss)o mundo nas costas.

O frio é mais um componente a molestar os corpos dos pai-bituenses.

Sempre citado como a maior dificuldade da vida no campo, o frio também é um dos elementos que os constituem. As roupas feitas da lã de ovelha, fiada artesanalmente na roca, fazem parte da identidade que a Almira e as irmãs levam consigo. Perdida entre as casas do Pai Bitu, a máquina de fiar que ela procura simboliza a tentativa de reviver as lembranças às quais ela está associada. Antes de uma memória de família, o maquinário é uma memória das mulheres da família e, também, da condição feminina, ou seja, do papel que as mulheres exercem no seio familiar.

Outra importância do corpo está na sua intimidade com o trabalho. Nossos corpos são consideravelmente definidos pelas atividades cotidianas que exercemos. Para os camponeses, por exemplo, as mãos, os pés e as costas são, de um modo geral, as partes que mais sofrem em razão do trabalho. Mão e pés são as responsáveis pelo contato com o solo. Dessa interação, surgem os mais variadas marcas, como calos, rachaduras, rugas etc. As costas, devido à má postura ao lavrar o solo, também sofrem certo desgaste.

As marcas que levamos conosco, inclusive, são responsáveis pelas tantas implicações que nos agoniavam durante a vida. Muitas de nossas feridas físicas, de tão profundas, convertem-se também em feridas psicológicas, que são identificadas, muitas vezes, por gestos, pela voz embargada, pela pausa abrupta, ou seja, pelo não-dito. Porque a dificuldade de falar sobre um assunto é, de um modo geral, um reflexo das barreiras que criamos para resistir às angústias.

Não somente nossos corpos, como também nosso tempo é decisivamente influenciado pelo trabalho. Esse define de tal forma nossos ritmos de vida, que nos obrigamos a dividir as outras tarefas diárias, e a adaptar nossos horários, ao que ele determina. No Pai Bitu de outrora, quando o tempo era controlado apenas pelas sombras produzidas do movimento solar, o trabalho começava desde antes que esse nascesse. De certa forma, o Sol era uma importante ferramenta de trabalho, a estrela que guiava o caminho da casa para a lavoura e vice-versa.

Os significados concedidos a nossos atributos corporais resultam, também, nas posições que cada um de nós ocupa na sociedade. A família ganha mais importância do que já tem, na medida em que essa está na essência de nossas

relações sociais. O modelo familiar serve como um retrato que traduz a sociedade no qual esse grupo está inserido. Nesse sentido, o homem acumulava as funções da administração e distribuição dos trabalhos diários. Ele era o centro de comando do grupo familiar. Quando meu avô, sentado do galpão, dava as ordens aos filhos, ela estava exercendo suas prerrogativas de chefe da família.

O galpão, aliás, tinha um papel de destaque no espaço doméstico dessas famílias. Pode ser considerado uma extensão das casas pai-bituenses. Também é uma fase de transição de quem chega, o primeiro acesso dessas casas. Além disso, é onde se encontram as ferramentas utilizadas nas tarefas diárias. Por esse motivo, o galpão se localiza estrategicamente entre a casa e a lavoura, sendo uma interseção entre ambos.

No galpão, também, é onde acontece a ordenha, matéria-prima para a elaboração do produto mais vendido do Pai Bitu: o queijo serrano. Até bem pouco tempo sem energia elétrica, a transformação do leite era uma forma de conservação dessa produção, tão perecível e de grande sensibilidade às variações de temperatura e às condições de transporte da época.

O queijo, além disso, confere valor agregado ao excedente de leite a ser comercializado. Esse método de produção é tão tradicional que se converteu em uma qualidade de queijo, conhecido como serrano. Além disso, constitui-se em um elemento da identidade pai-bituense, já que se refere ao modo de vida vinculado à pecuária, que ainda é uma das atividades mais rentáveis da região.

Vencido o estágio do galpão, chegamos à casa, que nos confere abrigo e proteção das agruras mundanas. Dentre todas suas peças, a cozinha recebe um destacado papel. É lá que acontece as confraternizações familiares do Pai Bitu. Onde acontece, também, um de seus principais rituais. O ato de comer é tão importante para os pai-bituenses, que é sobre a mesa que eles demonstram hospitalidade e apreço pelos visitantes.

Os afazeres domésticos, inclusive, eram de total responsabilidade das mulheres. Mais uma vez, nos defrontamos com as relações políticas que conformam o núcleo da família Gonçalves. As decisões cabiam à figura do pai; já, à mãe, competia as ações. Esse era o panorama no qual as funções sociais e o



acessos aos espaços se distribuía, de acordo com as questões de gênero observadas na localidade.

O gosto que as tias apresentavam por se locomover, provinha da necessidade de vencer as distâncias que as aprisionava aos arredores da casa. O encantamento pelas luzes da cidade derivava do desejo de descobrir as novidades urbanas. Essa descoberta esbarrava nos inconvenientes das estradas esburacadas da região, que ainda hoje tornam as distâncias implacáveis. Isso explica porque um trajeto que corresponde a aproximados 50km até Três Coroas durava, entre idas e vindas, quatro dias de viagem de carreta.

Devemos ter o cuidado, no entanto, de não cair na cilada da idealização do passado e de deslumbramento com tudo que há nos espaços urbanos, que se dá tanto na supervalorização das tradições quanto na representação do atraso do campo. O moderno – enaltecido a partir do progresso propiciado pelo acesso às novas tecnologias – é traduzido como o reflexo da racionalidade urbana, na busca incessante da civilidade, que apenas uma certa “urbanidade” nos proporcionaria.

Sobre a questão das idas, houve dois momentos migratórios que caracterizaram as histórias das tias. Embora ocorridas com um intervalo de 40 anos entre uma e outra, essas despedidas tiveram razões similares: a perda do chefe da família. Quando meu avô se foi, acabou deixando para a esposa uma fazenda e muitos filhos para administrar. Como não teve condições de desempenhar as duas tarefas herdadas, ela resolveu arrendar o campo e ir embora para a cidade. Já, o segundo momento aconteceu quando as próprias tias perderam os maridos. Então, os filhos resolveram levá-las para morar com eles, com a intenção de dar a atenção necessária para essas senhoras, que já apresentavam uma idade avançada.

Essas migrações, inclusive, alteraram as concepções de mundo das tias. O mundo aqui é apresentado como uma malha que reveste a superfície terrestre e demarca nossa presença. Com base no conceito de Tim Ingold, portanto, podemos considerar que o mundo da vida das tias era limitado aos espaços domésticos do qual elas comumente participavam. A partir do momento que elas mudam de casa, essas mudanças trazem consequências diretas em seus mundos da vida, já

que outros percursos cotidianos proporcionam a elas uma ampliação de horizontes. Os mundos da vida delas, portanto, dilatam-se, quer dizer, tornam-se mais extensos do que eram anteriormente.

O plantio de eliot, por sua vez, inseriu a localidade na economia globalizada. Esse fato fez com que seus moradores entrassem em contato com o modo de produção capitalista, que contribuiu para as mudanças do Pai Bitu. No entanto, essas não foram as primeiras, sequer serão as últimas transformações que lá ocorrerão. Essa transfiguração, que atinge a paisagem, tem repercussão direta nas memórias dos moradores da localidade e, como consequência disso, em suas identidades. Paisagem e memória, portanto, fundamentam a produção das identidades dos sujeitos. Quando há iniciativas que abalem um das partes desse binômio, temos instaurado um conflito que desestabiliza a estrutura identitária que constitui um grupo como tal.

No caso das minhas tias – assim como as opressões de gênero, a velhice, a solidão, as marcas físicas ou psicológicas –, a transfiguração da paisagem é apenas mais um dos infortúnios que as aflige. Este trabalho, portanto, foi o modo que encontrei de saudar essas heroínas do cotidiano. Mulheres que, acima de tudo, resistem.

Assim, finalizo este trabalho com um poema, que tem o intuito de apresentar uma síntese do que julguei mais significativo em sua concepção:

## **Memórias**

Minhas botas

São tudo o que tenho

Através de seu couro,

Que é uma extensão

Da minha própria pele,

Estendo minha ação

Elas abrigam meus pés

Seu contorno é proteção

Para o ardor dos dias

Às gélidas madrugadas  
Os rastros que deixo  
Me denunciam  
Dizem de onde venho  
E apontam para onde me dirijo  
Mas meu caminho  
Não é apenas um caminho  
Está mais para um encontro  
Um emaranhado de muitas trilhas  
Onde cada grão de poeira  
Que adere aos meus solados  
Guarda uma lembrança  
São fragmentos que me constituem  
E que conformam meu legado.

## Referências

- ALMEIDA, J. A. Fatores Abióticos. In: BOLDRINI, I. I. **Biodiversidade dos Campos do Planalto das Araucárias**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009, pp. 19-38.
- ASSMANN, A. **Espaço da Recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP: 2011.
- AZEVEDO, A. F. (orgs.). **Geografias do Corpo: Ensaio de Geografia Cultural**. Porto: Figueirinhas, 2009.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. - 2.<sup>a</sup> ed. - São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORREA, R. L., ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.
- BESSE, J. M. **O Gosto do Mundo: Exercícios de Paisagem**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2014.
- BOLDRINI, I. I. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Biodiversidade dos Campos do Planalto das Araucárias**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009, pp. 7-12.
- BORGES, J. L. **Obras Completas**. – 17.<sup>a</sup> ed. – Buenos Aires: Emecé, 1974.
- \_\_\_\_\_. J. L. Funes, o Memorioso. In: \_\_\_\_\_. **Ficções**. São Paulo: Controljornal, 2000, pp. 73-80.
- \_\_\_\_\_. Tlön, Uqbar, Orbi Tertius. In: \_\_\_\_\_. **Ficções**. São Paulo: GloboControljornal, 2000, pp. 9-25.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. – 17.<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOURDIEU, P. (org.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- BRECHT, B. **A Vida de Galileu**. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1977.
- CALDAS, A. L. **Oralidade, Texto e História: Para Ler a História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Calama: Uma Comunidade no Rio Madeira**. Tese em Geografia, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo: 2000.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Experiência: História Oral e Geografia Humana.** Revista Eletrônica Zona de Impacto, Vol. 8, Ano VIII, 2006. Disponível em: <<http://www.albertolinscaldas.unir.br/espacoexperiencia.htm>> Acessado em: 20 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Geografia Oral. **Oralidades: Revista de História Oral.** Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – ano 5, n.º 10 – São Paulo: NEHO, jul/dez 2011, pp. 173-186. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/>. Acesso em: 03 abr 2016.

CASTRO, I. E. O Problema da Escala. In: \_\_\_\_\_.; GOMES, P. C. C; CORREA, R. L. (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas.** – 2.<sup>a</sup> ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. pp. 117-140.

CERTEAU, M.; GIARD, L. Espaços Privados. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano 2: Morar, Cozinhar.** - 12.<sup>a</sup> ed. - Petrópolis/RJ: Vozes, 2013, pp. 203-207.

CHAUÍ, M. Janela da Alma, Espelho do Mundo. In: NOVAES, Adauto et al. **O Olhar.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

CLAVAL, P. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CORTÁZAR, J. **Obra Crítica:** Volume Um. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, pp. 92-123.

DORFMAN, A. **Contrabandistas na Fronteira Gaúcha: Escalas Geográficas e Representações Textuais.** 360 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis: UFSC, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Míni Aurélio:** O Dicionário da Língua Portuguesa. - 8.<sup>a</sup> ed. - Curitiba: Ed. Positivo, 2010.

FONTOURA, L. F. M. A Produção Social do Espaço Agrário. In: VERDUM, R. BASSO, L. A. SUERTEGARAY D. M. A. (orgs.). **Rio Grande do Sul: Paisagens e Territórios em Transformação.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Campo, Cidade e a Natureza Recriada na Artificialidade Urbana.** Boletim Gaúcho De Geografia, n.º 36, maio de 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** História do Nascimento das Prisões. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Ditos & Escritos I – A Problematização do Sujeito:** Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. pp. 190-198.

- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. – 1.<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GIARD, L. O Prato do Dia. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano 2: Morar, Cozinhar**. - 12.<sup>a</sup> ed. - Petrópolis/RS: Vozes, 2013.
- GOELLNER, S. V. A Produção Cultural do Corpo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação**. - 9.<sup>a</sup> ed. - Petrópolis/RS: Vozes, 2013, pp. 30-42.
- GUSMÃO, D. I. **Entre Mundos: História Oral com Soldados da Borracha**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia: Porto Velho, 2008.
- HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z., CORRÊA, R. L. A. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. pp. 169-190.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- IBGE, Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em dezembro de 2014.
- INGOLD, T. **Estar Vivo: Ensaios sobre Movimento, Conhecimento e Descrição**. Petrópolis/RS: Vozes, 2015. (Coleção Antropologia).
- JACKSON, J. B. **A la Découverte du Paysage Vernaculaire**. Arles/Versailles: Actes Sud/ENSP, 2003.
- KLICZKOWSKI, M. S. **Friedensreich Hundertwasser**. Lisboa: Dinalivro, 2004.
- LACOSTE, Y. **A Geografia, Isso Serve Antes de Mais Nada para se Fazer a Guerra**. São Paulo: Papirus, 1976.
- LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História, São Paulo, PUC-SP, n. 17, nov. 1998, pp. 28-46.
- MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e Escrita**. — 1.<sup>a</sup> ed. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARQUES, M. I. M. **O Conceito de Espaço Rural em Questão**. Terra Livre, São Paulo, ano 18, n.º 19, julho a dezembro de 2002.
- MASSEY, D. **Space-Time, 'Science' and the Relationship between Physical Geography and Human Geography**. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 24, n. 3, pp. 261-276, set. 1999.
- \_\_\_\_\_. **Pelo Espaço: uma nova política para a espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MEIHY, J. C. S. B. **Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida**. São Paulo: Editora

Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. **Manual de História Oral.** – 4.<sup>a</sup> ed. - São Paulo: Editora Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. RIBEIRO, S. L. S. **Guia Prático de História Oral:** Para Empresas, Universidades, Comunidades e Famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito** (seguido de A Linguagem Indireta e As Vozes do Silêncio e A Dúvida de Cézanne). São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MONTEIRO, C. A. F. **O Mapa e a Trama.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Cabeça Bem-Feita:** Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento. - 8.<sup>a</sup> ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PESSÔA, V. L. S. Geografia e Pesquisa Qualitativa: Um Olhar Sobre o Processo Investigativo. **Geo UERJ** - Ano 14, n.º 23, v. 1, 1.º semestre de 2012, pp. 4-18. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj>. Acesso em: 08 jul 2016.

PINHEIRO, Z. C. S. **Migração dos Sentidos.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia: Porto Velho, 2008.

POSSENTI, S. **Os Limites do Discurso.** 2.<sup>a</sup> ed. Curitiba: Criar, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, **Plano Ambiental Municipal.** São Francisco de Paula/RS, 2008.

REGO, N. Geração de Ambiências: Três Conceitos Articuladores. **Revista Educação,** Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/6780/4946>> Acessado em: 25 fev. 2016.

RESTANY, P. **O Poder da Arte:** Hundertwasser, o Pintor-Rei das Cinco Peles. Lisboa: Taschen, 2002.

ROSAS, C. A. R. F. **As Interfaces da Relação Rural – Urbano no Brasil:** Notas para Debate. Revista Terra Plural, Ponta Grossa, v.8, n.º1, jan/jun. 2014.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Por Uma Outra Globalização:** Do Pensamento Único à Consciência Universal. - 11.<sup>a</sup> ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção – 4.<sup>a</sup> ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, N. **Seringueiros da Amazônia:** Sobreviventes da Fartura. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da

Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

SANTOS, S. C. **Experiência e Lugar: Geografia Oral com Judeus**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia: Porto Velho, 2012.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a Cegueira**. Companhia das Letras: Porto Alegre, 2016.

SARTRE, J. P. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SAUER, C. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1998. pp. 12-74.

SOMMER, J. A. P. **As Mudanças da Paisagem dos Campos de Cima da Serra: Estratégias da Diversificação Econômica de São José dos Ausentes**. 201 f. Tese (Doutorado). IGEO/UFRGS: Porto Alegre, 2013.

SOUZA, M. C. P. **A Palavra e o Lugar da Cura**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia: Porto Velho, 2008.

SOUZA, M. L. O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento. In: CASTRO, I.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, pp. 77-116.

SUZUKI, J. C. Histórias Oraís: Relato de Experiências em Pesquisas Geográficas. **Oralidades: Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – ano 5, n.º 10 – São Paulo: NEHO, jul/dez 2011, pp. 53-73. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/>. Acesso em: 03 abr 2016.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa: Estudando como as Coisas Funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

TEIXEIRA, M. L. S. **São Francisco de Paula: Nossa Terra, Nossa Gente**. Porto Alegre: Evangraf, 2002.

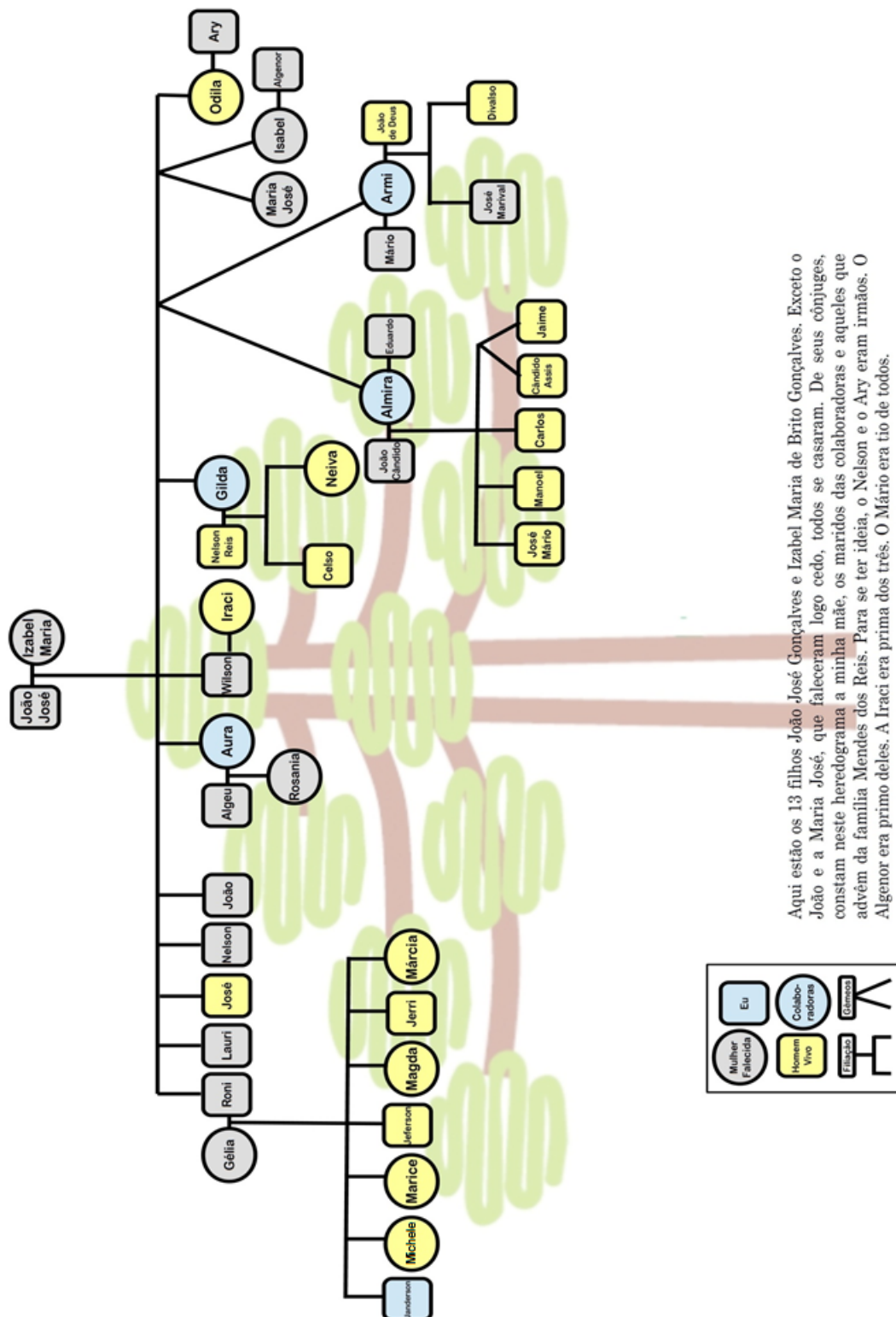
TUAN, Y. F. **Topofilia: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

YÁZIGI, E. **A Alma do Lugar**. São Paulo: Contexto, 2001.



## Anexos



Aqui estão os 13 filhos João José Gonçalves e Izabel Maria de Brito Gonçalves. Exceto o João e a Maria José, que faleceram logo cedo, todos se casaram. De seus cônjuges, constam neste heredograma a minha mãe, os maridos das colaboradoras e aqueles que advêm da família Mendes dos Reis. Para se ter ideia, o Nelson e o Ary eram irmãos. O Algenor era primo deles. A Iraci era prima dos três. O Mário era tio de todos.

**Figura 17:** Heredograma da família Gonçalves.

Fonte: GONÇALVES, 2016.

## **Roteiro de Entrevista**

Diga seu nome, onde e quando você nasceu.

Morou no Pai Bitu até que idade?

Você teve quantos irmãos?

Onde você estudou?

Onde ia para consultar médicos?

Onde ia para atividades religiosas?

Frequentava que tipos de festas?

Onde fazia compras?

De que vocês se alimentavam?

Como se chamavam seus pais? Como era a relação entre eles, de que você mais lembra deles e qual o papel de cada um dentro de casa?

Como se chamava seu marido?

Você teve filhos? Quantos? Onde eles nasceram e estudaram?

Você trabalha ou trabalhava fora de casa? Por quê? Onde?

Como era a casa? Você se mudou muitas vezes? Por quê?

Qual era o seu papel na divisão das tarefas de dentro de casa?

Como era seu dia?

Quem eram seus vizinhos e como era a sua relação com eles? Vocês se visitavam frequentemente?

Como eram as roupas que vocês utilizavam?

Como vocês se deslocavam campo afora naquela época, que tipo de meio de transporte utilizavam, tanto nas curtas quanto nas longas distâncias?

Para onde, de um modo geral, vocês iam? Quais eram os lugares que mais frequentavam?

Para você, o que era morar no campo e quais principais diferenças da vida na cidade?

Quando você decidiu ir embora do Pai Bitu?

Quais as razões que a motivaram procurar um outro lugar para viver?

O que você fez com as terras que tinha lá?

Quando o plantio de eucalipto e pínus chegou ao Pai Bitu? Quem iniciou esse cultivo?

Esse tipo de plantação trouxe muitas alterações para a vida das pessoas de lá?

Quais os benefícios e prejuízos às pessoas causados por esse tipo de cultivo?

Houve alguma pressão daqueles que plantam eucalipto ou pínus para adquirirem suas antigas terras?

Que modificações a paisagem Pai Bitu sofreu a partir da chegada dessa cultura?

Que modificações as pessoas do Pai Bitu experimentaram a partir da chegada dessa nova cultura?

De que você sente mais saudade de antes dessas transformações todos do Pai Bitu?

De que você sente mais saudade do Pai Bitu na sua infância ou juventude?



**Transcrição: Tia Armi**

Diga seu nome, onde e quando você nasceu.

*Maria Armi Gonçalves dos Reis. Dia 18 de janeiro de 1930.*

Nasceu aqui no Pai Bitu?

*Sim.*

E a senhora sempre morou aqui?

*Sempre.*

Nunca morou em outra cidade?

*Não, eu morei no Paraná, uns três anos. Morei em Caxias um ano e meio.*

Você teve quantos irmãos?

*Nem sei quantos... (sorriso um pouco mais descontraído, um momento de distensionamento da entrevista). É que uns morreram, né!? Morreram quando era pequeno. Doze.*

Onde você estudou?

*Em Santa Lúcia do Piaí. Três anos lá.*

Quando era pequena, onde fazia consultas médicas?

*Canela. A gente quase nem ia, mas era Canela.*

Onde ia para atividades religiosas?

*Armi: Nem tinha igreja por aqui. Eles vinham rezar a missa assim nas casa, sabe? No teu tio (do lado materno), no Mário Batista. Que era o pai dele naquele tempo, João Batista. Aura, vem cá que daí alguma coisa tu sabe também. Tu botou as coisa lá na mesa?*

*Aura: Botei.*

Frequentava que tipos de festas?

*Armi: Ih, quase nós não ia a festa, baile, né Aura? Só lá uma vez por ano quase.*

*Naquela época era uma vez por ano só.*

*Aura: É.*

Onde fazia compras?

*Armi: No Canela, né Aura?*

*Aura: No Canela, em Caxias (momento de dúvida)...*

*Armi: Caxias nem era. Era Canela.*

*(Chegam a um acordo).*

*Aura: Sim, era Canela.*

*Armi: É.*

De que vocês se alimentavam?

*Armi: O quê? Era... tem que dizer tudo?*

Não só o básico.

*Armi: Feijão, arroz, carne (ênfatisa a entonação de carne, com vários erres, e esboça um sorriso)... De 15 em 15 dia, o falecido carneava uma ovelha, né Aura?*

*Aura: É!*

Como se chamavam seus pais?

*Aura: João José Gonçalves.*

E a mãe? Como se chamava?

*Armi: Maria Izabel...*

*Aura: ... de Brito Gonçalves.*

Como era a relação entre eles? Como vocês percebiam? Como vocês lembram deles?

*Aura: Uma impressão boa.*

*(Pergunta sem sentido para elas).*

Qual o papel de cada um dentro de casa? Qual era a diferença da mãe e do pai?

Qual a diferença do homem e da mulher?

*A mulher a só trabalhava dentro de casa e o homem, só na rua. (Sorriso malandro, de quem diz: isso é óbvio, guri!).*

Como se chamava seu marido?

*Mário Ricardo dos Reis.*

E agora?

*Agora sou casada só pelo religioso, mas é João de Deus Ferreira.*

Você teve filhos? Quantos?

*Dois. José Marival dos Reis e Francisco Divalso.*

Onde eles nasceram?

*Aqui também.*

Onde eles estudaram?

*Foi lá no Paraná, Francisco Beltrão.*

Você já trabalhou fora de casa? Por quê? Onde?

*Não.*

Só na roça?

*É só aí.*

Como era a casa?

*Armi: Era simples as coisas, mas tinha tudo, né Aura?*

*Aura: É, é.*

*Armi: Naquele tempo não tinha luz, não tinha frigider, não tinha essas coisarada nada.*

Como era seu dia?

*Fazia as coisas dentro de casa. Fazia queijo. Tirava leite. Essas coisa...*

*Quem eram seus vizinhos e como era a sua relação com eles? Vocês se visitavam frequentemente?*

*Armi: Assim...*

*Aura: Eram bons. A gente se visitava seguido. Aura*

(Momento kafkiano: uma barata começa a desfilar para a câmera, em meio à entrevista, sobre a mesa da sala, onde se encontrava a câmera. Eu só a vi depois, quando assisti ao vídeo para transcriá-lo).

Como eram as roupas que vocês utilizavam?

*Aura: Vestido!*

(Gargalhadas).

*Armi: Naquele tempo era quase só vestido. Não se usava... usava bombacha só quando saía de a cavalo. Naquele tempo.*

Quem fazia essas roupas?

*Armi: Daí era costureira aqui mesmo. A falecida Vivila.*

*Aura: É.*

*Armi: A mãe do Armando Machado.*

*Aura: É.*

*Armi: Era nossa vizinha.*

Como vocês se deslocavam campo afora naquela época, que tipo de meio de transporte utilizavam, tanto nas curtas quanto nas longas distâncias?

*A cavalo.*

E tinha algum outro transporte que vocês utilizavam?

*Não, aqui não. Só assim, carreta, para ir buscar lenha no mato, essas coisa, né!?*

Para onde, de um modo geral, vocês iam? Quais eram os lugares que mais frequentavam?

*Armi: Por aqui mesmo, né, Aura?*

*Aura: Sim.*

*Armi: Nós ia no Juá.*

*Aura: É, nós ia no Canela.*

*Armi: É, no Canela.*

Nessa época que a senhora morou no Paraná, por que vocês decidira ir embora do Pai Bitu?

*Para botar os guri no colégio. Nós saímo de Caxias e fomo pra lá. Fiquemo três ano lá. Lá nós prantava. Essas coisa...*

O que vocês fizeram com as terras que tinha lá? Venderam...?

*Não. Tá hoje, como diz o outro, herança já dos neto, né, porque o José Marival já*



*morreu. O Divalso mora na outra parte.*

A senhora lembra quando o plantio de eucalipto e *pinus* chegou ao Pai Bitu?

*Armi: Ah, faz muitos anos. Faz o que, Aura?*

*Aura: Não faz tanto tempo, Armi. Se fizer é dez anos.*

*Armi: Não, faz mais. O Adelar morava aí. Só agora depois dali de fechar tudo, foi... É faz mais ou menos dez anos.*

*Aura: É, mas eu acho que faz mais de dez anos sim. Armi*

A última vez que eu tinha vindo aqui, foi no aniversário da tia Belinha e eu percebi que tinha muita plantação de *pinus*, então, o mais diferente, para mim, eram essas plantações, que mudou totalmente os campos.

*Armi e Aura: Mudou, mudou! (As duas responderam em uníssono).*

*Armi: É, isso aí sim. E ali as prantação de maciera, né.*

Mas as de macieira já eram mais antigas, não é?

*É. Essas sim.*

E o que a senhora acha deste tipo de plantação de *pinus* ou eucalipto? Alterou muito a vida das pessoas?

*Armi: Nós não achemo fundamento. Não tem saída acho quase...*

*Aura: É...*

*Armi: Estragou os campo.*

Estragou tudo os campos?

*É, o pinus estragou os campo.*

Por que a senhora acha que eles começaram a plantar *pinus* aqui? Houve alguma pressão de alguém para plantar?

*Armi: Eles achavam que ia... Disseram que ia dar muito dinheiro, essas coisas e tudo, mas não está sendo. Ninguém quer mais esses pínus.*

*Aura: Estão proibindo até, agora.*

Estão proibindo de plantar?

*E, estão proibindo...*

Qual a principal modificação que a senhora percebeu de quando começaram a plantar pínus?

*Terminou muito a criação de gado, essas coisa aí.*

A senhora sente muita saudade de antigamente?

*Eu sim.*

O que mais sente?

*É, como diz o outro, era tudo diferente... a gente foi criado tudo... era numa porção. Hoje a gente, né (riso).*

Cada dia que passa, as pessoas vão ficando mais sozinhas...

*É bem isso.*

De que você sente mais saudade do Pai Bitu na sua infância ou juventude?

*Armi: Eu acho que é... não sei... nem sei dizer o quê. O que tu acha, Aura?*

*Aura: Saudade dos pais e dois irmãos, que a gente tava sempre junto...*

*Armi: É, que a gente sempre tava jundo. E brincando...*

Obrigado, tia!

### **Transcrição: Tia Aura**

Diga o seu nome, onde e quando você nasceu?

*Eu nasci no Pai Bitu, município de São Francisco de Paula.*

E o seu nome?

*Aura Gonçalves Gil.*

E... morou no Pai Bitu até que idade?

*A vida inteira. Saí de casa aos catorze anos.*

E você teve quantos irmãos?

*Doze.*

Onde você estudou? –

*Ah... eu estudei ... tinha uma professora que vinha em casa.*

Aham...

*Estudei muito pouquinho.*

Sim...

E onde ia para consultas médicas?

*Canela.*

Onde ia para atividade religiosa?

*Lava-Pé.*

Frequentava que tipo de festas?

*Festas...? Festa de igreja, uma vez por ano...*

Aham. E onde fazia compras?

*Canela.*

E de que vocês se alimentavam? Quais principais alimentos que vocês utilizavam?

*Ah... Era... era um..., como é que eu vou poder te dizer? O alimento era bom. Era, assim vamos dizer..., tinha carne, tinha massa..., tinha verdura que plantava..*

E comia só o que plantava ou..?

*Só comprava a farinha e o arroz para sobreviver...*

O resto...?

*Para sobreviver nós plantava tudo..*

Outras coisinha que a gente comprava, né? !

*Aham.. de vez em quando...*

Como se chamavam seus pais?

*João José Gonçalves.*

E a mãe?

*Maria Isabel ... Brito Gonçalves.*

Como era a relação entre eles? De que você mais lembra deles?

*Ah, para mim tenho... tenho assim uma lembrança boa*

Como se chamava o seu marido?

*Pedro Algeu Gil...*

Você teve quantos filhos?

*Uma.*

Onde ela nasceu?

*Canela.*

E onde ela estudou?

*Caxias.*

Você trabalha ou trabalhava fora de casa?

*Não... só... só o serviço de casa.*

Que já é uma trabalhadora, né tia?!

*É uma trabalhadora! (Risos).*

E como era a casa onde a senhora morava?

*A minha casa era... uma casa...uma casa boa... assim.*

E você se mudou muitas vezes?

*Não.*

Não?

*Graças a Deus...! (Risos).*

E qual era o seu papel na divisão de tarefas dentro de casa? O que é que a senhora fazia?

*Ah...fazia tudo!*

Fazia?

*Fazia dentro de casa e na rua.*

Na rua... ajudava na roça?

*Ajudava, ajudava...*

E.. e me diz como era o seu dia a dia? O que é que a senhora..? Acordava que hora....? Ia até que hora...?

*Acordava às cinco da manhã... e ... e meio-dia dava uma sestiadinha... (risos)... e de tarde ia até as dez.*

Mas nestes intervalos de tempo o que é que a Senhora fazia?

*Ah...*

...trabalhava na roça ou no...?

*Eu costurava...*

Costurava e...?

*... lavava roupa... essas coisa.*

Como eram os seus vizinhos? Como era a relação com eles?

*Bom.*

E a Senhora frequentava a vizinhança frequentemente?

*Sim... Bah, se frequentava! (Pausa para risos). Ficava meio triste, eu saía!*

Como eram as roupas que você utilizava?

*Vestido.*

Mais vestido?

*É... A gente mesmo fazia! Tudo!*

Então era boa na costura?

*É...né?!*

Como que a senhora se deslocava campo a fora... que tipo de transporte utilizava?

*Cavalo.*

Cavalo? Tanto nas curtas como nas longas distâncias?

*Daí tinha o ônibus... aqui ...no Lava-Pé.. a gente pegava o ônibus e deixava as malas lá.*

Ia até o Lava-Pé... e pegava ônibus?

*Sim.*

Tá... e de modo geral, para onde vocês iam? Quais os lugares que frequentavam?

*Ahh... Nós passeava bastante! (Risos). Ia para Caxias, ia para praia...*

E para Senhora o que é morar no campo e quais as principais diferenças da vida na cidade?

*Ah..., a do campo é melhor!*

Melhor...?

*Só porque na cidade a gente fica mais descansado, mais..., mais...*

No campo é melhor...? E por que é que é melhor?

*Ah...porque no campo é... ahh, é mais..., mais silêncio.*

Mais calmo?

*É!*

E na cidade?

*Barulhento...*

Barulhento?

*Agora eu gosto... eu gosto de morar na cidade agora.*

Aham.

*Não queria ir, mas agora eu...*

E quando a Senhora decidiu ir embora do Pai Bitu?

*Ah, quando perdi meu marido... (Pausa). Faz catorze anos que eu moro lá.*

Aham. E o que é que a Senhora fez com as terras que tinham aqui?

*Tão ali.. Só... só onde não tem elioté, é meu! (Risos).*

E quando o plantio de eucalipto começou aqui no Pai Bitu? Quem iniciou este cultivo.. a Senhora sabe?

*Ahh... não sei.*

E quais as principais modificações na paisagem do Pai Bitu depois da chegada do... deste tipo?

*Ah, não enxerga para lado nenhum. No começo nós enxergava longe, agora é só mato.*

Aham... e de que a Senhora sente mais saudade antes do início deste plantio? Do eucalipto?

Ah...

Tem alguma coisa? Lembra de alguma coisa?

*Eu tenho saudade porque a gente enxergava longe, agora a gente só enxerga eucalipto.*

E do que é que a senhora mais sente saudade da sua infância? Ou da juventude?

*Ah... eu lembro das minhas.. dos meus colegas, dos meus pais, meus irmãos que estavam saindo junto, né?!*

Sim... Então tá, tia.

### **Transcrição: Tia Gilda**

Então tá, diga o seu nome, onde e quando você nasceu...

*Gilda Gonçalves dos Reis. Nasci no Pai Bitu, dia 25 de agosto.... agora eu não sei que ano... 38!*

38...?

*É...*

Muito bem... e a Senhora morou no Pai Bitu até que idade?

*Até os 18 anos.*

Até os 18?

*18. Depois dos 18, eu vim embora para Caxias.*

Veio embora para cá?

*Aham...*

Então, tá...

*Eu e a minha mãe e os meus quatro irmãos.*

Quatro irmãos?

*É...*

E a Senhora teve quantos irmãos?.... Ao total?

*Doze!*

Doze?

*Aham...*

E onde a Senhora estudou lá no Pai Bitu?

*Lá no Pai Bitu eu não estudei em lugar nenhum.*

Aham... e onde a Senhora fazia consulta médica lá? Tinha como?

*Em Canela.*

Em Canela?

*Em Canela...*

Tinha que ir para Canela?

*Tinha que ir para Canela e ir lá.*

E onde ia para atividade religiosa?

*Ali no Lageado Grande.... três horas a cavalo.*

E ia seguidamente? Quando?

*Três em três meses tinha missa lá.*

Ah, sim.... aí.... ia toda família junto?

*Não! Ia uns três quatro porque não tinha...*

.... não tinha cavalo suficiente para todos?

*Não tinha cavalo..não, não...*

Então, tá... frequentava que tipo de festas?

*Ah..., quando tinha festa no Lava-Pé.*

Aham..

*Então ali a gente ia.*

E onde fazia compras?

*No Canela e no Joca.*

E o que vocês compravam naquela época? O que era que mais compravam? Hoje em dia a gente compra coisas que a gente nem precisa.... o que é que vocês compravam naquela época?

*Ah..., comprava negócio.... que nem... farinha de trigo, farinha de milho, arroz e*



*açúcar. O resto tinha na... na lavoura.*

Ah, sim... E de que vocês se alimentavam? Qual era os pratos que vocês faziam?

E o que é que vocês comiam?

*Ah, tinha... batata doce, aipim, feijão, tinha carne..*

Aham.

*Carne...*

E outra coisa que eu pensei estes dias, tia.... se vocês chegaram a passar fome naquela época?

*Não! Nunca passemos fome! Graças a Deus! Nunca.... nunca...*

Muito bom.... Como se chamavam seus pais?

*Era João José Gonçalves e Maria Isabel de Brito Gonçalves.*

E como era a relação entre eles?

*Era boa...*

O que é que a Senhora lembra deles.... como...?

*Ah, eu...*

Qual era o papel de cada um dentro de casa?

*O meu pai era mais assim.... no campo, mas ele não era muito.... Que eu me lembre eles eram bem unido os dois, né!?*

Aham.

*Na verdade, eu perdi o pai eu não tinha.... eu tinha onze.... nem onze anos, eu não tinha.*

Sim... então não tem muitas lembranças ...assim...?

*Não. Não, tenho não...*

Aham.

*Mas eu sei que se davam bem e tudo...*

Sim... e como se chama o seu marido?

*Nelson Mendes dos Reis.*

Você teve quantos filhos?

*Dois.*

E onde eles nasceram?

*Em Caxias.*

Em Caxias...?

Aham... e estudaram aqui também?

*Também.... aham...*

E como era o seu dia a dia nessa época, em que a senhora morava lá no Pai Bitu?

O que é que fazia? Acordava que hora?

*Ah, nós tinha.... teve uma.... quando nós era... eu tinha... ah... onze anos, levantava às quatro hora da madrugada para ir tirar leite para fazer queijo...*

Aham...

*Nós fazia isso.*

Sim... e daí ia almoçar que hora?

*Ah..., ao meio-dia a mãe sempre tinha o almoço pronto para nós.*

Ah, aí voltava da lavoura e ia...?

*Isso. Nós ia capiná na lavoura e tudo...*

E depois, na tarde, voltava a trabalhar na lavoura?

*Também! Voltava a trabalhá...*

E ia dormir que hora?

*Ah não, dormir ia cedo...*

Tá...quem eram os seus vizinhos e qual era a relação que vocês tinham com eles?

*Ah, nós tinha a Dona Lucinda. A relação era muito boa com a Dona Lucinda...*

Aham...

*Tinha o seu Franklin. E tinha a Dona Seledonha, a Dona Antônia...*

E vocês se frequentavam, se visitavam seguidamente?

*Na Dona Antônia, sim. E na Dona Lucinda, também...Nós ia visitá...*

Como eram as roupas que vocês utilizavam?

*Eram.... das vezes eram umas calças*

Aham...

*... comprida, né!?*

Sim, sim...

*Porque lá é... essas coisas... ou se não saia ou vestido, assim...*

E quem fazia essas roupas?

*Era... como é que é o nome?... a Irema Batista.*

Era uma costureira...?

*Era costureira.*

E tudo que vocês tinham...?

*É. Era ela que fazia a roupa nossa.*

Como vocês se deslocavam campo à fora naquela época? Que tipo de meio de transporte utilizavam?

*A cavalo.*

Tanto nas curtas quanto nas longas distâncias?

*Sim... era a cavalo.*

Era sempre a cavalo?

*Sim.*

E para onde, de modo geral, vocês iam? Quais lugares frequentavam?

*Nós frequentava, ali, no Lava-Pé... no Lageado Grande...*

Aham...

*O Passo do Inferno, também, mas não era muito... Nós ia...*

E o que é que vocês iam fazer lá?

*Passeá.... comer nas festas que tinha...*

Ah, nas festas...?

*É, nas festas..*

E para você o que era morar no campo e quais as principais diferenças de viver na vida da cidade?

*Ah, no campo.... era meio difícil, sabe?... Mas eu tenho saudades do campo...*

Era difícil por quê? Qual era a grande dificuldade?

*Ah, era mais por causa.... que a gente tinha dinheiro só quando vendia uma vaca, uma coisa assim, né!?*

Aham...

*E aqui a gente trabalhava, então a gente tem...*

Sim... e quando você decidiu ir embora do Pai Bitu?

Ah, foi a minha mãe que decidiu para vim embora.... Foi a minha mãe...

E quais as razões que motivaram a procurar um outro lugar para viver? A

senhora sabe por que é que ela decidiu vir?

*Ela decidiu vir porque ela viu que lá não tinha mais condições. Não tinha como... assim.... emprego para ninguém.*

Aham...

*E ela decidiu para vim para cá pra eles estudarem e trabalhar.*

E... e a Senhora sabe quando começou o plantio de pínus lá no Pai Bitu?

Não...

Não?

*Não.*

E a Senhora entende que esse tipo de plantação modificou muito...?

Sim!...

... o lugar?

Aham...

E o quê...?

*Secou a água lá... tudo.*

Aham... e a senhora vê os benefícios e o prejuízo da plantação deste cultivo... do pínus?

Ah, eu acho que sim.... que tem mais prejuízo do que ...

E a Senhora acha que houve alguma pressão daquelas pessoas que plantam eucalipto ou pínus lá? Para adquirirem as terras antigas daquelas pessoas?

*Eu acho que sim, né!?*

Aham... e de que você sente mais saudade de antes, do antigo Pai Bitu? Deste de antes das plantações..? Qual era...?

Pra te ser bem sincera.... eu não tenho saudades do Pai Bitu.

Não tem?

*Não tenho.*

Nenhuma?

*Nenhuma! E também não gosto muito de lá...*

Não gosta?

*Não!*

Por que, tia?

*Não sei.*

E sente saudade da sua juventude.... ou enfim, infância?

*Ah, sim!*

É?

É. Era ... Porque.... a gente depois que vem de lá para cá.... A gente sofreu muito, né?!

Aham...

*Não tinha emprego, não tinha nada...*

Sim...

*A gente sofreu bastante.*

É isso aí, então tia. Muito obrigado.

\* \* \* \* \*

Tia, na minha pesquisa eu estou estudando a transformação do Pai Bitu. Então, eu gostaria que a senhora contasse como era na sua época de infância e o que que está diferente hoje em dia.

*Gilda: Bom, lá não tinha carro, era só carreta. Ali onde nós morava, não tinha assim... não que nem agora, agora entra carro e tudo. Mas naquela época não tinha, era só cavalo e carreta.*

Tá, e o que que isso era diferente de hoje? Quanto tempo demorava? Como que as pessoas se deslocavam?

*Gilda: Ih, a gente levava pra vim mais que uma duas hora eu acho...*

Pra ir até onde?

*Gilda: Até no Lav... até no Lageado Grande, nós levava três hora. Três hora a cavalo.*

*Nelson: Não, duas hora.*

*Gilda: A cavalo nos levava três hora no Lageado Grande.*

*Nelson: Não duas?*

*Gilda: Aceno negativo de cabeça. Aonde a gente ia à missa. Mas era de três em três mês.*

Tinha uma capela lá?

*Gilda: Sim.*

E a lenha, de onde tirava?

*Gilda: Do mato. De carreta.*

Sempre de carreta? A carreta era o transporte oficial?

*Gilda: Agora, a Armira vai te explicá bastante, porque ela era amais véia da família, sabe mais.*

*Nelson: Eu vim de Gravataí até São Francisco.*

Quanto tempo levou?

*Nelson: Eu era pequeninho, tinha três ano.*

Lembra disso?

*Nelson: Faz 50 ano, mais ou menos.*

*Gilda: Ora, Nerson, 50 ano? Se tu tem 78?*

*Nelson: Faz 50 ano, mais ou menos, né?*

75, tio.

*Nelson: De carreta. Tinha uma peticinha preta. Eu andava nessa peticinha preta, tinha uns dois três na garupa, né!?*

Tio, senta ali do lado dela pro senhor contar suas histórias.

*Nelson: Minha peticinha preta. Nós vinha de lá e tinha galinha na carreta.*

Tio, senta ali do lado da tia pro senhor contar suas histórias também. Senta li do lado dela que eu filmo suas histórias também, depois o senhor vai aparecer na TV também.

*Nelson: Setenta e cinco faiz?*

*Gilda: Sim tu tem setenta e... ele é de 37.*

Ele é de 37, ele vai fazer.... que dia ele faz aniversário?

*Gilda: Ele é de 20 de dezembro.*

É verdade, né. Então ele vai fazer setenta e nove.

*Gilda: E eu sou de 38. Dia 25 de agosto.*

*Nelson: Eu tenho 77 ou 78?*

O senhor tem setenta e oito, vai fazer setenta e nove.

*Gilda: E eu, tenho 70 e...?*

A senhora é de quando? 38?

*Gilda: É.*

Vai fazer setenta e oito.

*Gilda: Agora em agosto, né?*

Isso. Tem setenta e sete. É uma menina ainda...

*Gilda: Sim, claro!*

E conta essa história da carreta aí, tio...

*Nelson: Eu vim de carreta de Gravataí?*

Mas o senhor nasceu em Gravataí?

*Nelson: Hã?*

Nasceu em Gravataí?

*Nelson: Aham, minha mãe era de lá. Minha mãe era de lá e meu pai aqui do Juá.*

*Meu pai, era... naquela época levava boizinho, terneiro pra vender lá.*

E como que era o nome de seu pai?

*Nelson: Joaquim Ricardo dos Reis...*

Ah sim.

*Nelson: Das moça.*

Das moça? Mas ah!

*Gilda: A mãe dele era Mendes ali de Gravataí.*

Ah sim.

*Nelson: Tenho um irmão que mora lá ainda. Quero ir lá... nesse verão quero lá dar uma hora lá.*

E esse irmão é mais novo ou mais velho?

*Gilda: Não, é mais velho.*

*Nelson: Tem uns 80 e poucos anos.*

Quem era o mais novo, era o senhor?

Gilda: Não, era o...

Ou o Ary?

*Gilda: Não, o Ary era o mais velho.*

Era o mais velho de todos?

*Gilda: O Ary sim. O mais novo dos home era o Antonho.*

Ah tá. Onde que mora o Antônio?

*Gilda: Aqui no Bela Vista, ali pra cima.*

E a Júlia?

*Gilda: A Júlia mora aqui no Bela... Sagrada Família.*

*Nelson: Tenho duas irmã no Sagrada Família. Três, tem o Orides, meu irmão que também mora Sagrada Família.*

Sim. E onde é que a senhora conheceu essa figura aí?

*Gilda: Ah, nós era tudo conhecido ali do Juá, por ali.*

Eram tudo vizinho?

*Gilda: Ali pelo Apanhador, Juá.*

*Nelson: O Ary era casado com a irmã dela, meu tio Mário era casado com a irmã dela.*

Tá tudo... misturou as famílias.

*Nelson: Viu como é que é?*

O Algenor também era primo, não?

*Gilda: Era.*

Então, juntou uma família com a outra.

*Nelson: O Algenor era primo.*



Era primo, né?

*Gilda: O tio Mário era tio.*

O senhor, irmão do Ary. E se conheciam nas festas de igreja, nas festas de família assim? Como é que se conheciam as famílias se visitavam?

*Gilda: Ah, de vez em quando se visitavam.*

Sim, sim.

*Gilda: Mas era muito difícil nós saí.*

É? Por causa da distância?

*Gilda: A distância e nos era uma família muito grande, né.*

Ah tá. E não tinha transporte pra todo mundo?

*Gilda: Não, não. Não tinha.*

Levava um pouco?

*Gilda: Sim, um pouco por vez.*

Aham.

*Gilda: Se saía esse final de semana.... no domingo saía três, no outro domingo saía mais os outros três.*

Mas, geralmente, saía mais os homens do que as mulher?

*Gilda: Ah, toda a vida... os homi. Eu era a última, as outras todas saía, eu não, porque eu era a mais nova.*

Ah, a senhora era a mais nova de todas? Eu pensei que fosse a Belinha.

*Gilda: Não, a Belinha era das mais véia. Era a Armira, depois a Belinha...*

A Almira e a Armi.

*Gilda: Sim, que eram gêmeas. Era a Almira, a Armi, a Belinha, depois era a Odila, Depois era o Wirso, depois era a Aura, depois que era eu.*

Ah tá. Depois era o pai e o tio Lila.

*Gilda: Não, depois de mim era o Nerso, o Roni, depois era o Juca, e depois era o*

*Lauri.*

Sim.

*Gilda: Que tinha o Joãozinho, que era o mais novo, que é aquele que faleceu.*

Ah sim. O que caiu do cavalo?

*Gilda: É.*

Não tinha um que era gêmeo da Belinha?

*Gilda: Tinha, mas aquela faleceu.*

Era uma menina?

*Gilda: Era uma menina também.*

Que a mãe teve as duas vez, as primeira duas vez filho, tudo gêmea.

*Gilda: Ganhô quatro filho assim...*

*Nelson: Omento que é uma beleza. Dobrou.*

Então nasceram...

*Gilda: Duas vezes gêmeas. A Armira e a Armi, depois Belinha e a falecidinha.*

E vocês ficavam em casa, fazendo o trabalho de casa e os guri iam saí?

*Gilda: Nós só ficava trabaiando na lavoura, essas coisa.*

E o que que vocês faziam... em casa?

*Gilda: Ah, nós tirava leite, fazia queijo, e pegava... era muito difícil saí, porque era muito... de longe assim. A gente cortava pasto pro gado, pras vaca. Era esse serviço nosso.*

*Nelson: Lavá ropa... tinha umas 15 pessoa pra fazê bóia.*

Era panelão, então, hein?

*Gilda: Sim, era panelão.*

Costurava também?

E quem fazia lã era mais....

*Gilda: A Belinha era mais. Ela fazia bacheiro, essas coisa. A Belinha.*

Aham, eu me lembro dela lavando a lâ. E vocês criavam... tinha hortinha para casa, pequena? Ou vocês vendiam alguma coisa que plantavam?

*Gilda: Não, só fazia queijo.*

Não tinha uma horta pra vocês comer?

*Gilda: Ah não, horta sim. Horta tinha sim. A gente prantava batata, milho.*

Era as coisa pra casa.

*Gilda: Sim, feijão.*

*Nelson: O véio, então, a cada 15 dia matava uma oveia.*

A cada 15 dia matava uma ovelha?

*Nelson: A cada 15 dia.*

*Gilda: Oito dias, nós matava ovelha. Oito dias!*

Uma por semana?

*Gilda: É, uma por final de semana.*

Era muita gente também, né?

*Gilda: Imagina, doze treze fio. O que que tu qué?*

*Nelson: Porco no chiqueiro.*

*Gilda: Não, isso aí a gente tinha tudo. Mas não era fácil.*

Sim.

*Gilda: Nem estudá... Eu nunca fui num colégio. Nunca, nunca, nunca. Aprendi ler, assim, em casa. Sei lê tudo, né.*

E o que a senhora gosta de ler? A senhora lê?

*Gilda: Ah, eu gosto muito de ler o jornal.*

O Pioneiro.

*Gilda: Ah, o jornal, bá. Adoro! De manhã cedo, a primeira coisa. Das veiz nem tomo banho. Depois vou ler, pra depois tomar banho.*

E qual a seção do jornal que a senhora prefere?

*Gilda: ah, ali dos morto.*

Pra ver se não tem alguém conhecido?

*Gilda: É isso aí.*

*Nelson: De manhã, a primeira coisa (dela) é o jornal.*

*Gilda: E gosto de ver os jogo. Gosto de ver futebol, os resultado ali. Eu gosto muito de ver.*

E a senhora é gremista ou colorada?

*Gilda: Não, não.*

É Juventude, Caxias?

*Gilda: Eu não sou de nada, mas se fosse era pra ser Caxias e colorado. Mas eu não sou de nada.*

*Nelson: O irmão dela é colorado o Juca. Doente.*

Doente do Caxias.

*Gilda: É, aquele é doente do Caxias.*

*Nelson: Ela puxa o saco do irmão.*

*Gilda: Não é isso, mas se eu fosse, pra mim era isso, né.*

Tá, e me conta mais daquele tempo? Como era as coisas? O que que vocês mais gostavam de fazê?

*Gilda: O que que nós mais ia fazer? A gente tinha que fazer essa cois, porque não tinha outro... E das vez tinha terço lá num cemitério, daí nos ia tudo a pé porque era pertinho. Iam tudo a pé lá no cemitério que tinha.*

Pra rezar o terço?

*Gilda: Sim.*

Era costume ir no cemitério botar flor e essas coisa?

*Gilda: É. Sim, daí nós ia lá... aham... e o falecido levava, né... então assim... porque tinha lá terço assim no cemitério e daí...*

Juntava os vizinho?

*Gilda: Isso. Daí nós ia, porque era perto. Daí a fiarada ia tudo. Mas não era fácil.*

Não era fácil por quê? Não tinha final de semana, assim, tinha? Pra pará?

*Gilda: Não, não tinha nada.*

Era um dia atrás do outro...

*Gilda: Sim.*

E por que que era tão difícil?

*Gilda: Ah, porque a gente não tinha condições... condições... assim... de carro, cavalo não tinha pra tudo, né? E como é que tu... pra doze? Comé que tu tinha encia e cavalo? Cavalo até que tinha, mas encia, não. Então, não era fácil. Pra genti ri. Nós quase sempre a pé. E era uma turma.*

Essa questão de tirar lenha no mato, assim, vocês pegavam alina menor, o tronco menor, ou como faziam?

*Nelson: Teu pai não ia a pé. Pegava a mulinha dele, a Curruíra.*

*Eu: Ah, ele tinha uma mula?*

*Nelson: Tinha uma mula, Curruíra. Tinha o mair cuidado da mulinha dele.*

*Gilda: Quando eles iam pra lavoura... pro mato, eles iam serrá a lenha. Não tinha motosserra, essas coisa.*

Serravam com serra?

*Gilda: Com serra, com serrote. Um pegava aqui, outro ali. Nós pegava e fazia.*

Pegava tora dali...

*Gilda: Sim. Depois traziam ali pra casa. Depois ali em casa que eles rachavam. Mas o falecido pai quase sempre tinha os homi pra fazer esse serviço.*

Pra ajudar...

*Gilda: Isso.*

*Nelson: A mulinha Curruíra do teu pai.*

E era fogão a lenha ou fogão de barro?

*Gilda: Fogão a lenha.*

*Nelson: Fogão a gás não tinha naquele tempo.*

*Gilda: Não, barro, Nerso. Não, nós era mais o fogão a lenha.*

E o que que vocês cozinhavam? Quais as comidas que vocês faziam no dia a dia?

*Gilda: Feijão, arroz... carne, né, fazia galinhas das vez...*

E a carne era mais carne de ovelha ou era de gado?

*Gilda: De gado, o pai só matava em... maio. Então, era galinha e ovelha.*

Por que em maio?

*Gilda: Ah, eles tinham o tempo de matá, era maio.*

Aham.

*Gilda: Nós prantava repio, couve-flor. Essas coisa a gente tinha tudo. Tinha batata. Batata tinha sempre.*

Eu: E vocês, além do Lava-Pé, iam para lugares mais distantes que esse?

*Gilda: Oia, das vez ia no Passo-do-Inferno, outra vez ia no Canela.*

E o que faziam no lá Passo-do-Inferno?

*Gilda: Passeá, tinha festa, daí iam nas festa. E ali no Lavp-Pés das vez tinha a missa, tinha a festa, tinha as crisma lá, tudo els tinha. No Lageado Grande sempre tinha missa, de três em três mês.*

*Nelson: Quando i no mercado, ia de cargueiro.*

Ia de cargueiro?

*Nelson: Cargueiro no cavalo. Dois cargueiro.*

E o que vocês compravam no mercado?

*Nelson: Levava queijo, comprava de tudo.*

Ah, trocava por queijo?

*Nelson: O salva-vidas era o queijo.*

É mesmo?

*Nelson: É, negociava os queijo lá. Levava queijo grande, bastante.*

*Gilda: O falecido pai comprava farinha de trigo, farinha de milho, arroz, açúcar.*

Então era o queijo que dava o dinheiro pra comprar as coisa pra casa?

*Gilda: Era o falecido pai que vendia os queijo.*

*Nelson: Sim, levava os cargueiro cheio de queijo.*

E naquela época, o campo não estava tão modificado quanto hoje, não é?

*Gilda: Não, não tava não.*

*E como que era o campo naquela época?*

*Gilda: Ai, ele não era assim que nem agora. Ele era muito mais melhor tudo.*

Melhor como? Em que sentido?

*Nelson: Não era repartido, era um campo só, né.*

Ah, era tudo contínuo, um campo contínuo.

*Nelson: Repartiram depois que começou a entrar os genro, os filho.*

Ah, cercando tudo.

*Nelson: Repartindo um pedaço pra cada um, né. Era um campo só.*

*Gilda: E a mãe das vez... o pai tinha pinheiro, vendia. E aí o falecido pai comprava os boizinho pra inverná, depois ele vendia.*

Tinha pinheiro, depois ele vendia a lenha, a senhora quer dizer?

*Nelson: Tinha uma invernadinha só de boi.*

*Gilda: Não, não. Depois ele vendia os pinheiro pra serraria.*

Ah sim.

*Gilda: Ali em casa nó tinha uma serraria, do João Cândido.*

*Nelson: Olha, o teu avô tava se ajeitando pra vendê os pinheiro pra comprá tudo em campo. O negócio dele era campo e vaca, não era outra coisa, né.*

*Gilda: Daí ele faleceu.*

*Nelson: E nisso aí, ele ficou doente e morreu.*

E ele morreu cedo? Morreu com que idade?

*Gilda: Morreu com ses... senta e dois anos.*

*Nelson: Venderam os pinheiro, se foi o dinheiro.*

*Gilda: Imagina, o Joãozinho ficou com um ano.*

O plano dele era comprar mais campo com os pinheiros?

*Nelson: Naquele tempo não tinha pensão, não tinha nada. Isso aí ia deixar tudo os filho bem de vida. Mais de cem hectare cada um ia ficá. Cem pra ela, cem pro*

*Negrinho, com aquela compra que ele ia fazê.*

*Gilda: Mas tu vê, depois ele adoeceu e morreu. Deixou doze filho pra mãe criá sozinha, não era fácil.*

Aí começou a dividir e se foi tudo.

*Gilda: Ah sim.*

*Nelson: Não tinha pensão naquele tempo não tinha nada. Doente do coração, consumiram com o dinheiro.*

*Gilda: Não era fácil assim.*

*Nelson: O que eu senti era que meu sogro morreu novo. Não conseguiu vender os pinheiro pra comprá o campo. Deixou pra turma. Era a ideia dele. Mas não deu tempo, né.*

E a vó também morreu cedo?

*Gilda: Morreu.*

Com 50 e...

*Gilda: E oito. E o pai com 62.*

Mas ele também foi do coração?

*Gilda: O pai não. Acho que ele tinha... deu três veiz a pontada e acho que ele não se cuidô. Daí, então...*

*Nelson: Não se cuidava. Tinha as vaca e os terneirinho. Não vou no médico, deixá essa gurizada aí, viu? Deixá as vaca com os terneirinho pequeno e a gurizada pequena e saí pro médico, não ia. Aconteceu o quê? Não cuidô, né!?*

Não fez o tratamento...

*Nelson: A pneumonia se tu não tiver curado, na terceira vez tu morre.*

*Gilda: Três vêiz.*

*Nelson: Morreu pra não deixá as vaca sozinha e a gurizada.*

O que vai se fazer?

*Gilda: É, não adianta.*

Vocês vieram pra Caxias antes...



*Gilda: Não, nó viemo bem depois que ele morreu. Bem depois.*

E que idade a senhora tinha quando ele morreu?

*Gilda: Ai, acho que eu tinha... onze anos, eu acho. Mas naquele tempo, onze anos, era uma criança.*

E daí foi difícil sustentá a casa sem ele?

*Gilda: Ah, muito fácil não foi, né. Mas só porque a mãe tinha... eles tinham bastante...*

Tinham guardado?

*Gilda: É. Então foi indo. Mas não era fácil, pra se sustentá doze criança. Ela tirá daonde? Era do leite e quando tinham os boizinho que se vendiam. E assim era. Não era fácil! Doze criança... claro que a gente tinha alguma verdura, alguma coisa. Mas assim mesmo. E vestí?*

O tecido também comprava com queijo?

*Gilda: Ah, acho que o pai comprava, fazia tudo e depois a Armira cortava e fazia.*

E que tipo de roupa ela fazia pra vocês?

*Gilda: Ah, fazia vestido. Calça, que naquele tempo era slack. Fazia as brusinha, tudo assim.*

E o frio no inverno?

*Gilda: Ah, no frio no inverno, não era fácil.*

Só com uma roupinha.

*Gilda: Uma roupinha, umas carcinha de pelúcia. Das veiz nem tinha... os tamanquinho.*

Pra ir pra lavoura?

*Gilda: É isso aí. E a gente ia com frio cortá pasto pra dá pras vaca pra gente tirá o leite, né.*

Bem sofrido, né?

*Gilda: Ah, não. Claro que é.*

E com que idade a senhora veio pra cá?

*Gilda: Com 18.*

Com 18 anos, vieram pra Caxias?

*Gilda: Aham.*

E já vieram morar aqui na sua casa? Nessa casa?

*Gilda: Nessa casa, só que viemo morá aqui, não tinha luz, não tinha água. Daí ficava o dia e durante a noite, nós ia lá na minha madrinha Maria. Os guri pousavam aqui.*

E só tinha esta casa aqui...

*Gilda: Só.*

Nas redondeza?

*Gilda: Não, não. Tinha a do compadre Oliveira e da dona Naira. Tinha três casa com a nossa.*

Nesse morro aqui?

*Gilda: É, no morro todo tinha só essas três casa. Ah, Nerso. Com esse teu cigarro aí.*

*Nelson: Tá fedido?*

*Gilda: Não, não está fedido. Tá cheiroso.*

*Nelson: Tá aberta a porta.*

*Gilda: E nós viemo embora pra cá, depois foi muito difícil. Não se arrumava serviço, né.*

O que que tinha pra trabalhá aqui em Caxias quando vocês vieram?

*Gilda: Ah, tinha metalúrgica. Tinha o Gazolla. Tinha o Eberle.*

*Nelson: Tinha o Michellão aí.*

*Gilda: Tinha o Michellão.*

*Nelson: Cantina de vinho. Tinha uns 400 empregado ali.*

*Gilda: Mas não era fácil pra gente pra peg... tinha a Madezatti. Que o seu Domingo aqui arrumô pro Roni e o Juca. Ia lá na Madezatti amarrá uns*

*pauzinho lá, sei lá o que que era.*

Mas isso eram empregos pros homens, e pras mulheres faziam o quê?

*Gilda: Fazê o quê? Não tinha serviço. Não tinha!?! Tinha mas... que nem eu não tinha jeito de arrumá serviço.*

Por que, tia?

*Gilda: Ai, eu... tinha um coitadinho dum veio aqui que queria... me levava sempre no Michellão pra tentar... acho que era pela aquela queimadura que eu tinha no rosto. Chegava na hora assim e tavam percisando. Eu cheguei lá e pedi, o seu antonho disse que tinha, vai lá que tem, mas chegou na hora e disseram, não, nós não temo mais. No outro dia, começaram a pegar tudo de novo. Naquela época fazia diferença disso, né.*

E qual o primeiro emprego que a senhora arranjou aqui, que a senhora conseguir trabalhar fora?

*Gilda: Ah, depois eu fui trabalhá aqui na Maria Alice, custurá e bordá. Daí eu sabia... eu aprendi bordá e custurá, daí pegaram.*

E que idade a senhora tinha, mais ou menos?

*Gilda: Eu tinha uns 20... uns 30 e poucos anos.*

A senhora ficou bastante tempo sem trabalhar.

*Gilda: Mas claro! Não tinha. Não conseguia. Daí eu peguei aqui na Maria Alice, bordá e custurá.*

E quanto tempo a senhora ficou lá?

*Gilda: Ali eu fiquei dois anos e meio. Depois, mudou lá pra baixo. Depois eu peguei aqui no Nelson Bianchini. Ali eu fiquei treze anos. Costurando e... e depois o Nelson Bianchini foi à falência. Daí eu fui no seu Pedro. Aí no seu Pedro eu fiquei 17 anos até me aposentá. E depois eu trabaiei mais dez anos aposentada.*

Bá, é uma vida.

*Nelson: A vida é boa, mas tem que lutá muito.*

Certamente.

*Nelson: Não dá pra amolecê muito o corpo.*

*Gilda: Não era fácil.*

E lá no Pai Bitu, o único jeito de viver, dos vizinhos também, era de vender queijo? O que eles vendiam lá?

*Gilda: Ah, era só queijo.*

Criavam as ovelhas e faziam o queijo?

*Gilda: Sim. E de gado, né. Um gadinho.*

Não tinha plantação assim pra venda também? Ou era só pro consumo?

*Gilda: Aham.*

Era só pra comer?

*Gilda: Sim.*

*Nelson: Era só pro gasto, mesmo.*

*Gilda: Não, o pai tinha lá a roça de milho, mas era pra alimentá os bicho.*

*Nelson: Não podia vendê, era só pra dá pros animal. Mas a vida lá fora era muito boa.*

Muito boa?

*Nelson: Muito boa.*

Por que, tio?

*Nelson: Por que sim. É só trabaiá, que tem tudo.*

*Gilda: Então por que tu não gosta de ir pra fora? Acha boa a vida. É... vocês acham que é fácil levantá cedo, tirá leite, com frio e tudo.*

Que horas vocês levantavam?

*Gilda: Teve uma época que nós levantava quatro hora da madrugada.*

*Nelson: Na geada, de tamanca. De chinelo ou tamanca. De pé no chão, quase.*

*Gilda: De pé no chão, né, mas...*

Na geada de tamanquinha.

*Gilda: Nós acordava às quatro hra pra tirá leite. Logo que o pai morreu, que aí tinha bastante vaca de cria. Depois foi diminuindo. Mas nós levantava quatro*

*hora da madrugada. Eu me lembro... eu acho que era que nem o Gabriel (o neto deles, de treze anos), até menos, eu me fazia que tava durmindo, mas não adiantava. Chamavam e nós tinha que alevantá.*

Naquele friozão.

*Gilda: Aham.*

E todos trabalham igual, assim, os guri e as guria? Ou tinha divisão de serviço assim?

*Gilda: Era tudo que... mas tinha uns mais baseado assim que incomodavam os pequeno.*

E que eram os baseados, tia? Pode dizer, que a gente não conta pra ninguém?

*Nelson: Pra tratá das vaca, era o Juca. Pra levá e tratá, era ele. O teu pai era só os porco e as galinha.*

*Gilda: Não, o Juca não era não. Era a Almira, o Wirso. Aqueles lá eram medonho.*

Ah, o pai era só dos porco e das galinha?

*Gilda: Não o Roni e o Juca, esses aí trabalhavam. Mas o Wirso e Almira era medonho. Nós levantava cedo e eles ficavam na cama pra vê se sescapavam de tirá leite.*

*Nelson: Se a galinha tinha não ovo, era fechada. Mas se tinha, eles iam lá e soltavam. Cada um tinha um servicinho pra fazer.*

*Gilda: Não era... e ropa assim quem mais lavava era a Odila. E nós tinha que carregá água lá do poço, que nós vinha com os balde, mas aí nós botava um pau aqui no ombro de um lado e do outro no ombro do outro.*

E se a senhora... se vocês morassem lá hoje em dia e oferecessem pra vocês de... igual que estão fazendo lá agora, de plantá eucalipto assim pra vendê, que o campo tá todo livre, é um jeito que as pessoas arrumaram de vivê, né. Vocês também fariam a mesma coisa? Se o jeito de vivê lá é esse?

*Gilda: Acho que não, porque prantaram e hoje ninguém qué.*

Está tudo jogado lá.

*Gilda: É. Tá tudo.*

E o que a senhora acha que eles poderiam fazer pra viver lá assim? É só ovelha e...

*Gilda: E o gado, né. Pra poder viver assim, é o gado.*

É só o gado que tem saída lá?

*Gilda: É isso aí.*

*Nelson: Hoje mudô, hoje todo mundo é aposentado lá fora.*

*Eu: Ah, tem a aposentadoria rural, né.*

*Gilda: Agora sim.*

Mas e os novo, né? O que os novo vão fazer, e os filho?

*Nelson: Esses mais velhote tão tudo aposentado. As irmã dela e os cunhado tão tudo aposentado.*

*Gilda: Agora, né. Mas naquela época ninguém era aposentado.*

*Nelson: Morreu o meu sogro e a falecida minha sogra não tinha uma pensão, não tinha nada. Naquela época não tinha, né.*

Sim, quem era do campo não tinha direito a nada.

*Nelson: Agora tá boa a vida. Todo mundo se encosta, todo mundo se aposenta.*

*Gilda: Ah, mas só coma aposentadoria lá fora, também não dá.*

*Nelson: Não mas e as vaca de leite, os porquinho, senão fica tudo parado.*

Mas e os novo, vão fazer quê? Eles vem tudo pra cidade.

*Gilda: Eles vem pra cidade, vão fazer o quê?*

Todos os novos de lá vieram pra cidade.

*Gilda: O Divalso, os filhos dele estão tudo na cidade.*

*Nelson: Ele tá aposentado lá também.*

*Gilda: Sim, Reis. Tudo bem, eles estão aposentado, mas os filho vieram tudo pra cidade, porque eles não vão ficar lá... trabalhando no quê?*

Até a questão de saúde, assim, como é que era lá?

*Gilda: Isto. Ah, saúde era brabo. Tinha que vim no Canela. Era muito brabo.*

Sim, não tinha médico.

*Gilda: Aquela vez que o Joãozinho caiu do cavalo, deu uma chuva muito forte, fech... trancou ali a cachoeirinha. Não dava passage. Ele ficou dois dia daquele jeito, quando trouxeram pra Canela, não adiantou mais nada.*

*Nelson: Por causa do tombo. Tem que socorrê na hora, né. Não deu passo. Lá no campo qualqué chuva ataca o pessoal.*

*Gilda: E depois lá o pessoal era meio assim, assim. Acharam que não era nada. Daí quando troxeram, ele ficou... mas aí não adiantou mais, porque deu uma chuva muito forte e não dava pra passá. Morreu com sete anos.*

Agora a senhora pode falar o que a senhora quiser falar. Aquilo que a senhora sempre gostaria de ter falado mais nunca ninguém lhe perguntou. O que poderia ser?

*Gilda: Eu não gostava de ter saído de lá. Mas depois como fomos.... teve que saí, eu fiquei muito assim, bá... até hoje não gosto de ir lá no Pai Bitu. A gente morava lá. Aí teve que saí... vim embora, porque lá não tinha mais outra coisa.*

A senhora acha que se tivesse um jeito de ter ficado lá, vocês não teriam vindo embora?

*Gilda: Ah, eu acho que sim.*

Tiveram que vim porque foram meio expulsos assim?

*Gilda: Não é bem assim expulso, mas era o único recurso, porque olha quantos tinham lá sem trabalhá e não tinha serviço. Nó tivemo que vim embora pra Caxias.*

*Nelson: Família grande. Ficou tudo esparramada.*

*Gilda: Só que aqui também não foi fácil. Até os primeiros tempos. Não foi fácil. Que a gente não pagava aluguel, né.*

*Nelson: Quem tem dois, três fío dá pra ficar lá, mas quem tem um monte aí, não dá.*

*Gilda: Não dava, porque daí depois a mãe já arrendou o campo, depois... não tinha lá... porque tinha o Roni, Nerso, o Lauri e eu, tudo lá sem trabalhá. Não dava, né.*

E alguém permaneceu lá?

*Gilda: O Wirso.*

É, Wilso. A tia Armi também, não?

*Gilda: A Armi, o Wirso, a Armira. Depois saíram.*

Mas todos já eram casados?

*Gilda: Sim. E a Belinha... e o Mário.*

E eles permaneceram lá por que já eram casados ou o quê?

*Gilda: Eu acho que sim. Porque já tinham o cantinho deles lá e tudo.*

Já tinham uma vida estabelecida, então?

*Gilda: Isso! Já tinham de tudo. O Mário era muito caprichoso, muito... tinha de tudo.*

*Nelson: E tinha dois filho. Ter dois finho é uma coisa, mas aí tem deiz...*

*Gilda: O Mário tinha de tudo lá na lavoura dele, até vender pi... como é que é o nome daquele?... feijão ele vendia.*

Ah, ele fez uma horta e vendia.

*Gilda: O Mário sim.*

Tinha uma época que ele plantava pêssego também, né?

*Gilda: Sim. O Mário tinha assim o tino pra vendê.*

*Nelson: Feijão.*

*Gilda: Feijão sim, mas sempre tinha outras coisa. Ele plantava de tudo, mas que nem lá em casa nós... tudo também era gurizada. O que nós vamo fazê?*

E se vocês tivessem permanecido lá, vocês acham que teria sido mais difícil do que foi?

*Gilda: Ah, eu acho que sim. Acho que era mais difícil que agora.*

*Nelson: Se vive lá?*

*Gilda: É, era mais difícil.*

Acho que era isso, né?

*Gilda: Pelo menos aqui tuvê, a gente tem a casa, trabaia, tá aposentado. Então,*



*acho que aqui... é mais assim, mais... mas não era muito fácil.*

Então tá. Muito obrigado, tia!

*Gilda: Imagina.*

### **Transcrição: Tia Almira**

Então pode começar dizendo seu nome, de onde a senhora vem, quem são seus parentes...?

*Almira: Ih, meus avós têm uns que eu nem conheci.*

Mas eu também não conheci meus avós... só uma, a Natalina.

*Almira: Só?*

Sim.

*Almira: Dos meus avó, eu conheci só o Chico Cipó. Diz que era Chico Cipó. Não sei como era o nome dele. O pai da mamãe.*

E por que se chamava Cipó?

*Almira: Porque diz que pegaram eles... era no tempo que se criavam assim no mato. Dizem eles. Diziam eles. Eu não sei, que é eles que contavam.*

E a avó como se chamava? A mulher do Cipó?

*Almira: Ele era Francisco o nome do vovô.*

E a avó?

*Almira: Marial Isabel. Era Isabel o nome da mamãe.*

Para aí que eu não entendi: quem era o Chico Cipó?

*Almira: O Chico Cipó era o pai da mamãe. A Gilda não disse?*

Não, nem me lembro. E a mãe dela, como era?

*Almira: A mãe dela eu não sei como é que era, não cheguei a conhecer.*

Não tem problema. Não se preocupa, conta a sua história.

*Almira: Mas daí tu corrige pelo do que as gurias disseram.*

Claro, claro. E dos seus pais, a senhora conheceu os avós?

*Almira: Não, nem a Gilda conheceu. Ninguém conheceu.*

Morreram cedo? E seus pais, como se chamavam?

*Almira: João José Gonçalves e Maria Izabel de Brito Gonçalves.*

E quantos filhos eles tiveram? A senhora lembra dos nomes de todo mundo, dos seus irmãos?

*Almira: Sim, primeiro foi eu e a Armi. Depois veio a... os que morreram eu não vou contar.*

Conta também. Lembra?

*Almira: Os que morreram eu não me alembro.*

Então conta só dos vivos mesmo.

*Almira: Primeiro foi eu e a Armi. Depois a Belinha e a falecidinha, que é a Maria José. Daí a Aura, a tá Odila, o Wirsão, a Gilda, o tio Juca, o Nerso, teu pai e o tio Lila. São quantos?*

Ah, nem contei. Depois a gente conta.

*Almira: Depois conta direitinho para ver quantos dá.*

A senhora sabe o nome de todos com quem eles casaram?

*Almira: Sim, eu era o falecido João Cândido. A Aura, Algeu Gil. A Armi, Mário Ricardo. A Belinha, Algenor Ricardo... dos Reis acho que se assinava. A Odila, Ary Mendes.*

E o tio Wilsão...

*Almira: O Wilsão e a Iraci, a tia Ziza.*

O tio Nelson?

*Almira: O tio Nelson e a tia Noeci.*

E o pai...?

*Almira: O teu pai, a tia Gélia.*

Depois o tio Lila.

*Almira: É, o tio Lila e a Alice. Só que daí tu corrige pelos outros, que estão mais certos.*

Tia, me conta como era a família naquela época e o que tem de diferente de hoje?

*Almira: E, muita coisa...*

Muita coisa como? Me dá uns exemplos aí.

*Almira: Meu Deus! Lá de onde nós morava... tu quer saber do que? Do modo de viver, dessas coisas assim?*

É.

*Almira: Daí então se criemo lá com toda a turma... no tempo do falecido papai, né... depois aí a gente foi crescendo, trabalhava na lavoura. Tirava leite, fazia queijo, de tudo um pouco. E umas cuidava, que nem meu que era mais velha, cuidava dos outros que era pequeno, né. Para mamãe poder tirar o leite e fazer o queijo. E o falecido papai ia trabalhar nas lavouras, lavourar, cortar pasto para botar para secar para no inverno ter, para dar para as vacas.*

Em que casa vocês moravam?

*Almira: na casa que a tia Ziza mora lá no Pai Bitu. Só que era diferente, era um casarão que nossa... tenho saudade daquela época, às vezes eu vejo na minha frente tudo direitinho.*

Era maior? Como era?

*Almira: A casa era casa grande. E tinha... a sala era uma sala branca comprida, me alembro de ter, parece que estou enxergando. Depois e um quarto. Dali daquela sala tinha outra salona grande onde fazia os baile.*

Fazia baile por lá?

*Almira: Capaz, daí os outros iam fazer, porque os véio não tirava a gente. Nós ficava em casa.*

Era baile para a vizinhança?

*Almira: Não, daí os véio e os rapaz, quando a gente começou a ficar mocinha, ia fazer serenata lá pra dançá. Daí era outro salão grandão, bem quadrado, bem*

*grande. Daí tinha mais outro quarto. Nessa parte da sala que dava os baile tinha dois quarto. Aí tinha mais uma salinha. Meu Deus! Mais outro quarto e mais outro quarto. E ali encompridou e a casa se foi... na época acho que o falecido desmanchou uma outra casa véia que tinha e fez mais outra parte para aumentar e fez mais outra parte, porque era muita família, grande. Daí para aumentar daí fez mais a cozinha, a sala de janta, a de visita e uma outra varandinha para fazer queijo. Ah, eu tenho saudade daquelas casa. Meu Deus! Um forno véio do tamanho do... meu Deus! Nem sei te dizer de que tamanho era o forno de barro que fazia para assar o pão. Era fora, saí da cozinha, que era de chão, daí não tinha assoalho. Daí tinha uma porta que era a casa do forno.*

Ah, uma areazinha?

*Almira: É. A casa do forno... mas era um forno.*

Assava quantos pão assim?

*Almira: Ai, mais de, quero ver, mais de 12 pão.*

Nossa!

*Almira: Mas era um forno! Coisa mais linda!*

Do tamanho da minha casa esse forno.

*Almira: Deus o livre!*

E quantos dias durava esse pão?

*Almira: Capaz, a mãe fazia num dia...*

No outro dia já não tinha mais.

*Almira: Desmanchava uma fornada... dava 7 pão cada, fazia duas por dia, duas vez por semana, sexta e quarta, para sustentar a fiarada.*

Era gente, hein!?

*Almira: Era muita gente!*

E tirava farinha de onde?

*Almira: Ia buscar lá embaixo, em três Coroas.*

Em Três Coroas?

*Almira: Aham! Era onde iam, de cargueiro. Levava cavalo.*

E quanto tempo de viagem dava?

*Almira: Saía lá de casa, pousava no Salto, para adiante do Salto um pouco, no descer o morro. Levava dois dias para chegar onde fazer o rancho, para voltar para casa.*

E trocavam por queijo?

*Almira: Sim, levava queijo para vender. Nós fazia tricô para pegar um dinheirinho. Fazia meia, fazia polôver, fazia casaco. Levava e vendia lá.*

Até isso dava dinheiro?

*Almira: Aham!*

E a lã, vocês que fiavam?

*Almira: Nós que fiava. Eu não sei onde é que tá, eu quero arrumar um fia...*

Uma roca?

*Almira: É!*

Deve estar lá na casa da tia Belinha...

*Almira: É, ela que vivia fiando.*

É.

*Almira: Acho que tá por lá. Porque hoje ninguém conhece isso aí, não adianta eu contar para essas mais novas. Não adianta eu dizer. Não entende, não sabe o que que é e acham que não é verdade.*

E como fazia com a lã?

*Almira: A lã da ovelha? Sim, a gente lavava. Ficava bonita! Daí lavava, secava e daí fiava. Tanto eu como qualquer uma de nós fazia.*

E levava muito tempo fiando?

*Almira: Não, é rapidinho. Vai puxando, vai puxando. Se a lã é boa, num instantinho sai uma roca.*

Faz um novelo.

*Almira: Aham! Tinha que ter o aparelho, o negócio aquele de fiar. Tudo isso tinha que ter, para mostrar. Por isso que eu disse que muito coisa não adianta, assim, dizer se eles não verem. Hoje em dia, a maior parte nem sabe o que que é isso.*

Achei legal isso que a senhora contou, que nem a Gilda lembrava, que vocês também vendiam blusão de lã.

*Almira: Vendia, nós fazia. Nós levava... eu dava graças a Deus quando nós ia. Eu ia muito de a cavalo, de madrinheira. Eu ia na frente e os cargueiro atrás. Adorava ir. Chegava lá nós fazia nossos negocinhos pra comprar as coisinhas que nós queria.*

Que coisinhas?

*Almira: Coisinhas, tu sabe das guria que era faceirinha. Ainda querem comprar uma coisinha, um pozinho, um brindezinho.*

Um perfuminho?

*Almira: É, mas ora!?! Os véio não dava.*

Queriam se emperiquitar?

*Almira: Claro, capaz! Comprava roupa, às veiz, queria comprar um calçado. Assim nós fazia. Mas nós passava o inverno fazendo. Só esperando o dia de ir pra lá pra vender, as meia.*

E de quando em quando vocês iam pra lá?

*Almira: Ah, nós levava uns dois mês, ele fazia rancho pra três mês.*

Fazia o estoque lá?

*Almira: Aham, trazia aquelas sacadas... sabe aqueles sacos de farinha que tem nos moinhos? Era de saco, não era de quilo.*

Sim. De quantos sacos trazia por vez?

*Almira: Trazia açúcar, farinha, farinha de milho, farinha de mandioca, porvilho, feijão. Feijão quase sempre a gente colhia. Feijão, batata essas coisas. Arroz.. tudo sacos. De saco! Meu Deus!*

A farinha de trigo usava para o pão...

*Almira: Sim, o pão.*

E a de milho?

*Almira: Para pão também, rosca, pão de milho. Coisa boa um pãozinho de milho torrado.*

Polenta?

*Almira: É, polenta.*

E a farinha de mandioca?

*Almira: Pra fazer farofa de... paçoca, que nem paçoca de pinhão mas de carne. É, pra fazer paçoca. Fazer aqueles revirado como nós falava. Daí fritava uma galinha e fazia aquela farinha com galinha. E nós comia, porque era o que tinha.*

Além de galinha, o que mais vocês criavam no pátio?

*Almira: Galinha, pato, peru...*

Que mais? Porco?

*Almira: Porco, ovelha. E as criação, né. As vaca, para fazer o queijo.*

E vocês tinha muitas vacas? Na média, quantas?

*Almira: Tinha bastantinha. De 30 pra cima.*

Bá, era bastante!

*Almira: Sim, só as vaca, né. Fora os boizinho que ele botava noutra invernada, para engordar pra vender.*

Ah, sim. E quem cuidava de tudo isso?

*Almira: O pai e nós. As criança, ele botava todo mundo no trabalho.*

Não tinha distinção.

*Almira: Não tinha, tanto fazia ser mulher como homem, guria. Tudo trabalhava. Deus o livre! Às vez essas mulher se queixam. Queria que passassem o que a gente passou lá fora.*

Me conta o que vocês passaram, tia, o que era mais difícil?

*Almira: A gente já nem achava difícil. A gente nasceu e se criou no meio dos bicho. Era tudo fácil. Tudo fácil.*

Mas o que que era difícil naquela época, tia?

*Almira: Ah, mais difícil pra sair, que a gente não podia sair porque para sair tinha que ser a cavalo. Tinha que ter quantos cavalo? Então, saía... às vezes quando o falecido saía com nós, a mamãe ficava, levava as guria. As menina, como ele dizia, vou levar as menina. Quando a mamãe saía... era difícil. A mamãe sempre era a caseira. Era pra tudo. E a gente mais saía mais com o pai.*

Eles tinham muita diferença de idade entre um e outro, tia?

*Almira: Capaz, a mamãe é... o primeiro casamento da mamãe, da tua avó, ela tinha 17 e o marido, o véio, 72. Essa fotografia desse véio andava lá pela casa da tua mãe, não sei o que foi feito.*

Bá, nunca vi essa fotografia.

*Almira: É mas ela foi consumida lá praqueles lados, pra lá, o falecido Manoca. Foi o primeiro marido da mamãe, só que com esse ela não teve filhos. Os filho vieram com o falecido meu pai, que quando ela ficou viúva, ela casou com 17, com 18 ela ficou viúva. 18, 19... com 20, ela casou a segunda vez, que foi com meu pai. Daí que veio a turma, as herdeiras. A mamãe casou com 20 e ele com 40 anos, o segundo marido. Ele já tinha 40.*

Então ela lhe teve com 20 anos, 21?

*Almira: É com uns 21, 22 por aí. Eu e a Armi, mas dali diferença de um ano, nós semo, acho, uma da outra, veio mais 2. Aí deu 4.*

Aí deslanchou...

*Almira: Aí começou. Bá, era um atrás do outro. Eu acho que... não sei se é o Lauri... Como é que é? Não sei se é o Lauri e o Negrinho que são diferença de 9 mês um do outro. É, não era mole.*

Não deu nem a quarentena.



*Almira: Tá louco! Deus me livre!*

Era um procriador esse velho também.

*Almira: Decerto ele pensava assim, casei com essa guria nova, vou dar bastante fio pra não fic pensando coisa ruim. Mas ora... os véio antigamente era muito safado.*

E hoje em dia também.

*Almira: É... não se cuide pra ver. Daí desandou. Coitada da mamãe!*

E vocês ajudavam na criação dos bichos assim, ajudavam a tratar, levantavam cedo?

*Almira: Daí quando nós queríamos um pontinho, o falecido papai só ficava tomando chimarrão, de perna encruzada e mandava, faça isso, faça aquilo, e ele só ficava oiando.*

Só coordenando.

*Almira: Só. Bá, nós passemos trabalho lá fora.*

E que hora vocês acordavam?

*Almira: Pra tirar o leite, de madrugada quando a gente, na época que eu já tava grandinha, ali por umas 3 e meia, 4 hora, já pulava da cama.*

Naquela época vocês tinham relógio, assim, para controlar o tempo? Como vocês controlam o tempo?

*Almira: Na sombra! Bá, quando era meio-dia... a gente ia pra lavoura carpi ou arrumava um peão pra trabaiá, quando era ali às 11 e meia, parava no meio da lavoura, né, pra ver a sombra onde é que tava. Pela sombra, eles sabia o horário. Meio-dia, a gente tava pisando bem em cima da gente, não aparecia sombra. É...*

Bá, que legal! E como a senhora conheceu o tio João?

*Almira: Conheci lá na Fazenda Souza. Fui num baile lá e me achei com ele lá. Mas eu... no casamento do Mário... ele foi o casamento do Mário.*

Que idade a senhora tinha?

*Almira: Nós tinha 18 anos. Eu e a Armi. A Armi casou bem primeiro que eu. Eu*

*casei com 25 já.*

A senhora conhecia ele de vista já?

*Almira: Não, conheci no casamento do Mário. No casamento da Armí, que casou com o tio Mário.*

*Almira: Mas daí, eu gostava dos outros também, não era só dele. Aí larguei mão. Aí tratemo de ir o baile no Juá que ele ia, mas tinha um outro que eu gostava e ele disse que ia. Eu não quis ir o baile, fiquei em casa, capaz.*

Ia dar confusão...

*Almira: Não fui no baile e deixei. Daí passou. Aí passou anos. Passou uns dois anos, um ano, nem sei. Nunca mais vi ele, nada. Nem notícia. Aí a Armí e o Mário foram passear lá no Paulino, que tinha casado com a Otília, e a Ziza era mocinha nova. Nós era amiga de baile. A Ziza era mocinha nova e o Nelsinho. Aí chegemo lá, numa quinta ou sexta, nem sei mais direito, e tinha um baile na Vila Oliva. Daí convidaram nós pra ir. Lá saímo a cavalo. Jantemo e fomo pro baile, Ficava pertinho. Pertinho, mas tinha que ir a cavalo. Daí eu disse pra Ziza, antes de sair pro baile, olha se o João tiver lá, eu vou namorar ele. Mas ora, cheguei lá, o primeiro que enxerguei, aquele baita home.*

E a senhora bem miudinha e ele um grandalhão.

*Almira: Ele era muito alto. Ali na fotografia que eu tô de noiva, eu tive que botá um banquinho pra mim subi em cima. Pra ficar meio da altura dele. Pode olhar, que tem. Eu acho que a tua mãe tem fotografia nossa lá. Ah, vocês... ficou lá por causa que era da tua mãe.*

Nem sei.

*Almira: Ainda se acertemo. E não, então... no outro dia saímo. Viemo a cavalo um bom pedaço. Ele foi pro seu lado, e eu fui me embora. Fomo pra tia Ziza, pro Paulino.*

E de onde ele era?

*Almira: Ele era do Apanhador. Daí foram morar pra Fazenda Souza, Santa Lúcia do Piaí. Aí se acertemo. Ele começou a me visitar. Deu casamento.*

E a senhora casou com 25 anos?

*Almira: Aham. A Armi, com 18.*

Primeiro veio quem? O José Mário, né?

*Almira: Veio o José Mário, depois veio o Maneco. Depois o Carlinho. Depois os dois único era pra ser umas guriazinha, ele tava muito faceiro, muito faceiro que ia vim as moça. Que nada! Os dois eu ganhei no hospital.*

Aqui em Canela?

*Almira: É. Daí eles... o doutor disse... e ele muito faceiro, só esperando as guria dele... quando nasceram, disse o doutor: João, dois colorados. Ficou muito desenxavido, mas fazer o que, né? Dois colorado. Dois machinho, ele dizia. Dois colorado.*

Me diz uma coisa, tia, a senhora disse que os dois últimos foram em médico. Os anteriores foram de parteira?

*Almira: Capaz, foi tudo de parteira em casa. Hoje, Deus o livre! Dá uma dor de barriga numa muié aí, sai correndo, direito ao médico.*

Foi sofrido? Qual foi o mais sofrido?

*Almira: Eu nem sei. Diz que a Nossa Senhora passa a mão na cabeça e a gente se esquece das coisas. Porque tem muitas que dizem, ai, eu não quero mais, chega, é só este. Olha, que a Nossa Senhora passa a mão na testa de vocês e vem outro. Que nada, dize, não quero mais. Que nada! A dor é só aquela hora.*

E depois esquece...

*Almira: Esquece, a Nossa Senhora faz esquecer.*

E lá para esse forno a barro que vocês faziam o pão, vocês tiravam lenha de onde?

*Almira: Do mato, carregava nas costas. .*

Vocês mulher que buscava?

*Almira: Tudo era nós.*

Fazer o pão também?

*Almira: Fazer o pão e tudo. Chegava de Natal, então a mãe fazia aquelas fornada de pão e de doce que Deus o livre. Até hoje me alembro.*

E vinha parente pro Natal ou era só vocês?

*Almira: Só nós, mas vinha as visita. Quando vinha ficava 3, 4 dias. Era muito longe das casa, né. Chegava os compadre, cegava os tio.*

E quem era as visita?

*Almira: Os irmão do falecido papai, os tio. Os irmão da mamãe. A irmã, a mamãe tinha só uma irmã.*

Quem era ela?

*Almira: A tia Celina. A mãe do... como é que era o nome dele? Deixa eu me alembra... Que a Gilda é muito amiga... do Vicente. Mora ali em Caxias.*

Ah tá...

*Almira: Sabe?*

Aham.

*Almira: A Gélia conhecia muito.*

Sim, sim.

*Almira: Sei que dava os... nós dava graças a Deus quando chegasse o Natal, meu Deus do céu. Não passava aquele ano.*

Por que gostavam tanto do Natal?

*Almira: Porque nós não saía. Nós não saía, daí chegava os dia santo e enchia a casa de visita, ou a gente ia passeá na casa de um compadre, duma... os passeio da mamãe com nós era na casa de uma madrinha dela lá... bom, não é do teu tempo. Lá onde a mamãe, quando foi embora daqui de Caxias, parou em casa dessa comadre dela. Então nós... dia de Natal, em casa da comadre Lucinda, como dizia a mamãe e dia primeiro do ano na casa da madrinha dela. Era só os passeio que a gente fazia a pé, pelo meio dos campo.*

Ficava muito tempo caminhando?

*Almira: Uma hora, meia hora. Ih, nós caminhava longe. Não tinha animal pra*

*todo mundo. Era muita gente.*

Aí a senhora casou e foi morar onde estava o Maneco por último?

*Almira: Não, eu fui morar no Apanhador.*

Ah, no Apanhador.

*Almira: É. Depois é que... quando morreu... como é que foi?... é, quando morreu o falecido papai. Quando eu casei, eu não tinha mais pai. Já tinha morrido. Ali onde o Maneco morava era herança minha. Tava campo, né. Eu morava com a mamãe. E quando casei, fui morá no Apanhador. Depois é que... tinha uma serraria ali embaixo. Daí o falecido João comprou a casa da serraria. Foi aonde nós morava. Foi quando nós voltamos dali pra não pagá renda de campo, essas coisa. Aí viemos morá ali.*

Construíram ali...

*Almira: É. E ficamos ali. Criei os filho ali. Até na escola, tinha escola dentro da minha casa.*

Como era essa escola?

*Almira: Escola do município.*

Dentro da sua casa?

*Almira: Não, numa varandinha, perto do galpão. Ali, tu não te lembra. Tinha o galpão e tinha uma varandinha. Daí naquela varandinha, o falecido fez uma sala. Daí a prefeitura levou os material, as classe e coisa, tudo pra lá. Aí ali nós montamos uma escola.*

E quem que estudava?

*Almira: Criamos os filho ali, estudando até o que deu. Depois...*

Os vizinho vieram estudar ali?

*Almira: Aham!*

Juntaram todo mundo na sua casa?

*Almira: Todo mundo ali.*

Que legal!

*Almira: 28, 30 criança.*

E quem que dava aula?

*Almira: Primeiro aula quem deu foi a Gilda, do Ulisses.*

Ah, sim.

*Almira: Daí não tinha professora e a Gilda tinha um estudinho. Aí nós levemo...*

E como era a vó Bela?

*Almira: Ih, ela criou tudo os filho quase sozinha. Daí que ficou viúva, foi pra Caxias. Estava só a Gilda e a... é só a Gilda solteira e os guri. O Wilso também já tinha casado. Daí o Wilso ficou morndo ali, na casa da mamãe, ele e a Ziza. E a mamãe foi pra Caxias, pra botá os filho trabalhá e estudá. Que estudá!?*

Foram pra Caxias só os solteiros, então?

*Almira: Sim, a mamãe com os solteiros.*

Aham.

*Almira: Eu acho que eu já morava no... não eu ainda morava lá no Apanhador. Que daí tinha casado a Aura, eu. Eu e a Aura casemo no mesmo dia.*

No mesmo dia? Fizeram uma festa só?

*Almira: Só. A mamãe não podia fazê duas festa. Daí fez por uma só. Daí eu e a Aura casemo no mesmo dia.*

E onde foi a festa?

*Almira: Em casa. Casamento em casa abaixo de chuva. Que barbaridade!*

Tinha bastante gente?

*Almira: O noivo veio a cavalo. Não tinha carro. Na época não tinha nem estrada ali. Tudo os noivo a cavalo, lá do Apanhador, vinha batê aqui, no Pai Bitu, a cavalo pra casá. Saía de madrugada.*

O dia inteiro viajando pra chegar até o destino?

*Almira: Sim.*

Chegaram tudo molhado no casamento?

*Almira: De capa. Diz que chegaram num capãozinho e tiraram as bota, pra não chegá sujo pras noiva.*

Queriam garantir a noite de núpcias...

*Almira: Mais, ora...*

Pelo menos com as botas limpa...

*Almira: Mas daí o noivo trouxe a fatiota na garupa. Num pessuelo. Naqueles pessuelo, sabe?*

Aham.

*Almira: O Jerri acho que tem. Eu acho que tem um pessuelo daqueles. Tá louco! Até os casamento eram difícil...*

Como é que eram essas festas de casamento? Daí carneavam?

*Almira: Aham, carneavam uma vaca. Carneava um porco e fazia assado. Fazia o churrasco e dava o almoço de churrasco. Fazia almoço, não era de noite.*

E quantas pessoas tinha, mais ou menos, na festa?

*Almira: Ih, só da minha parte e da Aura, tinha umas 40, 50 pessoa. Isso que convidava os só...*

E o vestido, como faziam?

*Almira: O vestido, eu tinha uma vizinha que sabia fazer vestido de noiva e daí ela que fez os vestido.*

Sim, ela comprava as peças de fazenda...

*Almira: Aham. A gente comprava, daí ela fazia. O padre veio a cavalo, o escrivão veio a cavalo. Todo mundo a cavalo. Passando o rio cheio.*

Com aquela chuvarada...

*Almira: Barbaridade! E assim a gente viveu lá. Ah, eu adorava aquela morada da mamãe lá. Aonde tu falou no forno, tinha arvoredado, arvoredado. Assim, tinha de tudo que era fruta.*

É?

*Almira: Mas não tinha o que não tivesse.*

Maçã, tudo?

*Almira: De tudo!*

Fazia as geleia lá, as chimias, as marmeladas...

*Almira: É. Tinha de tudo. Mas uns baita duns pé de macieira.*

Bá!

*Almira: Coisa mais linda! Terminou tudo! Meu Deus!*

Do que que a senhora sente mais saudade?

*Almira: Sinto saudade de tudo. Sinto saudade de lá. Barbaridade! Eu, um dia parece que ia enlouquecer, tive que sair porta afora. Saí caminhá. Assim, na minha cabeça, eu via tudo: o arvoredado, a casa, do jeitinho, as arrumação tudo. E comecei a pensá, e pensei, vai me dar uma coisa na minha cabeça e vou ficá meia louca. Fechei a casa e saí a caminhá. Fechei a casa, subi o morro e passô.*

E agora, né?

*Almira: Eu não sei como é que tem gente que diz... a Aura elas diz que vão lá, mas elas não têm vontade de voltar pra lá, que não gostam de lá.*

A Aura e quem?

*Almira: A tia Aura, a Gilda...*

A Gilda disse que nem gosta de ir lá.

*Almira: Mas ora, Deus o livre! Que saudade eu tenho daquele tempo. Passemo trabalho, mas era muito bom.*

Vocês acham que as pessoas eram mais felizes naquela época?

*Almira: Por alguma parte, eu acho. Deus o livre! A gente vivia toda a vida... chegava nos fins de semana, sexta-feira, a gente fazia aquela... a mamãe fazia pão, fazia tudo, pra esperá aquelas visita ou pras criançada mesmo, né. E a gente limpava a casa, varria. A Gente limpava aqueles arvoredado lá tudo. Deixava uma rua. E a gente gostava. Eu gostava, não sei.*



Sim.

*Almira: Quando era nos domingo, que não vinha ninguém, a gente saía a caminhá lá pelo meio dos campo. Subi em cima dos morro. Olhá pros lado. Era o que a gente fazia. As casa era tudo longe.*

E agora com as plantação de pínus isso fica mais difícil, né, de enxergar ao longe.

*Almira: É, não. É só mato. Eu nem sei...*

O que vocês enxergavam? O que procuravam?

*Almira: Tinha um morro lá numa parte que tem um morrão grande, a gente subia lá em cima do morro e enxergava São Francisco. De noite, de tardezinha, a gente enxergava até as luz. Aquilo já era um prazer pra gente, pois a gente não saía...*

Enxergava a cidade.

*Almira: É. A gente não via nada. A gente ficava faceira de ir lá, enxergá as luz. Só se via a claridade da luz. Mas a gente trabalhô bastante, meu Deus! Aqueles galpão véio tudo limpo, tudo arrumadinho. Hoje nem tem mais garpão. Mas eu tenho saudade de lá. Meu Deus!*

Eu me lembro do tio João com uma enxadinha arrumando a estrada, vai ficar uma faixa, fio. Bá, eu era bem pequeno.

*Almira: Era a faixa. Ia lá pra casa e ficava um mês lá em casa, eles. A tia Gélia com as crianças. E uma vez... eu acho que o Roni estava lá em casa... foi do tempo do Roni e da tia Gélia... eu não me alembro direito se é... tavam lá em casa e sei que daí tinha um primo deles que foi junto e daí morreu na água lá no Blande, pra lá praqueles lado.*

Primo da mãe?

*Almira: Meu. Sei que o Roni... eu acho que era o Roni e a tia Gélia que tavam lá em casa, com as criança tudo pequena, acho que não tinha tu ainda. Acho que a Márcia e o Jerri era pequinhinho, era só os dois que tinha. Mas era bom! A gente ficava tão faceira quando io pra lá que nossa.*

E quais os vizinhos que vocês mais frequentavam a casa?

*Almira: O compadre Antoninho Brito. Era muito amigo. E a comadre Cesarina, que é madrinha do Preto (o filho mais novo dela) com o compadre João de Deus (segundo marido da irmão gêmea dela). O compadre João sempre foi muito lá de dentro de casa, meu Deus do céu!*

E sempre contando os causo dele?

*Almira: Sempre. O compadre João era os que morava ali e que a gente mais se visitava. Tinha as tia, mas ficava longe... Era muito bom!*

Tiveram que sair de lá, então, por causa dos estudos dos filho?

*Almira: Sim, por isso que nós saímos.*

Isso obrigou vocês a sair.

*Almira: Senão, decerto, tava lá ainda, se não fosse isso. E o José Mário, quando foi... fez a quinta série ali e não tinha a oitava, daí foi lá pras tia. Aí o José Mário ficô lá com as tia, lá onde o José Mário mora, em Caxias, onde tem a casa dele é herança das tia. Deram pra ele e o Preto... Maneco. É a casa do José Mário onde os filho mora. Mas a gente tinha muita visita. Se visitava mais do que hoje, meu fío. Meu Deus! Hoje mais ninguém visita ninguém.*

Era costume, né?

*Almira: Deus o livre! Ninguém respeita mais ninguém. Morre hoje e amanhã já estão no bailinho, se tiver baile. É. Pra tu ver ali, ah... hoje não tem mais negócio de... ai, não sei se é sentimento ou o que que é, que quando morria um... se morria o pai era um ano. Um parente, não sei se era primo, era três mês e... tinha um seis mês, era uma coisa assim. Era de respeitá. Morria um vizinho lá fora, Deus o livre! A gente respeitava os vizinho. Aí dava aqueles terço lá, a gente ficava faceira. Dava graças a Deus, a gente não saí de casa. Dava graças a Deus quando dava um terço pra ir lá no cemintério vê os homi.*

Era passeio.

*Almira: Era passeio.*

Era diversão.

*Almira: Olha a cabeça da gente, como era. A cabeça da gente, se aprontava pra ir no terço lá no cemitério do barbudo. Era onde... era os passeio da gente.*

Sim.

*Almira: Não tinha onde ir.*

A senhora pode dizer uma última frase. O ue a senhora gostaria de dizer? Para deixar registrado... uma história que a senhora queira contar e que nunca lhe perguntaram... pode contar qualquer coisa e que a senhora acha que vai valer a pena contar.

*Almira: Nem sei, deixa eu pensar.*

Pode pensar.

*Almira: Eu acho assim que as coisas que eu mais sinto é a saudade dos lá do campo. Aquelas visitas que a gente tinha. Era tudo de coração, não era falsidade. Hoje não tem mais isso. É difícil. Pode ter, mas é difícil. É cada um pra si e cada um que se vire. Eu tinha vontade de ir pra lá. Mas sei que não volto.*

Eu acho que é isso. Quer dizer mais alguma coisa, tia?

*Almira: O que que eu vou dizer?*

A senhora sente saudade de ver o campo?

*Almira: É. Aham. Adorava! Aqueles arvoredos assim. Lá em casa mesmo, me alembro às vezes no meio-dia, porque a gente acordava cedo, né, meio-dia, às vezes, a gente ia deitar e aqueles arvoredos começando a florescer aquilo verdinho, verdinho, e aquelas florzinha tão bonita, que aqui a gente não vê. É difícil... e não dá nem pra plantar.*

Era isso então, vou desligar. Muito obrigado, tia!